



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

**ALINE FABRE DE OLIVEIRA**

*nós estamos aqui*  
os sentidos da bruxa, da opressão à resistência

São Paulo  
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

ALINE FABRE DE OLIVEIRA

**Nós estamos aqui:  
os sentidos da bruxa, da opressão à resistência**

São Paulo  
2021

ALINE FABRE DE OLIVEIRA

**Nós estamos aqui:  
os sentidos da bruxa, da opressão à resistência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pompeu.

São Paulo

2021

ALINE FABRE DE OLIVEIRA

**Nós estamos aqui:  
os sentidos da bruxa, da opressão à resistência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Orientador: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Membro Titular: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Membro Titular: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Por todas elas, que me ensinaram a ser. Por todas as que fui e as que ainda serei.  
Felizes voos a todas nós, mulheres benditas.

## AGRADECIMENTOS

Mãe e Pai. À vocês, meu amor e gratidão incondicionais. Vocês forneceram as instruções necessárias para eu caminhasse por esse mundo repleta de amor e fé. Nas minhas muitas partidas, foi sempre uma benção saber que eu tenho para onde voltar, e que esse lar permanece cheio de amor.

Dé e Bia. O amor de vocês me inspira. Obrigada por apoiar os meus sonhos, torcer por mim e celebrar comigo. Eu amo vocês e sei que serão pais incríveis.

Laurinha. No momento em que escrevo este agradecimento, você ainda não nasceu e no dia da minha banca você já estará aqui. Sua chegada me motivou a finalizar este TCC, para que eu passe a dedicar o meu tempo em descobrir o mundo com você. Meu coração já explode de amor por ti. Nós te esperamos do lado de cá. Que sua passagem seja iluminada, sobrinha.

Moreno. Eu me descobri bruxa ao seu lado, e você me amou assim. Fui ficando cada vez mais cercada de cartas de tarô, banhos de ervas e rituais menstruais, e você continuou aqui. Das tantas coisas que me fazem te amar, essa é uma especial. Obrigada por aconchegar meu coração, pelas escutas e leituras pacientes e a inteligência com a qual você melhorou minhas ideias. Obrigada por apoiar sua bruxa local. Te amo con locura, cariño.

À Tekila, meu animal familiar. Obrigada por me lembrar dos instintos, da espontaneidade e de que a hora certa para brincar é a hora que a gente sentir vontade. Por deitar na grama sob o sol ao meu lado. Por me ensinar que a mesma força feroz que mostra os dentes e sabe rosnar também sente medo da tempestade.

Àquela que ficou comigo a vida inteira (literalmente). Bruna, eu não conheço a vida sem você ao meu lado e que lindo é poder dizer isso. Que o caminho juntas seja para esta e todas a vidas, pois é sempre melhor com você. Te amo, amiga.

Aos meus irmãos de alma, Maria, Ana, Quito, Pedro e Guto. De muitas formas, nosso caminhar nos trouxe ao 6/6 e é aqui que quero ficar para sempre. Obrigada pela magia de cada um e por serem o abrigo onde minha alma descansa. Vocês são tudow.

Às minhas primas (e primos também). Eu cresci rodeada de mulheres mais novas e mais velhas que se amam, se respeitam, festejam, gargalham, gritam, correm, esbravejam, choram, endurecem, amolecem, enfrentam e seguem juntas. O amor que conheci dessas mulheres é uma das bênçãos que ganhei nessa vida.

À ECA USP: *escola da minha vida, meu amor*. Foi neste lugar que a mágica aconteceu. A universidade pública é um ambiente necessário, e a ECA é cheia de particularidades que fizeram dos últimos anos os mais transformadores, divertidos e intensos. Moldou completamente quem eu sou hoje e eu jamais vou me esquecer. *Sou aurirroxa, ecana, fanática* e meu coração sempre estará ao lado de ti.

À ECA Jr: Mari, Belle (bruxinha responsável pelas figuras), Guga, Sista, Marcus, Tutu, Naclouds, Caião, Denise, Gabi, Ginha, Gabs, Kenjinho, Lirou, Mans, Lau, Liv e Gu. A intensidade de tudo o que vivemos dentro e fora da salinha 2 transborda meu coração de amor. Obrigada por tudo que foi e tudo que ainda virá. Graças a vocês, minha chama sempre estará acesa.

À família RP NOT 16: Ju, Bru sis, Gi sis, Van sis, Davi, Pivo, Fefo, Toni, Mazi, Mia, Jubi, Bião, Raquel, Luana, Cuca, Lau, Luiza, Yasmin, Isa e Malu. A vida ecana foi muito mais do que eu poderia sonhar graças a vocês e sinto um amor enorme por fazer parte disso. Não saiam de perto.

Às ecanas que caminharam comigo: Laura, Tamis e Bia. Obrigada por tanta cumplicidade, tanto colo, tantos brindes de breja e tanta vida dividida. Amo vocês.

Às minhas anjas madrileñas: Iolanda, Nathália e Victoria. Vocês foram meu lar quando estávamos longe de casa. Amo vocês e estou com saudades.

A jornada do TCC teve o auxílio de pessoas que a tornaram mais fácil: Cris, minha terapeuta e bruxa mentora, obrigada pelos processos juntos e por acreditar no feitiço deste trabalho comigo; Bruno, meu orientador, obrigada pelo esforço em compreender meu tema e pela paciência, liberdade e confiança concedidas à mim; Anatriz, obrigada pela magia linda de dar vida artística à capa deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os seres e entidades visíveis e invisíveis que ficaram ao meu lado. Por cada sussurro ao meu coração. Por cada inspiração concedida. Pela proteção. Pelos conselhos em sonhos e oráculos. Que minha escrita seja sempre uma forma de honrar meu amor por vocês.

Graças a todas e todos vocês, eu estou aqui.

## RESUMO

OLIVEIRA, Aline Fabre. **Nós estamos aqui:** os sentidos da bruxa, da opressão à resistência. 2021. 155 f. Dissertação (Bacharelado de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

O objetivo central deste estudo é verificar a participação da comunicação na consolidação do imaginário coletivo acerca da figura arquetípica da bruxa. Para isso, primeiro buscou-se entender o que são o inconsciente coletivo e os mitos; segundo, apresentou-se um contexto histórico da Caça às Bruxas na Europa e no Brasil e como este fenômeno relaciona-se com o advento do sistema capitalista; terceiro, foram desenvolvidas análises das representações mais famosas de bruxas na Era Contemporânea (internacional e nacionalmente), estruturadas de acordo com os ciclos culturais propostos por Lucia Santaella e suas respectivas plataformas comunicacionais. A presença constante desta figura nos conteúdos comunicacionais e a sua variedade de abordagens influenciaram na formação de um grupo que se reconhece como bruxa e que é cada vez mais plural em seus recortes e narrativas, estas agora contadas em primeira pessoa. O estudo evidenciou a multiplicidade de sentidos que a bruxa acumulou no repertório humano ao longo das eras, transitando de um símbolo de opressão a um símbolo de resistência.

**Palavras-chave:** Bruxa. Bruxaria. Imaginário. Comunicação. Lógicas Culturais.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Aline Fabre. **We are here:** the witch's senses, from oppression to resistance. 2021. 155 p. Dissertation (Bachelor Degree in Social Communication with habilitation in Public Relations) - School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2021.

The central objective of this study is to verify the impact of communications over the construction of the witch archetype in the collective imagination. In order to achieve this, first it was necessary to understand the concepts of collective unconscious and myths; the second step was to present a historical context on the Witch Hunts in Europe and Brazil, and how this phenomenon relates to the advent of the capitalist system; thirdly, the development of various analysis on the most popular representations of witches on Contemporary Era (internationally and nationally), structured according to the cultural cycles proposed by Lucia Santaella and their respective communication platforms. The constant presence of this character in communication content and its multiple approaches influenced a group of people that recognizes themselves as witches, becoming more plural by the day in its representations and narratives, which are now being told from their own perspective. The study evidences the multiplicity of meaning which the word witch accumulated in humanity's repertoire throughout the ages, moving from a symbol of oppression to a symbol of resistance.

**Keywords:** Witch. Witchcraft. Imaginary. Communication. Cultural Logics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Cuca representada em Sítio do Pica-pau Amarelo e Cidade Invisível.	51
Figura 2 — Morgana, a bruxa boa de Castelo Rá-Tim-Bum.	52
Figura 3 — Representações artísticas populares da Pombagira.	53
Figura 4 — Bruxa da série Pica-Pau e Dona Clotilde, Bruxa do 71, da série Chaves.	53
Figura 5 — Marie Laveau, Madame Blavatsky e Dion Fortune.	55
Figura 6 — Ato político do grupo feminista W.I.T.C.H. contra a bolsa de Nova York.	57
Figura 7 — Páginas do site da Escola de Magia e Bruxaria do Brasil.	59
Figura 8 — Capas dos livros infantis.	63
Figura 9 — Capas dos livros infantis sobre bruxinhas não-convencionais.	64
Figura 10 — Jules Michelet e seu livro de corrente romântica A Feiticeira.	65
Figura 11 — Livros da corrente racionalista.	66
Figura 12 — Livros da corrente culturalista.	66
Figura 13 — Livros de estudiosas feministas.	67
Figura 14 — Livros de estudiosas brasileiras.	68
Figura 15 — Leland, Murray e Graves, autores da corrente romântica.	70
Figura 16 — Gardner, o pai da Wicca Gardneriana, e Valiente, a avó da bruxaria.	72
Figura 17 — Alex Sanders e Maxine Morris, “rei e rainha dos bruxos”.	73
Figura 18 — Raymond Buckland, fundador da Saxon Wicca, e Rosemary Buckland.	74
Figura 19 — Betty Friedan e sua obra Mística Feminina.	75
Figura 20 — Z Budapest, fundadora da tradição Bruxaria Diânica.	75
Figura 21 — Starhawk e sua obra A dança cósmica das feiticeiras.	76
Figura 22 — Margot Adler e sua obra Drawing down the moon.	77
Figura 23 — Fadas da Disney: Fada Azul, Fada Madrinha, Sininho e o trio Flora, Fauna e Primavera.	85
Figura 24 — A Rainha Má, Madame Kim, Malévola, Úrsula e Mamãe Gothel.	86
Figura 25 — A Bruxa Má do Oeste, Dorothy e Glinda em O Mágico de Oz.	88
Figura 26 — As bruxas de Convenção das Bruxas, Abracadabra e Abracadabra 2.	89
Figura 27 — As bruxas de Espelho, espelho meu e Caminhos da Floresta	90

Figura 28 — Os remakes de Oz: Mágico e Poderoso e Convenção das Bruxas	90
Figura 29 — As bruxas das comédias românticas: Jennifer, Gillian, o trio de Eastwick, Elvira, as irmãs Sally e Gillian, Isabel, Angelique e Elaine Parks	92
Figura 30 — Sabrina, Aprendiz de Feiticeira: a revista da Archie Comics, o filme com Melissa Joan Hart e a recente série da Netflix.	95
Figura 31 — Jovens Bruxas: Bonnie, Nancy, Sarah e Rochelle.	96
Figura 32 — Jovens Bruxas - Nova Irmandade: Tabby, Frankie, Lily e Lourdes.	100
Figura 33 — Morgana, de As Brumas de Avalon.	102
Figura 34 — Filmes da saga de Harry Potter.	103
Figura 35 — “Armada de Dumbledore”, “Ordem da Fênix” e “Comensais da Morte”	106
Figura 36 — Parque O Mundo Mágico de Harry Potter em Orlando.	108
Figura 37 — A exposição The Making of Harry Potter nos estúdios Warner.	108
Figura 38 — Os dois primeiros filmes do spin off Animais Fantásticos.	109
Figura 39 — As personagens Feiticeira Branca e Malévola.	110
Figura 40 — As bruxas dos filmes Caça às Bruxas, Branca de Neve e o Caçador, João e Maria: Caçadores de Bruxa e O Último Caçador de Bruxas.	113
Figura 41 — As bruxas de Salém.	115
Figura 42 — Cenas do filme Silenciadas.	117
Figura 43 — Capas dos filmes de terror.	119
Figura 44 — Capas da trilogia Rua do Medo.	120
Figura 45 — Cenas do filme Rua do Medo: 1666 - Parte 3.	122
Figura 46 — Personagens da trilogia Rua do Medo.	123
Figura 47 — Antiga página do website witchvox.com.	128
Figura 48 — Perfis do Instagram de Bruxas influenciadoras e suas escolhas de bios.	129
Figura 49 — Perfis do Instagram de Bruxas influenciadoras e politizadas.	131
Tabela 1 — Retrato dos perfis de Instagram de bruxas influenciadoras	135
Figura 50 — Hashtags #witchtok e #witchtokbrasil no TikTok.	137

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 DO INCONSCIENTE COLETIVO ÀS DEFINIÇÕES DECLARADAS</b>	<b>18</b>
2.1 Inconsciente coletivo: o arcabouço humano	18
2.2 Como nasce a denominação “bruxa”?	22
2.3 Substantivo feminino: a palavra e seu uso cultural	24
<b>3 EIS A HISTÓRIA: AQUELAS QUE FORAM CHAMADAS “BRUXAS”</b>	<b>27</b>
3.1 Bruxaria histórica na Europa: como o Capitalismo abortou a bruxa	28
3.2 Do lado de cá do oceano: a bruxaria no Brasil colonial	39
3.3 O declínio da perseguição	45
<b>4 A ERA CONTEMPORÂNEA E OS CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ AQUI</b>	<b>48</b>
<b>5 ELAS ESTÃO NA CULTURA ESCRITA E NA CULTURA IMPRESSA</b>	<b>60</b>
5.1 Publicações literárias infantis	61
5.2 Publicações acadêmicas	64
5.3 Publicações esotéricas	69
<b>6 ELAS ESTÃO NA CULTURA DE MASSA E NA CULTURA DAS MÍDIAS</b>	<b>79</b>
6.1 Animações	83
6.2 Fantasias infanto-juvenis e Musicais	87
6.3 Comédias românticas	91
6.4 Fantasias adolescentes	94
6.5 Aventuras	101
6.6 Ação	111
6.7 Dramas	113
6.8 Terror	118
6.9 O que podemos aprender dos filmes?	123
<b>7 ELAS ESTÃO NA CIBERCULTURA</b>	<b>126</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>140</b>
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE A	153

*Por todas as filhas inteligentes, desconhecedoras, sem rumo e pelas que tudo sabem... pelas filhas que estão avançando direto ou que prosseguem aos trancos... pelas que estão aprendendo a chorar novamente... pelas que estão aprendendo a gargalhar... por todas elas, não importa se estão saudáveis, curadas ou não, não importa de que classe, clã, oceano ou estrela... por todas as filhas que herdaram amor em abundância de antepassadas queridas que já se foram, mas que mesmo assim ainda fazem visitas... por todas as filhas que um dia ouviram por acaso o conselho de uma sábia destinado a outros ouvidos, mas essas "palavras certas na hora certa" causaram uma centelha que iluminou seu mundo daquele momento em diante para sempre... por todas as filhas que ouviram a sabedoria, não a entenderam, mas a guardaram para o dia em que conseguissem compreender... pelas filhas que remam sozinhas e cujas antepassadas escolhidas foram por necessidade encontradas em livros queridos, em imagens norteadoras captadas no cinema, na pintura, na escultura, na música e na dança... [...]*

*Por elas... abençoadas sejam suas belezas, tristezas e buscas; que sempre se lembrem de que perguntas ficam sem resposta, até que sejam consultados os dois modos de enxergar: o linear e o interior.*

(Estés, 2007, p. 105-106).

## 1 INTRODUÇÃO

*Yo no creo en brujas. Pero que las hay, las hay*<sup>1</sup>.

O famoso ditado popular castelhano é uma ótima forma de ilustrar como costumamos encarar esta criatura que povoa nosso imaginário: a bruxa é frequentemente relegada ao mundo irreal da fantasia; ainda assim, sociedades a temem por toda parte desde a Era Medieval à Contemporânea. Mesmo que a humanidade tivesse certeza de que a bruxa é apenas uma entidade fictícia, então o que justificaria mulheres reais terem sido mortas sob tal acusação se ela não existe? E como é que ela continua sobrevivendo tão rica em significados e fazendo-se ainda tão presente na cultura ao longo de tantos e tantos séculos?

Uma das vertentes de estudo da Comunicação diz respeito à construção e atribuição de significados a algo por meio de suas representações. Olhar para as representações históricas e contemporâneas da bruxa aumenta nosso repertório cultural e nossa consciência crítica acerca de uma figura que é tão imaginária quanto real, tão mística quanto política.

É difícil definir quem são as bruxas<sup>2</sup>, pois esta figura arquetípica acumulou um grande repertório de símbolos e significados ao longo da história humana. É incontestável que as práticas mágicas estiveram presentes em todas as formações de sociedades desde a Antiguidade até os tempos mais modernos. No caso da Baixa Idade Média, o imaginário popular sobre a bruxa a associava às seitas satânicas e heréticas que praticavam feitiçaria maligna e realizavam pactos diabólicos. Foi o maior produto do discurso anti mágico proferido pelas instituições religiosas do Ocidente<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Eu não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem (autoria desconhecida, tradução nossa).

<sup>2</sup> Quando falamos de bruxas, estamos falando de mulheres (todas elas, cis e trans). Evidentemente, existem e sempre existirão homens e identidades não binárias que inserem-se neste meio enquanto bruxos, feitiçeiros, magos e alquimistas — de forma alguma isso deve ser desconsiderado. Entretanto, a história da bruxa é, acima de tudo, uma história da tentativa de controle do corpo da mulher, de seu comportamento e de seu papel de gênero. Não à toa a divisão sexual do trabalho começou a consubstanciar-se paralelamente ao episódio da Caça às Bruxas na Europa.

<sup>3</sup> O departamento de propaganda nazista, por exemplo, conseguiu apoio popular para legitimizar o holocausto ao atribuir características degradantes a um povo que era considerado incomodo ao modelo de sociedade que o Nazismo defendia. Tratava-se da tática de construir a imagem do outro como um grande inimigo. Não é coincidência que judeus, comunistas e bruxas tenham em comum a mesma lenda popular de que comem criancinhas. Por mais irrazoável que isso seja, foi o suficiente para causar pânico e desconfiança coletiva quanto a essas figuras.

Com o passar dos séculos, a indústria cultural e a indústria do entretenimento muitas vezes fizeram com que essa etiqueta de perversidade fosse ainda mais revestida a partir da associação direta entre a maldade e elementos reais que existem nas mulheres, de forma a justificar a perseguição misógina e a normalizar o esvaziamento simbólico da bruxa na sociedade. Nosso imaginário foi sendo moldado a partir do endossamento dessas características atribuídas à bruxa — tanto físicas quanto formas de comportamento, estigmatizando certos tipos de personalidades de certas mulheres como bruxas de forma pejorativa. Os livros e os filmes desenharam quem era essa mulher-bruxa e a repetição desses padrões reforçou sua assimilação ao ponto deles hoje estarem arraigados em nós.

Entretanto, após o movimento feminista de 1960, o acesso à internet e a popularização das tecnologias comunicacionais, mulheres que identificam-se como bruxas passaram a participar da construção das mensagens trocadas nessa grande rede virtual, compartilhando suas próprias vivências e pontos de vista com outros usuários de forma direta, rápida e sem limites geográficos. Começamos a ver que essas mulheres existem, sempre existiram, e que hoje, sem abrir mão do nome bruxa, elas se manifestam de várias formas (inclusive no cenário contemporâneo urbano) e conseguem ter uma atuação mais livre, ainda que bastante inviabilizada, mal compreendida e estigmatizada.

De fato, bruxas não são somente meros seres míticos. Elas estão aqui: são mulheres de carne e osso, de aspectos plurais, participantes da cena pública, que conjugam diferentes dimensões da existência humana e assumem certo poder. O que podemos dizer é que “bruxa” é uma concepção do feminino que se manifesta de forma evidente em algumas mulheres e que está baseada numa união de aspectos (papel de gênero, sexualidade, espiritualidade, comportamento e saberes diversos) que ao longo da história receberam a nomenclatura pejorativa de bruxa em determinados contextos políticos, sociais e culturais do passado e do presente. Por destoarem do comportamento esperado de seu gênero e divergirem das estruturas opressoras, elas incomodam uma sociedade que permanece substancialmente patriarcal, machista, racista, classista, homofóbica, ignorante e conservadora.

Dito isto, o presente trabalho propõe-se a estudar a representação das bruxas pela ótica das questões sociais, culturais e comunicacionais<sup>4</sup>, levando sempre em conta o contexto estrutural no qual nossa sociedade está inserida. Dissecar essas correlações nos ajuda a compreender que o imaginário coletivo que temos hoje da bruxa é uma consequência histórica do seu envolvimento com essas questões.

Sendo assim, este trabalho organiza-se da seguinte maneira: o capítulo a seguir dedica-se a explicar do que se trata o inconsciente coletivo e os mitos segundo os estudos de Carl Jung e Joseph Campbell. Isso ajudará na compreensão da relação estabelecida entre a figura arquetípica da bruxa e a humanidade, assim como o uso cultural atribuído a esse termo.

O terceiro capítulo compromete-se a tecer um panorama histórico sobre o período da Caça às Bruxas da Europa Moderna até sua chegada ao Brasil Colonial. Esse relato é feito com base nos debates propostos pelas intelectuais Silvia Federici e Carolina Rocha, que analisam a conexão entre o fenômeno da Caça às Bruxas com o surgimento do sistema capitalista: não é mera coincidência que tais eventos tenham ocorrido no mesmo período. O controle capitalista da terra e dos corpos somado às transformações políticas, econômicas e sociais do período têm papel fundamental na perseguição em massa às mulheres e nos estereótipos de bruxas<sup>5</sup> que povoam o inconsciente coletivo até hoje.

Tendo entendido o contexto histórico, o quarto capítulo introduz a bruxa na Era Contemporânea. A repercussão das representações da bruxa potencializada pelas plataformas comunicacionais ajudaram a moldar o imaginário popular ao ponto de plasmar no inconsciente coletivo uma concepção de quem a bruxa é — inclusive no Brasil. Ao mesmo tempo, releituras do último século sobre os símbolos que a bruxa representa adicionam novas camadas de significados a essa figura. A abordagem da acadêmica Lucia Santaella nos ajuda a entender a relação entre fenômenos culturais e fenômenos comunicacionais, assim como o papel da mídia na construção da cultura.

Com o propósito de detalhar este último ponto, os capítulos seguintes apresentarão as representações mais famosas de bruxas na Era Contemporânea.

---

<sup>4</sup> Tal abordagem não descarta nem antagoniza com a crença no aspecto místico da bruxa. Entretanto, não cabe a este trabalho comprovar ou defender a existência da magia.

<sup>5</sup> A figura da bruxa no aspecto ou na forma que ela assume.

Para tanto, a análise seguirá a estrutura de lógicas culturais propostas por Santaella: cultura escrita e impressa (quinto capítulo), cultura de massa e de mídias (sexto capítulo) e cibercultura (sétimo capítulo). O objetivo é olhar com profundidade para a contribuição da comunicação enquanto grande influenciadora no processo de construção do imaginário popular que temos da bruxa, além de relatar como a bruxa corporificou-se nas respectivas plataformas comunicacionais de cada ciclo — tanto na ficção quanto em como as pessoas autodeclaradas bruxas se apresentam e se relacionam com debates atuais.

É importante pontuar que esta pesquisa é concebida por uma mulher branca, cis, de classe média, nascida no interior de São Paulo e que reside na capital paulista. A visão de mundo apresentada aqui é feita com base nas experiências e vivências a partir deste recorte de privilégios. É sempre dito que a objetividade é o que irá conduzir uma pesquisa, mas não há nada de impessoal em fazer ciência quando reconhecemos que nas relações humanas não há neutralidade<sup>6</sup>. Cada acadêmico tem seu próprio recorte social, que lhe proporciona um certo tipo de vivência e uma visão de mundo particular — e não é possível desvencilhar-se disso pois é intrínseco à existência de cada pessoa. Também é próprio do ser humano investigar aquilo que o move, que desperta seu interesse. Esta, por si só, já é uma escolha parcial, ainda que esse interesse não seja acrítico. E isto não é ruim. Muito pelo contrário: distanciar-se do objeto é um discurso positivista para gerar ciência neutra — e isso aprendi com a professora Samara Xavier (2021): “A ciência precisa produzir revolta, ou não serve pra nada”<sup>7</sup>.

Por fim, peço licença acadêmica para dizer que é simbólico que este Trabalho de Conclusão de Curso encerre minha trajetória pela graduação dedicando-se ao tema que perpassou minha vida e coração durante os anos universitários. A ECA-USP abriu os caminhos para que eu pudesse reconhecer-me bruxa. A música foi o ingrediente principal desse rito de passagem. Infelizmente, este elemento não

---

<sup>6</sup> Embora o discurso científico seja um discurso racional que ajuda a organizar a sociedade, a ciência não é neutra. E por não ser neutra, a ciência também pode se valer de sua autoridade pra propagar discriminação, preconceito. etc. Temos uma série de exemplos ao longo da História de como a autoridade da ciência foi utilizada para a manutenção do pensamento dominante e da sociedade dominante. Além do mais, a produção científica é muito recente na História da humanidade. A relação da humanidade com o sagrado, com o místico e com a magia é muito mais antiga do que a ciência.

<sup>7</sup> Afirmação oral em curso online sobre História da Bruxaria, facilitado pela Brava em abril de 2021.

entrou nas análises a seguir, mas ela também está aqui: o QR Code<sup>8</sup> abaixo redireciona para uma *playlist* do Spotify dedicada à temática deste TCC. Essas são canções que me guiaram nas minhas descobertas de dentro e de fora; portanto, caso seja da vontade do leitor, elas também podem acompanhá-lo enquanto percorre as páginas desta pesquisa.



Renasci foi das cinzas das guerreiras  
Pela mesma missão que me desfez  
Vê meu corpo no chão mais uma vez  
Reforçando o poder da terra santa  
Pois quem queima em seu solo depois planta  
Dá lugar pra raiz vingar sua fruta  
Que a floresta e a mata tão na luta  
Se curando na voz da benzedeira  
Minhas vestes é mulamba  
E as feiticeiras são as mesmas que hoje chamam P.U.T.A.  
(MULAMBA, 2016, 0 min)

Que bom que você chegou aqui. Adiante está uma história das bruxas. Existem muitas. Eu escolhi contar essa. E te desejo um bom voo até o final.

---

<sup>8</sup> Abra o aplicativo do Spotify, clique na guia “Busca” e toque no ícone de câmera. Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e a playlist será aberta.

## 2 DO INCONSCIENTE COLETIVO ÀS DEFINIÇÕES DECLARADAS

Antes de revirar a história atrás de pistas que justifiquem a construção dos significados culturais que a bruxa contém, há três conceitos importantes de serem entendidos: o inconsciente coletivo, o arquétipo e o mito. Esses conceitos ajudam a explicar como a mente humana concebe significados ao mundo ao seu redor, desde os primórdios dos tempos. Ao entender como funciona esse processo em nossa psique, fica mais fácil perceber quais são os mecanismos mentais que tornaram possível a consolidação da reputação negativa da bruxa no imaginário popular, além do uso cultural que fazemos do termo “bruxa” e os sentidos que essa palavra evoca.

Para os fins que interessam às análises deste trabalho, serão usados os estudos dos autores Carl Jung e Joseph Campbell, sem ignorar que outros autores também discutem tais definições sob outras abordagens.

### 2.1 Inconsciente coletivo: o arcabouço humano

Em sua obra *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2002), o psiquiatra Carl Jung<sup>9</sup> explica a concepção da psique humana, dividindo-a em três partes:

- a) **o consciente:** é a parte cognitiva da mente da qual estamos cientes;
- b) **o inconsciente pessoal:** são “conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos” (JUNG, 2002, p. 53). O inconsciente pessoal é de natureza inteiramente individual, ou seja, o conteúdo ali depositado está ligado à experiência única de cada pessoa;
- c) **o inconsciente coletivo:** uma camada mais profunda que a do inconsciente pessoal, cuja origem não provém da experiência individual. Trata-se de uma estrutura psíquica de natureza universal, que comporta um conteúdo inato a todo ser humano.

Segundo Jung (2002), o ser humano não nasce como uma página em branco, ele apenas é inconsciente do conteúdo mental que já nasce com ele: informações

---

<sup>9</sup> Carl Jung (1875-1961) foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica, também chamada de psicoterapia junguiana.

pré-estabelecidas que são idênticas em todas as pessoas. Esse substrato comum é herdado coletivamente, fruto de anos da experiência humana. Portanto, o inconsciente coletivo é um reservatório psíquico de imagens simbólicas sobre temas ancestrais. “No concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos — ou melhor — primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2002, p. 16). Jung nomeou os conteúdos do inconsciente coletivo de arquétipos.

O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as "motivos" ou "temas". (Ibidem, p. 53)

Em seus estudos, Jung percebeu alguns padrões temáticos recorrentes nas diferentes mitologias, religiões, literaturas, contos de fada, artes, sonhos e afins, e que estes temas centrais se repetiam em qualquer lugar do mundo, em qualquer tempo histórico, sem que houvesse uma explicação consciente para essas repetições. Isso acontece porque os arquétipos simbolizam as questões básicas da humanidade, que são as mesmas em toda parte, para todas as pessoas: a vida, a morte, o eu, a família, o amor... Cada arquétipo é uma matriz primordial que contém toda a informação da humanidade acumulada sobre aquele determinado tema — uma sabedoria universal com aplicação no passado, no presente e no futuro, pois trata-se de um conhecimento atemporal.

Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. (Ibidem, p. 58)

Apesar do núcleo do arquétipo permanecer constante, as imagens sob as quais ele se manifesta têm inúmeras variações, pois elas são influenciadas tanto pelo inconsciente pessoal quanto pelas características do período e sociedade onde são expressadas. Em outras palavras, os arquétipos são universais em sua estrutura, mas não na forma que assumem, pois ela muda de acordo com o conjunto de imagens que cada pessoa e época dispõem. “O arquétipo é uma tendência para

formar estas mesmas representações de um motivo [tema] — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder sua configuração original” (JUNG, 1987, p. 67).

O termo “projeção” é usado por Jung (2012) para designar a manifestação do conteúdo do inconsciente, ou seja, a manifestação do arquétipo. É na projeção que o estado de inconsciência de um “tipo” torna-se consciente, ou seja, onde o arquétipo passa a ter visibilidade.

O conteúdo do inconsciente é igual em todos os indivíduos e não recebe influência alguma, mas na projeção, na passagem do inconsciente para consciente, esse conteúdo irá receber influências individuais. Quando não projetado, possui uma forma indeterminada, mas com uma estrutura já determinada. (SILVEIRA, 2015, p. 45)

Os atributos de um arquétipo são multidimensionais, ambíguos e inesgotáveis (JUNG, 2002), sendo impossível findar as imagens ligadas a ele. Isso significa que um mesmo arquétipo incorpora aspectos dóceis e desafiadores, nutridores e destrutivos. Uma *imagem arquetípica* é apenas uma das representações possíveis de um mesmo arquétipo — é um recorte de um ou mais aspectos que pertencem a ele. São esses fragmentos dos arquétipos que estão presentes nos símbolos das histórias, das diferentes artes e religiões, pois não é possível acessarmos diretamente um arquétipo a não ser por meio das suas imagens arquetípicas.

Jung (ibidem) definiu o arquétipo materno como um dos temas primordiais da humanidade. Do arquétipo materno derivam todas as variações incalculáveis de imagens arquetípicas que se relacionam com os diferentes aspectos que ele abarca.

Seus atributos são o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (Ibidem, p. 92).

Jung classificou de “Mãe Amorosa” aquela que contém os atributos favoráveis do arquétipo materno e de “Mãe Terrível” a que contém os atributos nefastos<sup>10</sup> —

---

<sup>10</sup> É importante pontuar que a atribuição feita aos aspectos como “favoráveis” ou “nefastos” também é resultado da construção social de gênero, a qual todos estamos culturalmente submetidos. Etiquetar comportamentos como adequados ou inadequados para nomear quem é a Mãe Amorosa e quem é a Mãe Terrível reforça estereótipos em nosso inconsciente. Como podemos saber o que é realmente bom e o que é realmente ruim? Isso muda o tempo todo de acordo com o contexto da situação..

ainda que uma imagem arquetípica possa ser, ao mesmo tempo, provedora e destruidora. A bruxa é uma das imagens arquetípicas que derivam do arquétipo materno, classificada por Jung (2002, p. 92) como um dos símbolos nefastos. Assim, a imagem arquetípica da bruxa plasmou-se no imaginário popular com os símbolos aos quais ela é comumente associada devido à repetição e reprodução de mitos, histórias orais e escritas, representações visuais, etc., que sempre conectavam sua figura à atributos socialmente considerados malignos.

Outra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e no conto de fada. Aqui também, no entanto, se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo. (Ibidem, p. 17)

Nós, seres humanos, temos em comum a necessidade de descobrir quem somos, qual o nosso significado, desvendar os mistérios profundos. Os mitos são histórias sobre a busca da verdade através dos tempos. Eles são verdades emocionais do espírito, repletos de pistas sobre as potencialidades da alma humana (CAMPBELL, 1990). Na obra *O poder do mito* (1990), Joseph Campbell<sup>11</sup> é entrevistado pelo jornalista Bill Moyers e nos convida a imergir nos significados do mito. “O mito o ajuda a colocar sua mente em contato com essa experiência de estar vivo. Ele lhe diz o que a experiência é” (ibidem, p. 17). Tanto Campbell quanto Jung concordavam que os mitos contribuem com o inconsciente coletivo, pois são as linhas narrativas onde as imagens dos arquétipos se manifestam para fornecer uma instrução à vida humana.

[...] a psique humana é essencialmente a mesma, em todo o mundo. A psique é a experiência interior do corpo humano, que é essencialmente o mesmo para todos os seres humanos, com os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos impulsos, os mesmos conflitos, os mesmos medos. A partir desse solo comum, constitui-se o que Jung chama de arquétipos, que são as idéias em comum dos mitos. (Ibidem, p. 62)

Jung (2002, p. 17) explica que o ser primitivo interpretava sua existência por meio de analogias com os fenômenos da natureza. Faltava-lhes o conhecimento

---

<sup>11</sup> O escritor estadunidense Joseph Campbell (1904-1987) foi um grande estudioso de mitos. Ele e o psiquiatra suíço Carl Jung trocaram correspondências sobre a conexão entre seus estudos.

científico para explicar os fenômenos naturais, então tudo era entendido como produção de deuses e divindades. Ao mitologizar os eventos naturais das estações, das fases da lua, da chuva, etc., essas alegorias transformavam-se em expressões simbólicas do próprio drama interno e inconsciente da alma — o exemplo dado por Jung (2002) é o de que a observação exterior do nascimento e pôr do Sol não é apenas uma marcação do tempo, pois o Sol representa em sua trajetória o destino de um deus. Assim, a consciência era capaz de assimilar os ensinamentos necessários por meio da projeção e espelhamento nestes fenômenos. Campbell esclarece que a mitologia de deuses é como uma “personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes do seu próprio corpo e da natureza” (1990, p. 37). Os mitos são metáforas que relacionam o indivíduo com sua própria existência, com os mecanismos do mundo do qual ele é parte e, em alguns casos sociológicos, com a estrutura vigente de uma sociedade em particular. A repetição regular de símbolos na narrativa dos mitos ajuda a endossar a assimilação de seus significados enquanto verdades universais, sedimentando-as e institucionalizando-as.

Foi assim que a imagem arquetípica da bruxa encontrou um lugar no inconsciente coletivo que a vinculou a aspectos tenebrosos e traiçoeiros: a repetição das representações maléficas das bruxas em lendas orais, nas crenças religiosas, nas artes plásticas, nas histórias literárias e, mais adiante, nas produções audiovisuais, reforçaram no imaginário coletivo a forma peculiar de enxergar essa mulher. A repetição foi intensa ao ponto de fazer com que esses atributos maléficos passassem a ser considerados inerentes a essa figura, gerando um entendimento coletivo de que a bruxa é realmente uma mulher sedutora inebriante ou uma velha megera e horrenda, e que, em ambos os casos, estão sempre repletas de intenções malignas merecedoras de punição.

## **2.2 Como nasce a denominação “bruxa”?**

Não foram as mulheres que inventaram esse modo de nomear a si mesmas. Muito pelo contrário, foram os próprios perseguidores do período historicamente conhecido como a Caça às Bruxas que cunharam a palavra e atribuíram às

mulheres tal denominação (FEDERICI, 2020)<sup>12</sup>. É um equívoco dizer “bruxas não existem”, pois todas as centenas de milhares de mulheres que foram caçadas, torturadas e assassinadas sob acusação de bruxaria eram bem reais.

Quando as mulheres começaram a ser chamadas de “bruxas”, tal intitulação foi conferida a elas por estruturas estatais e religiosas (ambas lideradas por poderes masculinos), que souberam utilizar o termo de forma muito pedagógica, moralizadora e doutrinária, personificando o mal vigente nessa inimiga comum que deveria ser combatida por todos: elite e camadas populares. Os perseguidores trataram de inventar um nome para explicar quem eram aquelas mulheres, para definir sob tal nomenclatura quais comportamentos condenáveis elas exerciam e, assim, agrupar a todas elas sob uma mesma identificação.

De qualquer forma, é impossível rastrear a origem primária da palavra bruxa<sup>13</sup> particularmente devido à diversidade linguística presente no continente europeu. Cada sociedade europeia vai vincular a palavra a diferentes terminologias próprias (bruxa, feiticeira, adivinha, praticante de magia, a que lê a sorte...), mas o que há em comum entre todas elas é que são sempre formas de descrever um comportamento feminino fora da curva, destoante do padrão desejável estabelecido.

Uma das respostas pode ser obtida nas raízes semânticas e no desenvolvimento dos variados termos ligados à sua definição. A palavra *witch* [“bruxa”, em inglês] deriva de *wicca* (pronuncia-se “uítcha”, que significa “bruxo”, um praticante masculino de bruxaria) e de *wicce* (“uitchê”, que é “bruxa”); ambos os termos pertencentes ao inglês antigo (*Old English*). Os dois substantivos derivam do verbo *wiccian* (“uítcha”, que quer dizer “jogar um feitiço” ou “lançar um encantamento”). Contrariamente às crenças de alguns bruxos modernos, a palavra definitivamente não é de origem celta e não tem a menor relação com o verbo *witan* [“saber”] do inglês antigo, nem com qualquer outra palavra com o significado de *wisdom* ou “sabedoria”. A explicação de que *witchcraft* [“bruxaria”] significa “a arte dos sábios” (*craft of the wise*) é inteiramente falsa. (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 15)

<sup>12</sup> FEDERICI, Silvia. **As feministas devem reivindicar a imagem da bruxa?** | SILVIA FEDERICI. 13 jul. 2020. 5 min 17 s, color. Canal TV Boitempo. Disponível em: <<https://bit.ly/3ccYGFJ>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>13</sup> Uma das barreiras existentes para o acesso a conhecimentos dessa temática é a falta de versões traduzidas de pesquisas já feitas. A italiana Rita Caprini é uma grande estudiosa da etimologia da palavra bruxa. Em 2003, ela escreveu o artigo *I nomi della "strega" in Europa: dalla lingua alla storia, ai testi* (Os nomes da "bruxa" na Europa: da linguagem à história, aos textos, tradução nossa). O artigo encontra-se disponível apenas em italiano. Nada no capitalismo patriarcal é à toa: como são escolhidos os autores, os trabalhos e os temas que merecem versões traduzidas para que mais pessoas em mais lugares do mundo debatam o assunto? Sabemos como essa máquina estrutural funciona e a quem ela privilegia.

Uma das histórias culturais conta que a tradução em português da palavra *bruxa* deriva do verbo italiano *bruciare*, que significa “queimar”<sup>14</sup>. Durante as execuções nas fogueiras inquisitoriais, os estrangeiros viam os italianos gritando “Brucia!” (“Queima!”) para as réis condenadas. Eles, então, associaram o termo italiano às mulheres acusadas e passaram a chamá-las de bruxas. É preciso admitir que a explicação tem coesão. Em Portugal, o uso do termo passou a ser recorrente em 1559.

### 2.3 Substantivo feminino: a palavra e seu uso cultural

Como disse Paulo Freire (1989), é preciso ler o mundo antes de ler a palavra. As palavras representam muito mais do que seu significado etimológico e semântico, pois elas têm uma carga cultural e social. Com a palavra *bruxa* não poderia ser diferente: ela vem carregada de todo o contexto sociocultural no qual ela foi expressada.

Isso é tão verdade que diariamente ainda fazemos uso da expressão *bruxa* de forma pejorativa, sempre para atacar, xingar ou ofender mulheres que consideramos ruins em algum aspecto. Tachamos como *bruxa* porque a palavra carrega com ela o sentido de algo que não se deve ser, que não deve ser propagado, que está errado.

O imaginário coletivo perpetua uma visão de séculos e séculos do que significa a palavra bruxa. As definições apresentadas por dicionários descrevem a bruxa como uma mulher feia, velha, que usa poderes para o mal. Essas explicações tendenciosas já são produtos da crença que foi construída no imaginário coletivo ao longo da história e que foi reforçada pela cultura.

bruxa  
substantivo feminino  
1. OCULTISMO: mulher que tem fama de se utilizar de supostas forças sobrenaturais para causar malefícios, perscrutar o futuro e fazer sortilégios; feiticeira. (OXFORD LANGUAGES, 2021)<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Cf. FOLLONI, Natália. **Somos as netas**: a representação da bruxa na sétima arte. In: FRANCAMENTE, Querida! 9 mai. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3rgsSZI>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

<sup>15</sup> BRUXA. Disponível em: <<https://bit.ly/3avqkwS>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

bruxa *sf* 1. Mulher que faz bruxarias; feiticeira. 2. *Fig.* Mulher feia e/ou rabugenta; coruja. (MINIDICIONÁRIO AURÉLIO, 1993, p. 85)

Também é interessante comparar como os dicionários definem o mesmo substantivo com conotações muito diferentes quando flexionado no feminino ou no masculino. Os valores atribuídos a cada gênero são desiguais: a bruxa mulher é megera, rabugenta e causa danos; o homem, por outro lado, simplesmente realiza uma prática, opera um conhecimento. As definições encontradas no dicionário Michaelis On-line são as seguintes

bru-xa

1. Mulher que, segundo a crença popular, tem o poder de empregar forças sobrenaturais para influenciar ou dominar outras pessoas por meio da magia, em geral para causar danos ou malefícios; mulher dada a práticas de prever o futuro e fazer sortilégios; feiticeira, sibila [...].
2. Mulher muito velha e feia; bruaca, jabiraca, megera [...].
3. Mulher mal-humorada e rabugenta; rabuja, ranheta, ranzinza. (MICHAELIS, 2021)<sup>16</sup>

bru-xo

1. Homem a quem se atribui a prática de bruxaria; feiticeiro, previso [...].
2. Mago [...].
3. Homem de extrema competência no desempenho de alguma atividade. (MICHAELIS, 2021)<sup>17</sup>

O dicionário virtual Priberam também é outro exemplo muito claro na diferenciação das definições entre os gêneros.

bru-xa |ch|

(origem duvidosa)

substantivo feminino

1. Mulher que se crê ser capaz de fazer bruxarias, feitiços ou profecias. = FEITICEIRA
2. [Depreciativo] Mulher velha e feia.
3. [Depreciativo] Mulher malvada, cruel.
4. [Depreciativo] Mulher antipática ou rabugenta. [...]

bru-xo

(masculino de bruxa)

substantivo masculino

Homem que faz bruxarias. = FEITICEIRO

(PRIBERAM, 2021)<sup>18</sup>

<sup>16</sup> BRUXA. In: MICHAELIS On-line. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nFRzvJ>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>17</sup> BRUXO. In: MICHAELIS On-line. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3CHtGIK>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>18</sup> BRUXA. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, Disponível em: <<https://bit.ly/3DIIQOV>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Essa diferenciação não é arbitrária. Segundo Russell e Alexander (2019), aos homens foi reservado o uso da palavra *magô* (*wizard* em inglês, derivante da palavra *wise* que significa *sábio*). O magô era, inclusive, um personagem que teve importante espaço e função na alta corte europeia por vários séculos, pois era considerado um homem de muitos conhecimentos e poderes. O termo só foi usado como sinônimo de *bruxo* após 1825.

Isso não quer dizer que não houve homens bruxos perseguidos durante o período da Caça às Bruxas. A diferença é que, após um determinado momento, acabou se tornando uma questão feminina, pois transformou-se em uma perseguição sistematizada de caráter misógino, com um discurso de ódio organizado contra as mulheres. Como defende Silvia Federici (2017, p. 30), “o surgimento do capitalismo exigiu um ataque genocida contra as mulheres”. A estrutura dominante precisava encontrar um crime próprio para culpabilizar as mulheres — e a bruxaria lhes caiu muito bem.

Isto posto, e se só é possível compreender o que uma palavra significa quando compreendemos a sociedade e o cenário no qual ela foi falada, então agora nos dedicaremos a entender os contextos e pretextos responsáveis por parir a figura da bruxa em nosso mundo sensível.

### 3 EIS A HISTÓRIA: AQUELAS QUE FORAM CHAMADAS “BRUXAS”

Para entender os acontecimentos que tornaram possível o evento genocida da Caça às Bruxas, é preciso primeiro entender as estruturas da sociedade sob as quais ele foi produzido: classe (capitalismo), raça (racismo) e gênero (patriarcado)<sup>19</sup>. O racismo e o patriarcado são estruturas de dominação muito anteriores ao capitalismo. Este soube, ardidamente, beneficiar-se delas, incorporando-as ao seu próprio esqueleto, já que elas ajudam a criar condições favoráveis para sua manutenção e perpetuação.

Deveria parecer significativo o fato de a caça às bruxas ter sido contemporânea ao processo de colonização e extermínio das populações do Novo Mundo, aos cercamentos ingleses, ao começo do tráfico de escravos, à promulgação das Leis Sangrentas contra vagabundos e mendigos, e de ter chegado a seu ponto culminante no interregno entre o fim do feudalismo e a “guinada” capitalista, quando os camponeses na Europa alcançaram o ponto máximo do seu poder, ao mesmo tempo que sofreram a maior derrota da sua história. (FEDERICI, 2017, p. 292-293)

Em suas obras *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017) e *Mulheres e caça às bruxas* (2019), Silvia Federici<sup>20</sup> explica o que a execução de bruxas no começo da Era Moderna tem a ver com o surgimento do capitalismo e com as questões de gênero que enfrentamos hoje. Analisar a transição do feudalismo para o capitalismo sob a ótica das mulheres nos ajuda a entender o por quê elas foram os alvos de tamanha violência e como a acusação de bruxaria caiu como uma luva para os interesses patriarcais e capitalistas. Evidentemente, esse não é um ponto de vista unânime entre os historiadores.

Existe um apagamento por parte da História Oficial com relação a Caça às Bruxas, que silenciou sua devida importância. Hoje ela se parece mais a um episódio esporádico, folclórico, que nada tem a ver com nossos dias. Apesar de todas as áreas das ciências humanas terem se dedicado a entender o fenômeno

---

<sup>19</sup> Todas as estruturas de opressão social foram invenções do homem, e se é uma invenção humana, então ela pode ser desfeita.

<sup>20</sup> Silvia Federici (1942) é uma filósofa ativista do feminismo marxista, historiadora, escritora e professora universitária. Ela estabelece uma relação entre o feminismo e a luta anticapitalista, abordando questões estruturais históricas como o trabalho doméstico não remunerado, o trabalho reprodutivo e a violência contra as mulheres. Ela coloca a Caça às Bruxas como o grande evento central responsável pelo êxito patriarcal da dominação feminina.

bruxaria, elas também são as responsáveis por perpetuar o imaginário que conhecemos hoje. O símbolo da bruxa passa pela nossa história com muito sangue correndo atrás de si, da Europa até as colônias.

### **3.1 Bruxaria histórica na Europa: como o Capitalismo abortou a bruxa**

A primeira coisa a ser entendida é: a Caça às Bruxas dos séculos XVI e XVII foi um acontecimento multicausal, usado como mecanismo civilizatório em favor da exploração, domínio e domesticação de corpos e terras.

Os últimos séculos da Baixa Idade Média foram marcados por uma Europa caótica. Uma série de eventos simultâneos haviam enfraquecido o sistema vigente: as Cruzadas (do século XXI ao XXIII, foi a grande responsável pelo nascimento da burguesia, iniciando a troca das castas sociais pelas classes); graves crises de fome (o que debilitou a imunidade da população subnutrida); a Peste Negra (século XII, exterminou um terço da população europeia, causando uma crise de mão de obra e uma crise de fé); a Guerra dos Cem Anos (do século XVIII ao XIV, aumentou a exploração dos servos por parte da nobreza devido a baixa de mão de obra).

A população não assistiu inerte a todo esse caos. Houveram muitas revoltas camponesas, nas quais as mulheres tiveram participação importante. A heresia popular foi o maior movimento das classes baixas rurais e urbanas na luta antifeudal, resistindo por mais de três séculos. Os hereges se posicionavam contra o acúmulo de poder e propriedades privadas por parte da Igreja, que os perseguiu ferozmente, na tentativa de aniquilar suas crenças contestatórias. “Os hereges eram queimados aos milhares na fogueira e, para erradicar sua presença, o papa criou uma das instituições mais perversas jamais conhecidas na história da repressão estatal: a Santa Inquisição” (VAUCHEZ, 1990, p. 162-70). Estrategicamente, a Igreja também usou a acusação de heresia como pretexto para eliminar qualquer insubordinação social e política que afrontasse sua autoridade. Definitivamente, esses não foram anos tranquilos.

Em meio às tensões sociais, a Idade Média cedeu lugar para a Idade Moderna no século XV, iniciando um período de praticamente 300 anos de transição do feudalismo para o capitalismo. Foi um processo lento de transformação social

que não foi homogêneo em toda a Europa. Silvia (2017, p. 40) explica que existe uma crença arraigada de que o capitalismo foi portador de um progresso social, mas na verdade o capitalismo não foi uma evolução natural sem resistência campesina. A história dominante escondeu do nosso conhecimento as formas de luta.

Na Inglaterra, o cercamento de terras comunais<sup>21</sup> foi um fenômeno diretamente ligado à ascensão do capital e à caça às bruxas. As terras comunais eram espaços comunitários, fundamentais para as mulheres e toda a cama popular desenvolverem um sentido de coletividade. Ali, elas trabalhavam reunidas e não em isolamento domiciliar (como o capitalismo as forçou a fazer dali em diante). Essas terras também eram fontes importantes de sobrevivência, pois a alimentação das famílias camponesas era complementada com o consumo do que havia nessas terras comuns.

Quando a nobreza inglesa começou a expulsar os trabalhadores e camponeses das terras livres e a cercar essas terras para fazer um uso capitalista do solo (produção com excedente para comércio e criação de ovelhas para a ampliação da indústria têxtil), as consequências para a classe baixa foram imensas: houve aumento da pobreza, das desigualdades e o fim das festividades coletivas (o que reforça a desintegração dos laços comunais de classe e corta o vínculo de interação com a natureza). “Devemos pensar em um cercamento de conhecimento, de nosso corpo, de nossa relação com as outras pessoas e com a natureza” (FEDERICI, 2019, p. 55). Os meios de sobrevivência foram destruídos em uma época em que a caridade e as esmolas eram criminalizadas. Muitas pessoas passaram a viver em extrema miséria, o que incitou revoltas populares. “[...] as mulheres participaram de muitos protestos arrancando as cercas que, então, circundavam as propriedades comuns” (FEDERICI, 2019, p. 53).

Silvia estabelece uma relação direta entre os cercamentos e a caça às bruxas, explicando que em locais onde os cercamentos aconteceram, a perseguição às bruxas foi mais intensa. “[...] na Inglaterra, assim como no restante da Europa, as caças às bruxas foram um fenômeno predominantemente rural e, como tendência, afetaram regiões em que a terra havia sido cercada (FEDERICI, 2019, p. 49). Isso acontece porque as consequências dos cercamentos foram especialmente mais

---

<sup>21</sup> Também conhecido por *Enclosure*.

intensas para as mulheres, contribuindo para a construção de uma nova ordem patriarcal em ascensão, que justificará e organizará uma perseguição misógina sistematizada.

O corpo da mulher passa a ser privado do convívio social. O capitalismo reserva a ela o confinamento à sua família nuclear, desfazendo os laços coletivos de classe. A crise demográfica não era nada favorável aos objetivos econômicos da elite europeia, pois o capitalismo precisava de proletários para explorar a força de sua mão de obra. Este problema faz nascer uma nova divisão sexual do trabalho, onde coube ao corpo feminino o papel de ser uma fábrica de trabalhadores. “[...] as mulheres foram as produtoras e reprodutoras da mercadoria capitalista mais essencial: a força de trabalho” (FEDERICI, 2017, p. 17).

Para garantir que isso fosse factível em larga escala, era preciso controlar o corpo das mulheres. Começou, então, um controle mais rigoroso sobre nossos corpos, nossas mentes e qual tipo de sexualidade podemos exercer — que era nenhuma, pois a função da mulher é apenas reprodutiva. Ela não pode dar ou sentir prazer. Assim é feito todo o padrão de feminilidade. Podemos identificar 4 das muitas estratégias capitalistas-patriarcais utilizadas: o trabalho doméstico não assalariado; retirar das mulheres a autonomia de seu controle reprodutivo; separar as mulheres da comunidade, isolando-as em suas famílias nucleares (marido e filhos); determinar os papéis sociais de cada gênero.

**O trabalho doméstico não assalariado:** o capitalismo separou o trabalho assalariado dos operários do trabalho doméstico feminino não remunerado, que passa a ser visto como algo natural ao sexo biológico, “coisa de mulher”. A subordinação ao homem acontece porque a mulher não recebe pelo seu trabalho, o que a faz dependente e favorece a dominação masculina baseada no controle financeiro. Há um esvaziamento do trabalho doméstico. O casamento torna-se um contrato onde o trabalhador assalariado provê o sustento à família e a mulher presta serviços domésticos que reproduzem a força de trabalho e a capacidade das pessoas de trabalhar.

A capacidade de trabalhar não é algo natural, é consumida, é usada no processo de trabalho. E somos nós, a geração de mulheres, que fizemos o trabalho de produzi-la. Isso significa que toda a classe capitalista, todos os

empregadores se beneficiaram imensamente desse trabalho. Eles não precisaram produzir para criar uma infraestrutura que permitisse aos trabalhadores irem ao emprego diariamente. As mulheres têm sido a infraestrutura. E chegamos à conclusão de que esse trabalho é realmente o trabalho mais importante na sociedade capitalista [...] Então, o trabalho doméstico, que tradicionalmente se tornou invisível, não sendo considerado um trabalho, na verdade, é a base, a fundação e o apoio de todas as outras atividades de trabalho. (FEDERICI, 2020, 2m 17s)<sup>22</sup>

**Retirar das mulheres a autonomia de seu controle reprodutivo:** em períodos de mão de obra abundante, o uso de anticoncepcionais e o aborto não eram controlados pelo Estado. A forma como a mulher lida com sua natureza reprodutiva passa a ser uma questão a partir do momento em que é preciso controlar a natalidade para garantir a força de trabalho. É preciso destruir o controle reprodutivo e a autoridade sobre seus próprios corpos, porque a reprodução deveria servir aos propósitos capitalistas.

A associação entre contracepção, aborto e bruxaria apareceu pela primeira vez na Bula de Inocêncio viii (1484) [...] A partir desse momento, os crimes reprodutivos ocuparam um lugar de destaque nos julgamentos. No século XVII, as bruxas foram acusadas de conspirar para destruir a potência geradora de humanos e animais, de praticar abortos e de pertencer a uma seita infanticida dedicada a assassinar crianças ou ofertá-las ao demônio. (FEDERICI, 2017, p. 324)

Foram criminalizados o aborto, a sodomia (sexo anal)<sup>23</sup> e qualquer prática sexual ou reprodutiva que não servisse ao nascimento de novos trabalhadores. As parteiras passam a ser um problema, pois elas dominavam a prática dos abortos, além dos conhecimentos populares de plantas e ervas. O Estado precisava controlar os partos para garantir que aquelas vidas nascessem, então os homens tornaram-se os médicos. A medicina popular é expropriada e dá lugar a uma medicalização masculina. A alienação patriarcal também vai jogar as mulheres umas contra as outras, convencendo-as a avisar aos poderes políticos e religiosos quando soubessem de uma mulher que quisesse abortar.

<sup>22</sup> FEDERICI, Silvia. **SILVIA FEDERICI | Eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado.** 29 mar. 2020. 4 min 3 s, color. Canal TV Boitempo. Disponível em: <<https://bit.ly/32k9bVP>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>23</sup> Todas as práticas homossexuais foram descartadas e criminalizadas, já que elas não tinham como objetivo a procriação ou a sustentação do modelo de família europeia. Os homossexuais foram perseguidos como heréticos ou acusados de bruxaria, torturados e queimados junto às mulheres.

**Isolar as mulheres em suas famílias nucleares:** o encontro potente do patriarcado e do capitalismo teve um espaço de manobra ainda maior ao desfazer os elos de classe, pois se a classe não se junta, ela não se organiza. Rompeu-se com a potência de organização coletiva de resistência contra as estruturas. Os cercamentos tiveram grande parte na destruição do sentimento de comunidade. Não existe solidariedade de classe em uma sociedade desunida, na qual foi inspirada a desconfiança uns dos outros e o incentivo para que denunciassem uns aos outros.

Sem os campos comuns e isoladas em seu trabalho doméstico, as mulheres têm apenas a um companheiro homem trabalhador explorado, mas existe entre eles a hierarquia patriarcal, e assim vão se somando as camadas de exploração — o controle do corpo e mente feminina pelo patriarcado e controle da classe trabalhadora pelo capitalismo.

Esperava-se que as esposas, em particular, ficassem caladas, “obedecessem aos maridos sem questionar” e “sentissem veneração por eles”. Acima de tudo, elas eram instruídas a fazer de seu marido e de sua casa os centros de sua atenção e a não passar tempo à janela nem à porta. Eram até mesmo desencorajadas de fazer muitas visitas a sua família depois do casamento e, sobretudo, de dedicar tempo a suas amigas. Ainda na Inglaterra, em 1547, “foi expedido um decreto proibindo as mulheres de se encontrarem para tagarelar e conversar” e ordenando aos maridos que “mantivessem a esposas dentro de casa”<sup>1</sup>. As amizades femininas foram um dos alvos da caça às bruxas, na medida em que, no desenrolar dos julgamentos, as mulheres acusadas foram forçadas, sob tortura, a denunciar umas às outras, amigas entregando amigas, filhas entregando mães. (FEDERICI, 2019, p. 82-83)

Silvia (2020) explica que a palavra inglesa *gossip*<sup>24</sup> sofreu uma mudança de significado entre os séculos XIV ao XVIII: antes, *gossip* significava “amiga” e era utilizada para designar a afetividade entre as mulheres; já no século XVIII, “tornou-se uma palavra usada para dizer que, quando as mulheres estão juntas, elas fazem coisas ruins, dizem coisas estúpidas, falam coisas que não significam nada e se envolvem em uma linguagem e conversa muito maldosa” (2m 13s)<sup>25</sup>. Essa mudança de conotação é um indício da desvalorização da amizade entre mulheres, que

<sup>24</sup> Traduzida no português como “fofoca”.

<sup>25</sup> FEDERICI, Silvia. **SILVIA FEDERICI | A história oculta da fofoca: patriarcado e silenciamento das mulheres**. 15 jun. 2020. 3 min 39 s, color. Canal TV Boitempo. Disponível em: <<https://bit.ly/3cF6xMm>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

afastou umas das outras e inspirou suspeitas entre elas — o que quer que sua vizinha tentasse te contar ou alertar, sua conversa não era confiável.

**Determinar os papéis sociais de cada gênero:** começa-se a construir um imaginário de quais seriam as qualidades boas para mulher e quais comportamentos eram considerados ruins. Foram designados como comportamentos bons aqueles que ajudavam na manutenção da classe dominante, que precisava ter sua estrutura de poder perpetuada e usou do estranhamento e da alienação das mulheres.

Muitas doutrinas cristãs alimentavam o medo à mulher, afirmando que se tratava de um ser traiçoeiro, e os homens (inclusive os maridos) deveriam estar atentos às suas manipulações. Os sermões do clero lembravam a Eva como a culpada por trazer todos os males sobre a terra já que ela seduziu Adão a comer a maçã. A própria Bíblia diz “Toda malícia é leve comparada a malícia de uma mulher” eclesiásticos 25:26. As imagens bíblicas femininas serviam como exemplos dos modelos de comportamentos que deveriam ser seguidos e aqueles que deveriam ser corrigidos: ser mais Maria Imaculada e menos Madalena; ser mais Eva submissa e menos Lilith vigorosa. Assim, a mentalidade masculina cercou a mulher de uma ambiguidade basilar, ora ligada ao pecado nocivo e ora ligada à virgindade imaculada.

Desde essa época, a necessidade de proteger a coesão da Igreja como clã masculino, patriarcal, e de impedir que sua propriedade fosse dissipada devido à fraqueza clerical diante do poder feminino levou o clero a retratar o sexo feminino como instrumento do diabo — quanto mais agradável para os olhos, mais mortal para a alma. (FEDERICI, 2019, p. 67)

A mulher livre era um mal a ser combatido e deveria ser domesticada. O “papal feminino” foi estabelecido sob o disfarce de um destino biológico de mãe e dona de casa. Assim, “a figura do herege se tornou, cada vez mais, a de uma mulher, de forma que, no início do século XV, a bruxa se transformou no principal alvo da perseguição aos hereges” (FEDERICI, 2017, p. 86). A participação e a sabedoria feminina foram negativizadas, e a dicotomia de bem vs. mal presente na visão dualista do Cristianismo considerou diabólico tudo que não fosse católico.

A “bruxa” era uma mulher de “má reputação”, que na juventude apresentara comportamento “libertino”, “promíscuo”. Muitas vezes, tinha crianças fora do casamento e sua conduta contradizia o modelo de feminilidade que, por meio do direito, do púlpito e da reorganização familiar, fora imposto à

população feminina da Europa durante esse período. Às vezes era curandeira e praticante de várias formas de magia que a tornavam popular na comunidade, mas isso cada vez mais assinalava como perigo à estrutura de poder local e nacional em sua guerra contra todas as formas de poder popular. Não tem relevância aqui se seus remédios apresentavam qualquer eficácia, possivelmente baseada no conhecimento empírico das propriedades das ervas e plantas, ou se eram placebos produzidos por feitiços e encantamentos. (FEDERICI, 2019, p. 53)

O ofício da magia era comum nos povoados, e era uma fonte de renda extra para as benzedeiras, curandeiras, criadoras de poções e adivinhas. Quando o contexto social mergulhou em miséria, fome e a classe já não estava mais unida, a culpabilização da bruxa foi uma justificativa cabível<sup>26</sup>, e as comunidades apoiaram-se nela para explicar seus infortúnios assim como a Igreja para pregar que esse mal deveria ser extirpado e para difundir a fé na vontade de Deus. A reputação das mulheres que trabalhavam com magia reverteu-se, passando então a estarem vinculadas a malefícios e azar.

Algumas figuras, em especial, foram alvos maiores das acusações de bruxaria: o aspecto da velha e o aspecto da jovem sedutora. Nessa época, era comum nas comunidades a presença de mulheres idosas, viúvas, pobres, marginalizadas, ressentidas de sua miséria (consequência dos cercamentos e da retirada de apoio aos pobres que existia no sistema senhorial<sup>27</sup>) e que esbravejavam palavras ruins pela falta de auxílio local à sua sobrevivência. Essa imagem hostil passou a associar-se na imaginação popular a bruxas horrendas que desprendiam maldições a quem se aproximasse.

Para o sistema capitalista, o idoso deixa de ser importante pois sua força de trabalho não é tão produtiva e lucrativa e não serve mais de manutenção para o *status quo*. Assim, essas velhas eram um incômodo, especialmente porque elas têm

---

<sup>26</sup> Todo contexto de crise é um contexto favorável para que a racionalidade e o misticismo se confrontem, pois quando começam a acontecer uma série de coisas que a racionalidade humana não consegue explicar, ela apela para o mágico, para o divino, para o fictício.

<sup>27</sup> O antigo sistema senhorial fez muito para atender às necessidades de viúvas idosas por meio de um sistema interno de ajuda a pobres. A viúva desfrutava do direito de *freebench*, isto é, da transmissão de uma parcela da propriedade de seu antigo marido, que ia de um quarto à totalidade, de acordo com o costume senhorial local. Se ela fosse incapaz de realizar o cultivo sozinha, poderia entregá-la a um membro mais jovem da família em troca da garantia de sustento [...]. Também havia diversos privilégios consuetudinários locais para pobres, variando do direito a três dias de colheita antes que o restolho fosse destinado à pastagem [...] até a permissão para dormir na igreja caso não tivessem outro alojamento. (THOMAS, 1971, p. 562).

conhecimentos que não é interessante à elite reformista em ascensão que sejam passados adiante.

[...] as idosas podiam atrair as mais jovens para seus hábitos perversos e tendiam a transmitir conhecimentos proibidos, como aqueles referentes às plantas indutoras de aborto, e levar adiante a memória coletiva de sua comunidade. [...] as idosas eram as que se lembravam das promessas feitas, da fé traída, da extensão da propriedade (especialmente em terras), dos acordos consuetudinários e de quem foi responsável por violá-los. (FEDERICI, 2019, p. 71).

Em oposição à figura improdutiva e infértil da velha, as mulheres jovens e sedutoras também foram culpabilizadas de bruxaria. Essa identificação tem a ver com dois aspectos principais: o de papel de gênero: a mulher deveria ser comportada, domesticada e um reflexo de pureza, e mulheres exuberantes de comportamentos livres eram consideradas feiticeiras por não se enquadrarem ao que lhes foi designado; a relação que cada cidade estabelecia com a prostituição, pois a prostituição era por vezes legalizada e, dependendo as mudanças políticas e economias, criminalizada. Entretanto, ainda que fosse ilegal, ela continuava acontecendo de forma clandestina, pois era a ela que os homens recorriam para satisfazer seus desejos. Com a caça às bruxas, homens casados e padres que eram flagrados tendo casos com prostitutas passaram a alegar que haviam sido seduzidos e enfeitiçados. Logo, as prostitutas foram consideradas feiticeiras culpadas dos desvios de conduta masculinos.

O discurso de ódio misógino começou a ser sistematizado. Qualquer corpo feminino era um problema: velho ou jovem, bonito ou feio. Foi ensinado aos homens a temerem as mulheres e que eles deveriam dominá-las para não se tornarem vítimas de seus feitiços e malefícios. Uma das formas difundidas de temor às bruxas era a de que elas tiravam a virilidade masculina ao roubarem os órgãos sexuais masculinos. A normalização de culpabilizar a mulher transformou-se num subterfúgio para usar isso contra ela, pois ela poderia ser denunciada por bruxaria caso reagisse a um assédio, a uma tentativa de estupro ou se discordassem dos maridos.

O ápice desse discurso veio com a publicação do *Malleus Maleficarum* (conhecido em português como *O Martelo das Feiticeiras*). Escrito em 1486 por dois padres alemães e reimpresso quatorze vezes até 1520, o livro funcionava como um manual que ensinava como identificar uma bruxa e quais os procedimentos

inquisitoriais que deveriam ser seguidos, assim como as penas que deveriam ser aplicadas. A obra autorizou a corrente misógina de forma irreversível, detalhando “todos os possíveis vícios e defeitos das mulheres, tidas como: patrocinadoras do pecado no mundo; donas de uma sexualidade desenfreada; fracas e débeis por natureza; e, por conseguinte, mais suscetíveis aos propósitos de Satã” (SILVA, 2018, p. 35). Tudo mudou após essa publicação. A organização e a estruturação da caça às bruxas tomou formas mais concretas e a bruxaria virou oficialmente um crime diretamente ligado às mulheres.

O universo da bruxaria pouco a pouco foi sendo povoado de elementos: o Diabo, o Sabbat (, a crença de que elas voavam em vassouras, as orgias noturnas, os incestos, os infanticídios, os canibalismos, a transformação em animais, “A feitiçaria passou a ser identificada, progressivamente, como uma atividade coletiva de caráter anticristão e amoral, profundamente ameaçadora para a sociedade” (SILVA, 2018, p. 44).

A palavra sabá apareceu pela primeira vez na França em processos contra um grupo de feiticeiras de Toulouse entre 1330-40. [...] O sabá foi produto do medo das elites intelectuais com a feitiçaria organizada, que seria capaz de gerar uma antissociedade governada por Satã no mundo. Muitos estudos sobre magia e religião defendem que apesar do sabá diabólico ter sido um mito produzido pela cultura douta nessa época, ele não foi uma invenção infundada, mas sim construída a partir de tradições folclóricas milenares das populações camponesas europeias. Por isso, também encontrou aceitação popular. Muito antes de o sabá constar nos processos contra bruxas na Europa, os camponeses já compartilhavam mitos sobre voos mágicos, sobre mulheres que se transformavam em corujas voadoras devoradoras de crianças, sobre comportamentos sexuais transgressores (com registros, inclusive, nos textos bíblicos), sobre seitas secretas conspiratórias, dentre outros relatos (Bethencourt 1994:42-43). (SILVA, 2018, p. 35-36)

Se racionalmente retirarmos os elementos místicos e fantásticos atribuídos ao Sabbat, ele poderia simplesmente ser encontros de pessoas que se reuniam no meio do mato, longe dos olhares sociais acusatórios (da comunidade e das autoridades) para beber, dançar e, inclusive, organizar a resistência aos padrões burgueses. Com relação à narrativa do Diabo<sup>28</sup>, ele foi uma forma de manter a

---

<sup>28</sup> Ele também foi utilizado como bode expiatório da Igreja e do Estado para explicar para a população que eram suas ações malignas que estavam causando as guerras civis e religiosas, a miséria nos campos e a peste negra. Dessa forma, a população não questionaria. Cresceu o pavor coletivo com relação ao demônio, ao qual foi atribuído grande poder para que fosse capaz de causar todos esses problemas.

hierarquização entre os gêneros. Na lógica patriarcal, o poder da bruxa advinha de sua convivência e pactos com os demônios e do seu pacto com o diabo. Era inconcebível imaginar que a mulher, por si própria, tivesse a capacidade de curar e lançar malefícios sobre o corpo ou realizar certos fenômenos ditos “sobrenaturais”. Assim, o mal absoluto era o Diabo (figura masculina) e as bruxas (figuras femininas) estavam à seu serviço. O Diabo passa a mensagem de que não existe mulher que não seja controlada, nem mesmo as bruxas.

As ferramentas da Inquisição para fazer a perseguição funcionar era instigar a desconfiança entre os membros da comunidade. Assim, não foi uma guerra de homens contra mulheres, pois as próprias mulheres denunciavam umas às outras, fossem elas parentes, amigas ou vizinhas. Isso dividiu as mulheres<sup>29</sup>. As denúncias fundamentavam-se tanto na crença genuína de estarem sendo prejudicadas por culpa das maldições de outra mulher quanto como forma de resolver desavenças pessoais, como inveja e ciúmes dos maridos. Era extremamente comum as acusações feitas por motivações individuais que nada tinham a ver com a prática de bruxaria, especialmente porque a Inquisição não preocupava-se muito que fossem entregues provas concretas.

A Inquisição, também chamada de Tribunal do Santo Ofício, representou um grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana, cujo objetivo era combater heresias, ou seja, os desvios de fé. O que, na prática, significava conter, julgar, interrogar e interromper quaisquer movimento e/ou pessoas que apresentassem alguma ameaça à doutrina católica. (SILVA, 2018, p. 31)

Os interrogatórios eram formatados com o propósito de arrancar a confissão do acusado, a profissão do arrependimento e sua reabilitação na fé católica. O papa Inocêncio IV já havia autorizado o uso da tortura contra hereges em 1254 e a *Constitutio Criminalis Carolina* (Código Legal Imperial) promulgado pelo rei católico Carlos V em 1532 estabeleceu que a bruxaria seria penalizada com a morte. Assim, desenvolveu-se nesse período uma verdadeira ciência da tortura: inúmeros equipamentos foram engenhosamente projetados com o intuito de causar os mais divesos sofrimentos físicos. Muitos desses equipamentos eram produzidos

---

<sup>29</sup> As relações patriarcais estavam tão estabelecidas que não era preciso a figura de um homem para opressão acontecer. Foi tão bem educado que as mulheres reproduziram de forma alienada.

especificamente para afligir especificamente a morfologia do corpo feminino. Submetidas à torturas intensas, muitas acusadas acabaram confessando falsamente na esperança de que isso cessasse as agressões e a dor.

Nunca, ao longo da história, as mulheres foram submetidas a tão grande agressão, organizada internacionalmente, aprovada pelas leis, abençoada pelas religiões. Com base nas evidências mais frágeis, em geral nada além de uma denúncia, milhares foram detidas, desnudadas, tiveram o corpo totalmente depilado e, então, perfurado com longas agulhas por toda parte na busca da “marca do diabo”, em geral na presença de homens — do carrasco aos notáveis e aos sacerdotes da localidade. E isso não representou, de forma alguma, o fim de seus tormentos. As crueldades mais sádicas já inventadas foram infligidas ao corpo da mulher acusada, que serviu de laboratório ideal para o desenvolvimento de uma ciência da dor e da tortura. (FEDERICI, 2019, p. 70)

As punições severas aplicadas foram “um meio eficaz de aterrorizar a sociedade, isolar as vítimas, desencorajar a resistência e fazer grande parte da população ter medo de se envolver em práticas” mágicas (FEDERICI, 2019, p. 72). Com relação aos arquivos históricos que estão repletos de falsas confissões, Caroline R. Silva explica:

Quase todas as fontes disponíveis sobre a feitiçaria na Época Moderna – tratados demonológicos, processos de execução dos condenados e os processos contra os réus nos tribunais seculares, episcopais e inquisitoriais – foram produzidas pelos homens que condenavam a bruxaria e estavam dispostos a perseguir as feitiçarias. O que gera uma atitude comum de descrédito com as fontes. No entanto, as “distorções” também indicam aos estudiosos a natureza das crenças construídas em torno da feitiçaria. Por meio dos supostos erros de interpretação de magistrados e juízes, é possível encontrar a mentalidade de uma época, que enquadrava as crenças acerca da feitiçaria e dos poderes do demônio no seu sistema de crenças religiosas. As fontes não são mentirosas, elas refletem uma visão de mundo, que na época era profundamente marcada pela oposição entre Deus e o Diabo. (SILVA, 2013, p. 45)

A resistência à caça às bruxas era, em sua maioria, iniciativas individualizadas. A metodologia com a qual tal fenômeno foi aplicado foi bastante eficaz, porque ensinou a exterminar as mulheres, mas não o sistema que domina e explora homens e mulheres da mesma classe. “Na figura da bruxa as autoridades puniam [...] a investida contra a propriedade privada, a insubordinação social [...] e o desvio da normal sexual que, naquele momento, colocava o comportamento sexual

e a procriação sob domínio do Estado” (FEDERICI, 2019, p. 53-54). Diversos problemas capitalistas, patriarcais e racistas foram tratados como bruxaria, sendo este último presente de forma mais intensa nas colônias.

### 3.2 Do lado de cá do oceano: a bruxaria no Brasil colonial

A Caça às Bruxas não ficou restrita ao território europeu, uma vez que as grandes navegações levaram os colonizadores e suas superstições para além-mar. O formato e a intensidade que as perseguições assumiam nas colônias dependiam especialmente de como havia sido a relação do país colonizador com a Inquisição em seu próprio território. Isso porque na própria Europa a perseguição não ocorreu de forma homogênea. No caso de Portugal, a caçada se deu de forma menos incisiva do que em outros países europeus, e o reino português soube usar o fenômeno de forma conveniente aos seus interesses locais.

O tribunal do Santo Ofício foi estabelecido em Portugal, em 1536, principalmente, para resolver o problema judaico, devido à alta migração desse povo para o seu território. Portugal não vivenciou o fenômeno da grande “caça às bruxas”, vivido por grande parte dos países europeus durante a modernidade. Entretanto, apesar da intelectualidade portuguesa ter mantido um relativo ceticismo em relação ao poder desmedido do demônio e das bruxas – excessivamente temidos na Europa do Norte – e de não ter tido uma tradição editorial demonológica, os eruditos lusos conheciam bem as teorias em torno do pacto diabólico e do sabá. As instâncias de poder portuguesas não empreenderam uma loucura persecutória contra as bruxas, mas, nem por isso, deixaram de se preocupar com as práticas supersticiosas do povo comum, eivadas de magismo, e com a possibilidade do pacto com o Diabo (Paiva 1997:361-363). (SILVA, 2018, p. 32-33)

A estudiosa Carolina Rocha<sup>30</sup> produziu análises que contribuem com o entendimento dos contornos que essa perseguição assumiu no Brasil colonial, pois a postura mais “contida”<sup>31</sup> de Portugal refletiu em como a América Portuguesa lidou com a questão. No Brasil, por exemplo, não houve a instalação de um tribunal inquisitorial local, o que tornava o processo muito mais lento. Os comissários do

---

<sup>30</sup> Carolina Rocha Silva é historiadora brasileira, negra, feminista e autora do livro *O sabá do Sertão: feiticeiras, demônios e Jesuítas no Piauí colonial (1750-1758)* (2015). A obra analisa as denúncias de bruxaria deferidas às mulheres negras e escravas Joana e Custódia por um padre Jesuíta.

<sup>31</sup> Prender e assassinar pessoas, ainda que em menor quantidade, nunca pode ser normalizada como uma postura contida.

Santo Ofício português eram encarregados de visitar e monitorar a colônia, uma tarefa árdua pela extensão de território e pela dificuldade de acesso a todas as regiões. Dessa forma, denunciar os casos de heresia e irregularidades locais para a Inquisição de Lisboa recaía sobre os eclesiásticos e os jesuítas da Companhia de Jesus que acompanhavam as comunidades de forma mais próxima. Quando necessário, os acusados eram levados para serem julgados em Portugal nos cárceres de custódia, com possibilidade de submissão à tortura durante os interrogatórios. Navios do reino levavam para as terras brasileiras os pareceres dos processos e dos réus, tornando-se um símbolo de pânico entre os colonos.

A primeira visitação do Santo Ofício em terras brasileiras ocorreu na Bahia, entre 1591-5, a segunda, em Pernambuco, foi de 1618 a 1621, e a terceira, destinada ao Grão-Pará, entre 1763-9. Essas eram áreas de maior prosperidade econômica. Segundo Laura de Mello e Souza, as culpas por feitiçaria predominaram nas regiões mais ricas do território, o que denota que 'sincretismo e práticas mágicas se intensificavam e ganhavam complexidade na razão direta em que se desenvolvia o processo de colonização, a produção de riqueza, em que crescia o número de escravos africanos'. (SILVA, 2013, p. 121)

Os europeus acreditavam que haviam exorcizado o Demônio da Europa e ele havia vindo refugiar-se no desconhecido Novo Mundo. Os colonizadores não entendiam nada dos costumes nativos e das idolatrias politeístas das comunidades que encontraram aqui, e suas crenças cristãs dogmáticas e dualistas não se enquadravam com as destes povos. O choque cultural fez com que os colonizadores demonizassem<sup>32</sup> tudo o que não lhes era familiar. “A grande justificativa moral da colonização foi a necessidade de levar a palavra de Deus e converter ao cristianismo os habitantes das novas terras. [...] exploradores e missionários funcionavam como exorcistas dos demônios americanos” (SILVA, 2013, p. 44).

---

<sup>32</sup> A herança dessa intolerância religiosa ainda é sentida no Brasil. Todo ano muitos terreiros são alvos de ataques violentos por conta do preconceito. Eles são apedrejados, saqueados e têm seus símbolos religiosos profanados e destruídos. Em alguns casos, há violência com os pais e mães de santo. As motivações dos criminosos são a de extirpar o “mal”, o Diabo e de estarem agindo em nome de Deus. Também há o preconceito “velado” (mas nem tanto) no imaginário popular, pois a maioria das pessoas que não pertencem a tais religiões acreditam que as entidades de matrizes africanas (como Exu e a Pombagira) são malignas, perigosas ou trapaceiras. A macumba é mal interpretada e o termo popularizou-se com conotações de malefício, muito diferente do seu real significado nas religiões afrobrasileiras.

Conforme avançava a colonização, o hibridismo religioso tornou-se uma forte característica brasileira, fruto das novas relações sociais e da convivência entre imigrantes, escravos africanos e grupos indígenas. A interação entre diferentes culturas levou-os a “compartilhar” os elementos de suas tradições, influenciando umas às outras de forma circular. As religiões não permaneceram estáticas.

[...] a especificidade da religiosidade popular na colônia deve-se às ondas migratórias de colonos portugueses, aos feiticeiros degredados da metrópole, ao tráfico negreiro cada vez mais intenso, ao contato constante com as tribos indígenas, à invasão de holandeses calvinistas e à crescente consciência da condição colonial, que viabilizou a pluralidade de espiritualidades e crenças. “Traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se, pois na colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial” (Souza 1993:97). (SILVA, 2018, p. 35)

Da parte dos colonizadores, esse “compartilhar” na verdade tinha mais a ver com a catequização forçada dos demais povos. Para os portugueses, sem a conversão cristã esses grupos estariam relegados à influência do Diabo. Entretanto (e felizmente), a imposição de uma crença sobre a outra não fez com que as religiões desses povos desaparecessem por completo: por um lado, a fé católica mesclou-se com as demais tradições devido ao processo natural da convivência; por outro, muitos colonos continuaram praticando seus ritos e devoções de forma velada. O sincretismo de muitos elementos cristãos com os das religiões dos colonos foi uma consequência tanto da miscelânea popular quanto um meio de camuflar a adoração daqueles que seguiam fiéis às suas crenças originárias. “As cerimônias sobrenaturais coletivas registradas pela Inquisição foram o calundu e o “Acotundá” mineiro, que exprimiam uma clara influência da cultura africana, com danças, batuques e possessões, misturados aos elementos do catolicismo” (SILVA, 2013, p. 43).

Nessa linha, alguns termos do vocábulo africano incorporaram-se de forma pejorativa ao linguajar popular da colônia: “moleque”, que significa “negrinho”, passou a ser utilizado para designar o Diabo, assim como “tundá”, palavra relacionada ao já mencionado “Acotundá”: um rito de matriz africana do século XVIII que era dançado ao som de atabaques e tambores e com a adoração de santos católicos. Estas danças foram consideradas diabólicas (SILVA, 2013).

No que tange à magia, tanto os povos indígenas quanto os escravos africanos estavam mais habituados a incorporá-la em seus costumes espirituais. Os rituais foram encarados pelos portugueses como uma conexão com o mal, portanto foram criminalizados e considerados heréticos. Nas descrições feitas por eclesiásticos, poucas vezes aparecem descrições que assemelhavam os rituais mágico-religiosos do Novo Mundo com o Sabbath europeio; por outro lado, eles utilizavam suas conhecidas terminologias demonológicas para referir-se a tais rituais: “[...] foram colocados diabos, que não pertenciam ao imaginário dessas sociedades, em quase todas as representações e descrições sobre a colônia” (SILVA, 2018, p. 36). De fato, os portugueses demonstraram-se muito mais preocupados com o caráter coletivo das práticas religiosas indígenas e afro-brasileiras do que com o Sabbath das feiticeiras europeias (SOUZA, 1993).

Conforme explica Carolina, as práticas mágicas assumiram uma função social no Brasil colonial: tornou-se uma válvula de escape da população para suportar as pressões de suas condições sociais. “Para os colonos, as atividades com o mundo sobrenatural podiam permitir o alívio das tensões inerentes do sistema escravista, da miséria, das angústias e incertezas, dos desamores e desafetos, das pulsões sexuais, das doenças [...]” (2013, p. 45-46). Dentro de um contexto de exploração brutal do corpo, anulação da mente, cativeiro emocional e opressão espiritual, a magia tornou-se uma das ferramentas de resistência ao sistema escravocrata: aconteciam “desde manifestações explícitas, como fugas, revoltas e formações de quilombos, até as mais ‘sutis’ e cotidianas, como suicídios, roubos, assassinatos e ‘feitiços’” (SILVA, 2018, p. 33). Manter vivas as práticas mágicas, os sortilégios e as simpatias populares era uma forma de combater a tentativa portuguesa de eliminá-las e de rebelar-se contra a ortodoxia cristã às quais eram submetidos. “A prática de se vingar dos santos, da Virgem e de Cristo, urinando em cima das imagens, introduzindo nas partes íntimas, ou pisoteando, não foi incomum” (SILVA, 2018, p. 43), assim como a blasfêmia (considerada heresia).

As populações africanas eram sequestradas de forma violenta, submetidas a uma terra estranha e tinham quase nenhuma liberdade para direcionar suas vidas, sua mão-de-obra era explorada e não eram vistos sequer como seres humanos, mas sim como mercadorias. Apanhavam nas fazendas e sofriam os abusos do sistema no qual estavam imersos. Existiram diversas

formas de resistir a essas condições e também diversas formas de negociação com o homem branco colonizador. Assim, da mesma forma que os escravos repudiavam os senhores brancos que os colocavam no tronco para apanhar, também identificavam, muitas vezes, o cristianismo, a religião oficial desses homens, como uma doutrina hostil. (SILVA, 2018, p. 40)

A missão católica era a de “salvar as almas”. Participar das missas era obrigatório<sup>33</sup> e os sermões passaram a popularizar e a espalhar a luta contra a heresia, incentivando que as pessoas delatassem umas às outras, ainda que fossem parentes ou amigos. Assim como na Europa, isso virou um pretexto para compensar desavenças pessoais. Sob a justificativa de limpar o mal local e agir pelo bem da humanidade, a Inquisição no Brasil funcionou “muitas vezes como um termômetro das tensões sociais presentes na sociedade colonial, e exprimia conflitos entre vizinhos, cônjuges, senhores e escravos, e políticos” (SILVA, 2013, p. 126). Durante o século XVIII, ocorreu uma grande quantidade de processos e denúncias no Brasil ligados à feitiçaria, à bruxaria, ao pacto com o demônio e à superstição, mas poucos evoluíram para processos formais nos Tribunais do Santo Ofício em Portugal.

Sem embargo, a colônia era impregnada de práticas mágicas. Como o exílio no Brasil era uma pena comum aplicada aos acusados de feitiçaria em Portugal, a América Portuguesa estava cheia de benzedoras e curandeiras, que somavam-se aos xamãs, pajés e entidades sobrenaturais africanas. As pessoas que trabalhavam com o ofício da magia e dos sortilégios praticavam “adivinhações, sejam através de objetos, sonhos ou orações; curas, seja através de poções, ervas, sopros, toques, sucções, rituais, objetos, palavras ou rezas; benzeduras; transportes de pessoas por meio sobrenatural; envenenamentos” (SILVA, 2013, p. 125). Tanto colonos quanto colonizadores recorriam às feiticeiras das comunidades para obter vantagens pessoais ou enfrentar dilemas. O ofício mágico era uma fonte de renda extra para essas pessoas, que muitas vezes não sabiam que tais simpatias poderiam incriminá-las de pacto demoníaco. Foi assim que muitas mulheres foram executadas ou sofreram penas severas durante o Brasil colonial sob a acusação de bruxaria. Alguns dos casos mais conhecidos são:

---

<sup>33</sup> Inclusive, ir ou não à missa com regularidade poderia ser utilizado como argumento favorável ou incriminatório nas acusações e interrogatórios de feitiçaria.

- a) Mima Renard: 1692, foi queimada viva em praça pública na cidade de São Paulo. Mima era uma francesa viúva que prostituía-se para viver. Quando dois clientes casados tiveram uma desavença por sua causa que resultou em morte, ela foi considerada culpada, acusada de enfeitiçar os homens com sua beleza e roubar maridos;
- b) Isabel Pedrosa de Alvarenga: uma possível pobre que vivia de esmolas e foi acusada de carregar umbigos de crianças e bicos de pássaros em seu saco para rituais de feitiçaria. Ela foi levada para julgamento em Lisboa entre 1750 e 1760. A documentação do tribunal não informa seu destino final;
- c) Thereza Leyte e Escolástica Pinta da Silva: 1754, mãe e filha acusadas em Jundiá (interior de São Paulo) de pactuarem com o demônio e matar o primeiro marido de Escolástica por intermédio de feitiços<sup>34</sup>;
- d) Ursulina de Jesus<sup>35</sup>: 1754, foi queimada viva em fogueira pública em São Paulo. Foi acusada de bruxaria por ser considerada culpada de causar a esterilidade de seu marido por intermédio de magia demoníaca. O próprio marido foi quem a entregou à Inquisição;
- e) Joana e Custódia: 1758, escravas mestiças que confessaram participar de “congressos noturnos” e pactos diabólicos no Piauí. O padre jesuíta Manuel da Silva foi o responsável por registrar e encaminhar o documento à Inquisição em Lisboa, na intenção de alarmar contra o “abandono religioso” da Ordem nos interiores da colônia. As confissões misturam elementos da magia popular, dos calundus e do Sabbath europeu. O processo não se tornou inquisitorial.

A falta de mais registros nos arquivos (especialmente quando trata-se de mulheres negras, mestiças e indígenas) e, muitas vezes, o desconhecimento do paradeiro final dos prisioneiros é um reflexo do quão pouco essas vidas importavam para o reino — e a escravidão, a exploração e o genocídio de indígenas e africanos já deixam suficientemente clara a desimportância dada a essas vidas humanas por

---

<sup>34</sup> Este julgamento foi analisado pela pesquisadora e filóloga Narayan Porto em sua pesquisa de mestrado *Feitiçaria paulista: transcrição de processo-crime da Justiça Eclesiástica na América portuguesa do século 18* (2018).

<sup>35</sup> MALVA, Pamela. **ACUSADA DE BRUXARIA E MORTA NA FOGUEIRA: A SAGA DE URSULINA DE JESUS**. In: AVENTURAS na História. 26 nov. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZtBZtU>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

parte dos portugueses. A perseguição às bruxas em terras brasileiras foi só mais um fenômeno que se somou aos horrores aos quais esses povos foram submetidos.

### 3.3 O declínio da perseguição

Em um dado momento do final do século XVII, a histeria coletiva com relação às bruxas começou a esvaecer-se por toda a Europa. Em ritmos particularmente diferentes, cada país foi dando fim à perseguição frenética e substituindo as superstições sobrenaturais por uma postura de ceticismo com relação às crenças mágicas. De fato, acreditar em superstições e na bruxaria tornou-se algo ridículo e desprezível aos olhos dos intelectuais. Alguns fatores que contribuíram para o declínio de perseguição foram:

- a) a hegemonia do capitalismo-patriarcal já estava bem consolidada, com seu poder assegurado. Passado o período de transição entre o feudalismo e o capitalismo, a disciplina social já não representava mais uma ameaça ao poder político e econômico como acontecia no fim da Idade Média, quando os costumes e acordos sociais eram outros e poderiam afetar o desenvolvimento inicial do sistema. Assim sendo, a desconfiança e o pânico geral de nada serviam aos interesses capitalistas atuais e os julgamentos foram cessando;
- b) as acusações fugiram do controle da elite e deixaram de lhe ser conveniente. Era uma prática comum as pessoas denunciarem umas às outras como forma de se vingar e resolver conflitos pessoais, o que dificultava o trabalho dos juízes de discernir entre inocentes e culpados. Quando os nomes de membros das classes dominantes começaram a ser alvos de acusações por bruxaria, eles acabaram “se transformando em vítimas de seu próprio aparato repressivo” (FEDERICI, 2017, p. 371) e os governos abrandaram sua postura;
- c) a racionalidade científica do Iluminismo transformou a vida intelectual. “A visão mecanicista da natureza, que surgiu com o início da ciência moderna, ‘desencantou o mundo’” (FEDERICI, 2017, p. 364). Eventos antes atribuídos às bruxas e demônios passaram a ter explicações racionais demonstráveis via métodos científicos. Entretanto, a ciência veio em defesa das mulheres criminalizadas. Ela apenas abalou a crença popular na bruxaria.

Cada um a seu tempo, os governos europeus começaram a tomar a iniciativa de modificar suas jurisdições, promulgando novos códigos legais que colocaram fim às perseguições das bruxas e feiticeiras. No lugar de culpabilizar o sobrenatural pelos problemas que aconteciam nas comunidades, as condenações passaram a recair apenas para aquilo que se pudesse provar. Os pequenos delitos passaram a ser reconhecidos como crimes comuns e lhes foram aplicadas penas mais cabíveis.

A blasfêmia começou a ser tratada como um delito punível — na França, decretou-se que, depois da sexta condenação, os blasfemadores teriam sua língua cortada — da mesma maneira que o sacrilégio (profanação de relíquias e roubo de hóstias). Também foram estabelecidos novos limites para a venda de venenos; seu uso privado foi proibido, sua venda foi condicionada à aquisição de uma licença e estendeu-se a pena de morte aos envenenadores. Tudo isso sugere que a nova ordem social já estava suficientemente consolidada para que os crimes fossem identificados e castigados como tais, sem a possibilidade de recorrer ao sobrenatural. (FEDERICI, 2017, p. 372)

Entretanto, é evidente que a bruxa permaneceu assombrando e povoando o imaginário da humanidade. Mesmo após o fim da perseguição desenfreada com a mudança das leis e tratados judiciais e da ciência moderna ter desacreditado a feitiçaria diabólica no pensamento intelectual, de alguma forma, a bruxa permanece viva nas lendas populares e no inconsciente coletivo. É certo que, pouco a pouco, o pânico geral passou e as pessoas passaram a lidar com essa figura arquetípica a partir de uma nova postura: a bruxa deixou de ser um mal diabólico iminente no tecido social e a fixação com o Sabbat noturno desapareceu.

Uma vez destruído o potencial subversivo da bruxaria, foi possível até mesmo permitir que tal prática seguisse adiante. Depois de que a caça às bruxas chegou ao fim, muitas mulheres continuaram sustentando-se por meio da adivinhação, da venda de encantamentos e da prática de outras formas de magia. [...] Mas agora as autoridades já não estavam interessadas em processar essas práticas, sendo inclinadas, ao contrário, a ver a bruxaria como um produto da ignorância ou como uma desordem da imaginação (Mandrou, 1968, p. 519). (FEDERICI, 2017, p. 372-373)

A sensação que fica é a de que a morte de centenas de milhares de mulheres por bruxaria foi tratada apenas como um engano, já que para essa nova visão bruxas não existem. É revoltante que a injustiça cometida com a vida de mulheres reais não teve o espaço nem a dimensão necessários entre as principais reflexões

feitas para que a perseguição terminasse. As questões políticas e econômicas sim. Mulheres foram queimadas, enforcadas, torturadas e condenadas, e quando a Caça às Bruxas terminou, os governos desacreditaram as bruxas e seguiram seus rumos, acreditando-se finalmente livres dessa entidade.

## 4 A ERA CONTEMPORÂNEA E OS CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ AQUI

A bruxa não morre. Ela é aquela que sobrevive.

Apesar dos esforços monstruosos da Era Moderna, a imagem da bruxa não desapareceu nem do imaginário popular, nem das histórias que são contadas. Sendo a bruxa uma figura arquetípica, o que ela faz é continuar acumulando novas camadas de significados conforme a humanidade lhe atribui mais símbolos e informações através dos tempos.

[...] de acordo com a época, este ou aquele traço simbólico será acentuado, uma imagem mítica será construída e, automaticamente, manter-se-á presente enquanto for adequada a determinada sociedade, em determinado período histórico e para determinado público. (SCLIAR, 2010, p. 27)

O reaparecimento do interesse pela bruxaria na Europa foi uma contribuição do movimento romântico do século XIX. Apesar do Iluminismo ter rejeitado e desacreditado a crença em bruxaria e em superstições populares, o racionalismo e o materialismo exacerbado da época fizeram aflorar uma nostalgia romântica, preocupada em reencontrar o significado profundo da humanidade. Mesmo um mundo cético e cientificista não pode desmistificar a humanidade por completo.

A teoria romântica defendeu as bruxas, alegando que elas haviam sido mal compreendidas e que, na verdade, a bruxaria havia sido um movimento pagão de resistência ao cristianismo medieval. Este é um pensamento burguês que unilateraliza a análise: não é que não seja verdade que houvesse resistência das crenças populares na bruxaria, mas não era apenas isso. Havia questões de sobrevivência material envolvidas. De qualquer forma, “tal ênfase despertou o interesse renovado pela magia e por outras artes ocultas — um entusiasmo que também ajudou a reabrir a discussão sobre a bruxaria e a loucura da caça às bruxas, cuja memória ainda estava fresca [...]” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 180).

O interesse pelo ocultismo fez multiplicarem-se as sociedades secretas<sup>36</sup>: organizações que estudavam conhecimentos místicos, esotéricos e a magia

---

<sup>36</sup> A Ordem Rosacruz, a Ordem Hermética da Aurora Dourada (*Hermetic Order of the Golden Dawn*) e a *Ordo Templi Orientis* (OTO) são exemplos de grupos ocultistas que adquiriram grande prestígio.

cerimonial. Fosse a produção de conteúdo da época fruto de invenções fantasiosas ou de pesquisas críveis, o que realmente importa é o impacto cultural gerado como resultado de revirar esses assuntos. O que se segue na Era Contemporânea deixa muito clara a importância da mídia na construção da cultura.

A cultura — compreendida aqui de forma ampla, por um ponto de vista mais antropológico, como a reunião de valores, crenças, técnicas etc., como a dimensão social da vida humana —, justamente para que seja cultura, necessita da comunicação, tem na comunicação um dos seus elementos mais importantes. Lucia Santaella, em alusão a Umberto Eco, chega a dizer que os fenômenos culturais são também fenômenos comunicacionais. Isso porque tudo o que envolve cultura está ligado ao coletivo, ao compartilhamento, à socialização e, para que haja essas trocas de valores, esses intercâmbios de conhecimentos, a faculdade humana da comunicação é indispensável. (POMPEU, 2018, p. 116)

Conforme a sociedade avança em tecnologias comunicacionais, as plataformas onde as representações da bruxa se reproduzem são cada vez mais diversas, multimodais<sup>37</sup> e participativas<sup>38</sup>, plasmando no inconsciente coletivo uma concepção de quem a bruxa é.

Em seu livro *Linguagens Líquidas na era da mobilidade* (2007), a autora Lucia Santaella<sup>39</sup> estrutura seis tipos de lógicas culturais historicamente sequenciais e distintas, mas que “foram gradativamente mesclando-se e interconectando-se de modo indissolúvel: a cultura oral, a escrita, a impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura” (ibidem, p. 121).

Sistemas midiáticos consistem em tecnologias comunicacionais e nas mais variadas práticas econômicas, políticas, institucionais e culturais que crescem com eles. [...] Embora cada tipo de formação cultural tenha traços específicos que diferenciam uma formação cultural da outra, quando surge uma formação cultural nova ela não leva a anterior ao desaparecimento. Pelo contrário, elas se mesclam, interpenetram-se.[...] Assim, todas as formas de cultura, desde a cultura oral até a cibercultura hoje coexistem, convivem e sincronizam-se na constituição de uma trama cultural hipercomplexa e híbrida. (SANTAELLA, 2007, p. 122-128)

<sup>37</sup> “[...] o mesmo conteúdo pode ser encontrado em múltiplas representações” (ibidem, p. 123).

<sup>38</sup> “[...] borra-se a linha divisória entre consumidor e produtor com ênfase crescente nas afiliações sociais e engajamento ativo em torno do conteúdo da mídia” (idem).

<sup>39</sup> A professora brasileira Lucia Santaella (1944) é uma das pesquisadoras pioneiras em semiótica e metodologia da ciência. Ela também desenvolve pesquisas nas áreas da comunicação, da semiótica cognitiva e computacional e das estéticas tecnológicas, publicando diversos livros e artigos que são base teórica dos cursos de comunicação por todo o país.

Desde o aparecimento da bruxa no nível consciente<sup>40</sup> da existência, as formas como ela foi retratada construíram um acervo de referências coletivas (uma base comum) que deixou uma marca. Cada representação reafirmou símbolos pela repetição de padrões e/ou adicionou uma nova camada de significados ao apresentá-la sob outras perspectivas. Esse conjunto de informações acumuladas confere credibilidade e cristaliza o conteúdo dessa imagem arquetípica a um determinado desempenho social. Fosse através de personagens ou de pessoas que se assumiram como tal, a imagem da bruxa vem sendo esculpida no inconsciente coletivo conforme suas representações foram produzidas e reproduzidas nas plataformas midiáticas que cada lógica cultural introduziu, mesclando-se aos aspectos culturais, sociais, políticos, psicológicos e religiosos de cada contexto.

No Brasil, são três as personificações de bruxas famosas da cultura local. A Cuca, atualmente conhecida sob o aspecto de um jacaré falante fêmea que mora numa caverna e persegue crianças levadas, a Cuca na verdade é uma personagem de lendas orais europeias que chegou ao Brasil durante o período colonial. Originalmente conhecida como Coca<sup>41</sup>, ela era uma bruxa velha e desganhada dos pavores noturnos infantis. A famosa cantiga de ninar “*Nana neném que a Cuca vem pegar*” é utilizada para disciplinar as crianças através do medo e da ameaça de ser capturada por essa entidade caso demorassem a ir para cama. No Brasil, a mistura de tradições europeias, indígenas e africanas deu outras formas para a lenda. Em 1921, Monteiro Lobato inseriu a Cuca em seu livro *O Saci*, único conto no qual ela aparecia. O autor a descreveu com a aparência de um jacaré, muito provavelmente apenas como uma analogia à feiura da velha bruxa. Na década de 70, a emissora Rede Globo utilizou essa descrição de forma literal e representou a personagem com o aspecto que conhecemos hoje. As várias edições da série televisiva *Sítio do Pica-pau Amarelo* conseguiram transformar o imaginário popular acerca dessa criatura, imprimindo através da repetição sua própria interpretação da Cuca na cabeça das pessoas. Assim como dito anteriormente, os fenômenos culturais

---

<sup>40</sup> Sendo a bruxa uma figura de raízes arquetípicas, ela sempre existiu no inconsciente coletivo. Seus atributos são fragmentos de um arquétipo maior. Em um dado momento, a humanidade trouxe esses conteúdos à consciência, personificando-os sob esse nome e formas.

<sup>41</sup> BARBOSA, Felipe. **POR QUE A CUCA É UMA BORBOLETA? O MITO DA "BRUXA DO SONO" NOS LIVROS E NA TV | CIDADE INVISÍVEL**. 9 fev. 2021. 17 min 18 s, color. Canal Felipe Barbosa. Disponível em: <<https://bit.ly/3kFi8PU>>. Acesso em: 30 out. 2021.

também são fenômenos comunicacionais, e a programação definida por um veículo relevante passou a determinar o senso comum sobre esta figura. Recentemente, a série da Netflix *Cidade Invisível* (2021) humanizou a Cuca apresentando-a sob uma outra forma, mas ainda vinculada às suas origens de bruxa disfarçada com poder de invadir a mente das pessoas e transformar sonhos em pesadelos.

Figura 1 — Cuca representada em *Sítio do Pica-pau Amarelo* e *Cidade Invisível*.



Fonte: Globo, adaptado pela autora.

Outra grande bruxa local é Morgana, a bruxa boa da telessérie educativa *Castelo Rá-Tim-Bum*, que começou a ser produzida e transmitida pela TV Cultura em 1994. O projeto pedagógico construiu a personagem para ser uma grande contadora de histórias, e seus quase 6 mil anos de idade possibilitavam que ela contasse os feitos da humanidade da perspectiva de alguém que participou dos eventos. O objetivo era ensinar as crianças de maneira divertida — portanto, elas não poderiam ter medo da feiticeira da série. Assim, Morgana era uma tia-avó simpática e carinhosa. Sua veracidade enquanto feiticeira ficava por conta dos diversos símbolos que a acompanhavam: o poder de lançar encantamentos com palavras mágicas ou com o estalar dos dedos, a vassoura voadora, o caldeirão, o livro de feitiços falante e sua gralha Adelaide como animal familiar. O sucesso da série desdobrou-se em livros, filmes, peças teatrais, exposições, além de ter sido exibida em outros 16 países latinos — em termos de inconsciente popular, a representação de Morgana povoou o imaginário de muitas gerações em muitos lugares diferentes.

Figura 2 — Morgana, a bruxa boa de *Castelo Rá-Tim-Bum*.



Fonte: TV Cultura, adaptado pela autora.

Por fim, a Pombagira. Diferentemente das anteriores, esta não se trata de uma personagem ficcional de produções culturais. A Pombagira é uma entidade das religiões de matrizes africanas Candomblé e Umbanda. Um dos nomes que ela assume quando incorporada em trabalhos espirituais é o de Maria Padilha. A Pombagira é associada à imagem da bruxa na medida em que ambas assumem aspectos em comum: são mulheres independentes, sensuais e que libertaram-se das submissões de gênero, expressando seus corpos e sexualidade de forma livre. Existe muito preconceito e ignorância com relação ao entendimento do que é uma Pombagira. Uma das superstições é a de que se trata de uma entidade maligna acionada para roubar maridos, pois, assim como a bruxa, elas são mal interpretadas e tidas por mulheres libertinas, culpadas de provocar os pecados masculinos. Essa incompreensão é um recorte de um cenário maior de intolerância religiosa e da herança colonizadora de exterminar as tradições religiosas e culturais dos povos colonizados. Muitos terreiros são atacados violentamente por conta do estigma, sendo destruídos ou queimados sob a acusação de praticarem “magia negra”. Se a Pombagira tivesse seu próprio corpo material, ela seria aquela ameaçada a terminar na fogueira dos dogmáticos. A representação popular da Pombagira é a figura mais próxima que temos do que seria uma “bruxa brasileira”, pois elas se assemelham tanto nas incompreensões das percepções das pessoas quanto em suas formas e significados de resistência feminina.

Figura 3 — Representações artísticas populares da Pombagira.



Fonte: Instagram, adaptado pela autora.

Além dessas 3 grandes representações locais, muitos jovens brasileiros também cresceram consumindo outras referências estrangeiras inesquecíveis: o episódio *A Vassoura da Bruxa* (1995) da série *Pica-Pau*, onde a bruxinha testa várias vassouras voadoras dizendo o encantamento “*E lá vamos nós*”; a personagem Dona Clotilde conhecida como Bruxa do 71 do seriado televisivo mexicano *Chaves*, que estreou na tv aberta brasileira em 1984 e tornou-se uma das marcas registradas da emissora SBT.

Figura 4 — Bruxa da série *Pica-Pau* e Dona Clotilde, Bruxa do 71, da série *Chaves*.



Fonte: adaptado pela autora.

Não cabe ao formato deste trabalho acadêmico uma análise pormenorizada de todas as, assim denominadas, bruxas existentes na história (fictícias ou reais). São incontáveis as possibilidades de estudos mais detalhados, tanto por conta da

diversidade de universos midiáticos onde as representações se dão (mitos orais, literatura, cinema, redes sociais...) quanto em função de uma grande quantidade de abordagens metodológicas possíveis (semiótica, narrativa, de conteúdo...). Contudo, aqui iremos nos deter ao fio condutor de representações com grande relevância na cultura global e local.

Para tanto, nos guiaremos pela estrutura dos sistemas culturais propostos por Santaella. Como grande parte do capítulo anterior está baseado no que foi construído pela oralidade, esta não será abordada a seguir. Os cinco sistemas restantes serão agrupados de acordo com suas similaridades, interpenetrabilidades e de forma mais conveniente aos propósitos desta análise: a) cultura escrita e cultura impressa; b) cultura de massa e cultura das mídias; c) cibercultura.

Entretanto, antes de iniciarmos essa análise comunicacional, é importante pontuar que, apesar da grande maioria das representações tratar de personagens fictícias criadas pela indústria cultural, não podemos de forma alguma perder de vista que a Era Contemporânea também está repleta de bruxas reais que fizeram história. Alguns exemplos dessas grandes feiticeiras são: a cabeleireira estadunidense Marie Laveau (1782-1881), respeitada como Rainha dos Voduns, ela ficou famosa por fazer adivinhações, curandaria e feitiços para clientes, além da lenda dela ter uma cobra de estimação chamada Zumbi; a mística e escritora ocultista russa Madame Blavatsky (1831-1891), que foi cofundadora da Sociedade Teosófica e seus escritos inspiraram movimentos espiritualistas e o aspecto religioso do movimento dos hippies; a autora britânica Dion Fortune (1890-1921) que é considerada uma das principais figuras femininas do ocultismo britânico do século XX, sendo pioneira em inserir conceitos de psicologia na prática do ocultismo e fundadora da ainda existente Fraternidade da Luz Interior.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> “*Mas onde estão as bruxas do século XXI?*”. Pois bem. Já vamos chegar nelas.

Figura 5 — Marie Laveau, Madame Blavatsky e Dion Fortune.



Fonte: adaptado pela autora.

Tal qual, o fenômeno da Caça às Bruxas também não ficou restrito ao passado distante: uma rápida pesquisa no Google revelará uma grande quantidade de notícias atuais relatando condenações por prática de bruxaria, estas repetindo-se em diferentes países sob diferentes pretextos e contextos, inclusive no Brasil<sup>43</sup>. O que a princípio pode parecer chocante e absurdo revela-se mais frequente no mundo moderno do que gostaríamos de constatar. Não se trata apenas de um “retorno” visto que a violência contra mulheres nunca deixou de acontecer<sup>44</sup>, tivesse ela contornos coletivos maiores ou menores. No presente século, milhares de mulheres (mas não só) seguem sendo assassinadas por bruxaria, especialmente na África, na Ásia e na América Latina<sup>45</sup>. Na raiz desses ataques estão questões ideológicas, religiosas, misóginas e um processo parecido a uma recolonização (FEDERICI, 2019, p. 24-25).

<sup>43</sup> Em 2014, Fabiane Maria de Jesus foi violentamente amarrada, arrastada e espancada até a morte por uma multidão de moradores no Guarujá (litoral de São Paulo) por ser vinculada a um boato postado no Facebook de que supostamente a dona de casa de 33 anos realizava rituais de magia negra com crianças sequestradas. O boato era falso. Cf. STEIL, Juliana. **Família de mulher morta após fake news luta por indenização de rede social**. In: G1. 3 mai. 2021. Disponível em: <<https://glo.bo/3F9VIDI>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

<sup>44</sup> No início da Era Moderna em 1798, Maria Conceição foi executada em praça pública no Largo do São Bento em São Paulo após ter sido condenada de heresia e bruxaria por um padre, pois ela estudava ervas medicinais e ajudava os doentes da região com seu conhecimento. Cf. BARREIROS, Isabela. **Bruxaria no Brasil: 5 mulheres que foram acusadas de serem bruxas — e mortas injustamente**. In: AVENTURA na História. 24 dez. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3qGxUOU>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

<sup>45</sup> Cf. BORGES, Gabriela. **“Quero outra sociedade”**. In: REVISTA Trip - Tpm. 19 nov. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3wOEqdg>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

No caso da África, “o desenvolvimento dessa crise neoliberal do capitalismo [...] tem desmantelado a organização comunitária da vida. Os novos missionários ajudam nesse processo de conquista e são financiados por instituições como o Banco Mundial” (FEDERICI, 2021)<sup>46</sup>. A globalização da economia mundial provoca a precarização e o agravamento da pobreza em países de economias não dominantes, e a resistência feminina no campo e na cidade pelo controle do próprio corpo e da terra é vista como ameaça a este projeto. A acusação de bruxaria fragmenta a vida comunitária, minando a mobilização e a união de classe e, assim, milhares de mulheres têm sido agredidas, assassinadas, expulsas de suas comunidades e vítimas de sessões de exorcismo sob o pretexto de livrar o povoado do mal demoníaco. A caça às bruxas é uma tática utilizada como forma de controle e restrição da vida das mulheres. Muitos dos governos onde isso tem ocorrido não reconhecem a execução de mulheres como crime quando realizada sob acusação de bruxaria. Silvia Federici conta que “entre 1991 e 2001 ao menos 23 mil ‘bruxas’ foram assassinadas na África, sendo esse número considerado conservador” (2019, p. 112).

Assim sendo e se tratando de uma palavra que ainda é perigosa e cheia de estigmas, por que o termo “bruxa” foi recuperado pelas feministas e abraçado tão fortemente como símbolo de sua resistência? Simples: “a imagem da bruxa é um dos primeiros exemplos da propaganda generalizada contra as mulheres” (DENNY, 2021)<sup>47</sup> e as feministas não deixaram isso passar despercebido.

As feministas reconheceram rapidamente que centenas de milhares de mulheres não poderiam ter sido massacradas e submetidas às torturas mais cruéis se não tivessem proposto um desafio à estrutura de poder. Também se deram conta de que essa guerra contra as mulheres, que se manteve durante um período de pelo menos dois séculos, constituiu um ponto decisivo na história das mulheres na Europa, o “pecado original” no processo de degradação social que as mulheres sofreram com a chegada do capitalismo, o que o conforma, portanto, como um fenômeno ao qual devemos retornar de forma reiterada se quisermos compreender a misoginia

---

<sup>46</sup> Cf. DIP, Andrea. **Silvia Federici**: “Espero que esse momento impulse uma forte mobilização de movimentos feministas”. In: PÚBLICA. 22 mar. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3HpBNNt>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

<sup>47</sup> Frances F. Denny é fotógrafa e autora do livro *Major Arcana: Portraits of Witches in America* (Arcanos Maiores: Retratos de Bruxas na América, tradução nossa), publicado em 2020. Cf. PEIXOTO, Adriana. **“A imagem da bruxa é um dos primeiros exemplos da propaganda contra mulheres”**. Aliado ao feminismo e ao TikTok, cresce o fascínio com o oculto. In: ZAP. aeiou. 7 nov 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3FgXCwT>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

que ainda caracteriza a prática institucional e as relações entre homens e mulheres. (FEDERICI, 2017, p. 291-292)

Além disso, o movimento feminista dos anos 60 e 70 adotou a bruxa como ícone de sua revolta no mesmo período em que ocorreu a onda de expansão da feitiçaria moderna. Os eventos coincidiram e isto impulsionou o apelo das ativistas a reivindicar o substantivo para si. Entretanto, esta identificação parte muito mais de aspectos sociais e políticos do que da relação com o oculto e as crenças esotéricas. A pauta de reivindicações das feministas fazia delas mulheres perseguidas por não se enquadrarem aos comportamentos pressupostos aos papéis de gênero de sua época, assim como foi com as bruxas e, muitas vezes, por motivos similares: a luta pelo direito ao aborto, as reivindicações trabalhistas, a libertação sexual, a oposição aos padrões de beleza, a recusa à submissão ao poder da Igreja, as críticas ao patriarcado e outras tantas questões fizeram as feministas perceberem que tinham um pouco de bruxas em si mesmas e sentirem muito orgulho disso.

Figura 6 — Ato político do grupo feminista W.I.T.C.H. contra a bolsa de Nova York.<sup>48</sup>



Fonte: Twitter, adaptado pela autora.

<sup>48</sup> [1] À direita: “A Conspiração Terrorista Internacional das Mulheres do Inferno (W.I.T.C.H.) foi um grupo socialista-feminista formado em 1968, conhecido por suas palhaçadas de protesto teatral, incluindo azarar a Bolsa de Valores de Nova York no Halloween. No dia seguinte, elas ficaram maravilhadas ao descobrir que as ações caíram” (tradução nossa).

[2] À esquerda: “Halloween, 1968: Women’s International Terrorist Conspiracy from Hell (W.I.T.C.H.) enfeitiça Wall Street, Nova York. O mercado de ações reportou queda de treze pontos no dia seguinte. ‘Se você é uma mulher e se atreve a olhar para dentro de si mesma, você é uma Bruxa.’ #IgnotaDiary” (tradução nossa).

Esta exaltação da bruxa acrescentou à sua imagem uma camada de significados positivos no inconsciente coletivo: um termo comumente utilizado como xingamento, ofensa ou acusação a mulheres que não se identificavam como tal agora também é auto-convocado como fonte de força, inspiração e ativismo social. Uma das frases mais utilizadas pelo movimento hoje é: “somos as bisnetas das bruxas que não conseguiram queimar”.

Obviamente, a lógica de mercado não deixou de tirar proveito da positivação do termo aliada ao aumento do interesse pela feitiçaria moderna (seja por adeptos, seja por curiosos e fregueses). Uma das tendências capitalistas é a produtificação de todo símbolo, figura ou movimento que seja um contraponto à sua lógica, pois seus significados conceituais originais são removidos ao serem transformados em produtos, passando então a ícones vazios replicados que servem ao capitalismo em sua comercialização. Assim, a representação da bruxa tornou-se cada vez mais presente nos produtos culturais. Nas palavras de Russell e Alexander (2019, p. 221):

Outra importante difusão do conhecimento sobre bruxaria moderna teve lugar em meados da década de 1990, quando uma súbita proliferação de temáticas relacionadas à bruxaria nos meios de comunicação acabou implantando uma imagem e um conceito da bruxaria moderna diretamente na cultura popular (especialmente na cultura adolescente). Os resultados dessa explosão da cultura pop na metade dos anos 1990 ainda se fazem sentir entre nós.

Essa tendência fez a quantidade de bruxos crescer em termos expressivos no mundo todo, sendo estes membros de diferentes graus de comprometimento e envolvimento: de seguidores das vertentes religiosas à fãs dos universos mágicos. Hoje o Brasil conta com um enorme *hall* de eventos sobre a temática com diferentes tipos de abordagens: feiras místicas, congressos religiosos, passeios turísticos e experiências imersivas. Um exemplo singular é a Escola de Magia e Bruxaria do Brasil em Campos do Jordão (São Paulo): inspirada na Hogwarts de *Harry Potter*, a experiência anual acontece no formato de *live action role-playing* com duração de 4 dias, em que os participantes estudam feitiços, magias com ervas, são escolhidos para uma casa de bruxos, jogam quadribol e vivem como bruxos de verdade.

Figura 7 — Páginas do *site* da Escola de Magia e Bruxaria do Brasil.



Fonte: Escola de Magia e Bruxaria do Brasil, 2021.

Assumir-se bruxa virou moda de certa forma, o que não é um problema porque o universo da bruxaria também pode ser muito divertido quando encarado da perspectiva do entretenimento além da seriedade espiritual. Contudo, é imprescindível uma boa dose de realidade de que essa expressão custou (e ainda custa) a vida de centenas de milhares de mulheres. Está coberta de sangue e isto não pode ser esquecido. Dito isto, agora sim podemos seguir em frente.

Enfim, vamos às análises dos fenômenos culturais e comunicacionais.

## 5 ELAS ESTÃO NA CULTURA ESCRITA E NA CULTURA IMPRESSA

No livro *Semiopublicidade: inovação no ensino* (2018), o pesquisador Bruno Pompeu explica a cultura escrita como a lógica de “transmissão de signos a destinos variados, sem que o emissor desses signos precise estar presente” (ibidem, p.117). É a mágica do registro, que amplia o espaço que um mesmo conteúdo consegue alcançar. A invenção da imprensa por Gutemberg no século XV revolucionou mecanicamente a reprodução dos materiais, permitindo a produção de centenas de cópias de um mesmo documento em um único dia. A lógica da cultura impressa faz com que o mesmo conteúdo chegue a um número cada vez maior de pessoas (ibidem, p. 118).

A cultura escrita e a cultura impressa desempenharam um papel definitivo na história da bruxa desde a Idade Moderna. “Entre 1435 e 1487, foram escritos vinte e oito tratados sobre bruxaria” (MONTER, 1976, p. 19), culminando com o grandioso e infeliz *Malleus Maleficarum* em 1486. O livro beneficiou-se da invenção da imprensa e tornou-se “um dos mais influentes livros dentre os primeiros que foram impressos” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 102), com 29 edições ao todo<sup>49</sup>. As publicações dos demonólogos e de outras produções da época ajudaram a impulsionar a caça às bruxas, disseminando amplamente suas ideias misóginas, reforçando a imagem da bruxa como alguém a ser perseguida e castigada.

A Idade Contemporânea presenciou o desenvolvimento da prática de leitura, o avanço tecnológico da cultura impressa e a explosão da quantidade de materiais publicados a cada ano. Nasceram livros relacionados à bruxa de todos os campos de estudos existentes e de todos os tipos de gêneros literários. É impossível rastrear todas as aparições que essa figura faz. Por isso, vamos nos ater aos títulos principais de três grandes categorias<sup>50</sup>: a produção literária infantil, a produção esotérica e a produção acadêmica. Os títulos citados a seguir foram responsáveis

---

<sup>49</sup> DEUTSCHE WELLE. "**Martelo das Bruxas**" orientou séculos de perseguição às mulheres. 28 fev. 2012. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/14AMA>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

<sup>50</sup> A literatura infanto-juvenil e juvenil também têm forte influência na formação de imagens coletivas notáveis, mas esses segmentos não serão analisados aqui por uma limitação de pesquisa. Contudo, sua relevância não passará despercebida: mais adiante identificaremos uma predominância entre narrativas de filmes de sucesso que foram baseadas em livros ou sagas literárias desses segmentos.

por influenciar os demais que se seguiram (seja na concordância ou na refutação) e por instituir os passos que a imagem da bruxa percorreu pela história recente.

### 5.1 Publicações literárias infantis

Nas narrativas clássicas da literatura infantil, foi reservado à bruxa o papel da personagem vinculada ao mal: alguém a ser temida tanto por ter uma intenção ruim quanto por ter poderes mágicos para executá-la; um perigo inerente às crianças; uma antagonista aos heróis e princesas. Existe uma estrutura padrão de como a personagem é apresentada: velha, feia, má, artilosa, rancorosa... — e isso molda a concepção popular sobre a bruxa desde nossa infância.

A psique infantil se organiza com a ajuda da linguagem simbólica contida nas histórias que lhe são contadas, o que lhes fornece um repertório para sua leitura de mundo e elaboração de questões internas. Assim, a figura da bruxa é encarnada na velha e assimilada aos atributos negativos passíveis de punição. “Sedenta por poder, a bruxa é maléfica e corruptora, de modo que, tanto na realidade como na ficção, todas as histórias de bruxas terminam com o castigo por sua insubmissão: forca, fogueira, solidão” (ZORDAN, 2015, p. 333). O imaginário popular molda-se através dessas narrativas.

Segundo Scliar (2010), a figura da feiticeira chegou até nós da forma como a conhecemos hoje porque “a imagem de desvalorização da mulher, com o conceito de pecado e com a culpabilização do corpo e do sexo — cristalizou uma série de personagens e crenças irreais ou deturpadas que perduraram, principalmente, pela literatura” (ibidem, p. 16-17). Por muitos séculos, a influência cultural cristã e ocidental modificaram e deturparam os significados integrais da imagem arquetípica da bruxa, que acabaram por ser incorporados na psique coletiva de forma esfacelada (ESTÉS, 2018, p. 352).

Às vezes, várias camadas culturais superpostas desorganizam os esqueletos das histórias. Por exemplo, no caso dos irmãos Grimm (entre outros colecionadores de contos de fadas dos últimos séculos), existe forte suspeita de que os informantes (os contadores de histórias) daquela época às vezes “purificavam” as histórias em consideração aos irmãos religiosos. Também suspeitamos de que os famosos irmãos tenham continuado a tradição de cobrir antigos símbolos pagãos com outros cristãos, de tal modo que uma velha curandeira num conto passava a ser uma bruxa perversa;

um espírito transformava-se num anjo; um véu ou coifa iniciática tornava-se um lenço; ou uma criança chamada Bela (nome costumeiro para a criança nascida durante os festejos do solstício) era rebatizada de *Schmerzenreich*, Dolorosa. Os elementos sexuais eram omitidos. Animais e criaturas prestimosas eram transformados em demônios e espíritos do mal.

[...] Da maioria das coletâneas de contos de fadas e mitos hoje existentes foi expurgado tudo o que fosse escatológico, sexual, perverso, pré-cristão, feminino, iniciático, ou que se relacionasse às deusas; que representasse a cura para vários males psicológicos e que desse orientação para alcançar êxtases espirituais. (ESTÉS, 2018, p. 30)

A famosa coleção de contos populares *Contos de Grimm* foi publicada pela primeira vez em 1812 e já foi traduzida para mais de 160 idiomas — esse é o poder da cultura impressa. As histórias coletadas pelos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm tornaram-se o folclore mais influente do mundo por seu caráter simbólico universal. Uma matéria do National Geographic<sup>51</sup> explica que a primeira edição de 1812 era mais fiel à tradição oral alemã, enquanto a edição final de 1857 difere em conteúdo para tornar-se mais acessível às crianças. Em junho de 2005, os Contos dos irmãos Grimm foram declarados Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco<sup>52</sup>. Estas histórias definiram a infância de todos nós: ‘João e Maria’, ‘Rapunzel’, ‘Branca de Neve’, ‘A Bela Adormecida’ e tantas outras, cada uma com sua bruxa velha ou feiticeira temida, dominada pela vontade de devorar crianças, pelos acessos de fúria, pela inveja ou pelo rancor.

A literatura infantil também tem contribuições mais recentes ao reforço do estereótipo negativo da bruxa: *As bruxas* (Roald Dahl, 1983), *A bruxa Salomé* (Audrey Wood, 1987), *Bruxa, bruxa venha à minha festa* (Arden Druce, 1991), *A Bruxa Zelda e os 80 Docinhos* (Eva Furnari, 1994), *A Bruxa do Armário de Limpeza e outros contos* (Pierre Gripari, 2000) e *Era Uma Vez Uma Bruxa* (Lia Zatz, 2002) são títulos infantis famosos que enfatizam o perigo que uma bruxa pode representar.

---

<sup>51</sup> HERNÁNDEZ, Isabel. **Contos de fadas dos irmãos Grimm nunca foram feitos para crianças.** In: NATIONAL Geographic Brasil. 3 out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/30sOsy3>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

<sup>52</sup> PRESSE, France. **Contos dos irmãos Grimm são declarados patrimônio cultural da Unesco.** In: FOLHA de S. Paulo. 22 jun. 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/3Hrvk4P>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

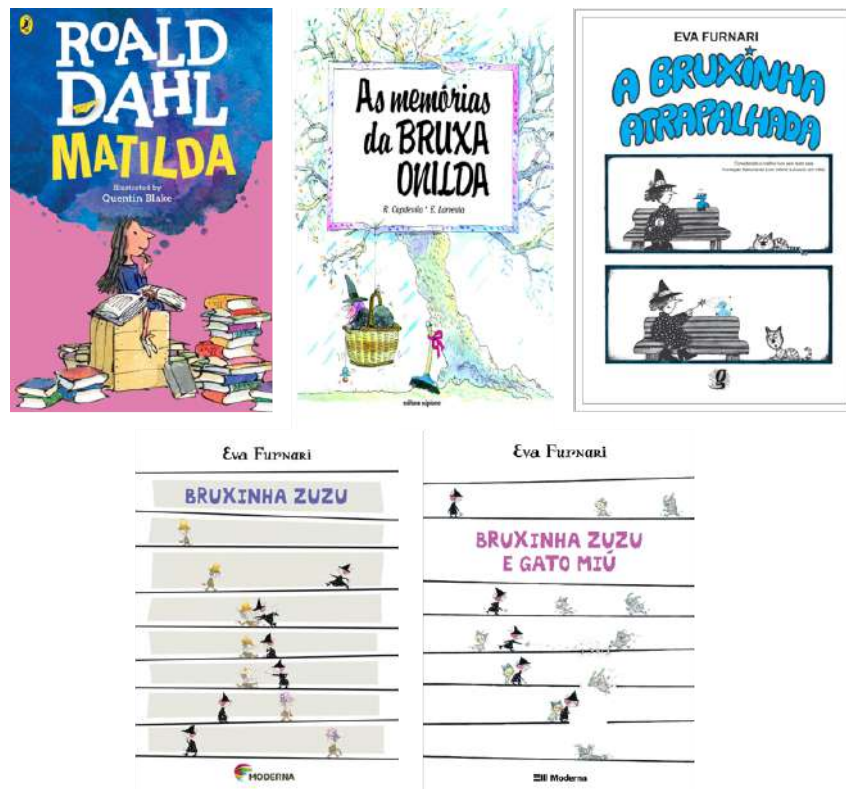
Figura 8 — Capas dos livros infantis.



Fonte: adaptado pela autora.

Contudo, é certo que a literatura infantil contemporânea também publicou histórias que provocam inversões nas funções tradicionais da personagem: bruxas que são protagonizadas por crianças curiosas, como *Matilda* (Roald Dahl, 1988) e *As memórias da bruxa Onilda* (Enric Larreula, 2010) ou que são engraçadas, como nas tirinhas humorísticas da autora e ilustradora Eva Furnari, compiladas nos livros *A Bruxinha Atrapalhada* (1982), *Bruxinha Zuzu* (2010) e *Bruxinha Zuzu e Gato Miu* (2010). Apesar das ilustrações de Furnari ainda reproduzirem a figura de uma bruxa estereotipada (nariz e chapéu pontudos, cabelo desgrenhado, roupas pretas, um gato como animal familiar), é na intenção do comportamento que sua personagem se distancia das demais.

Figura 9 — Capas dos livros infantis sobre bruxinhas não-convencionais.



Fonte: adaptado pela autora.

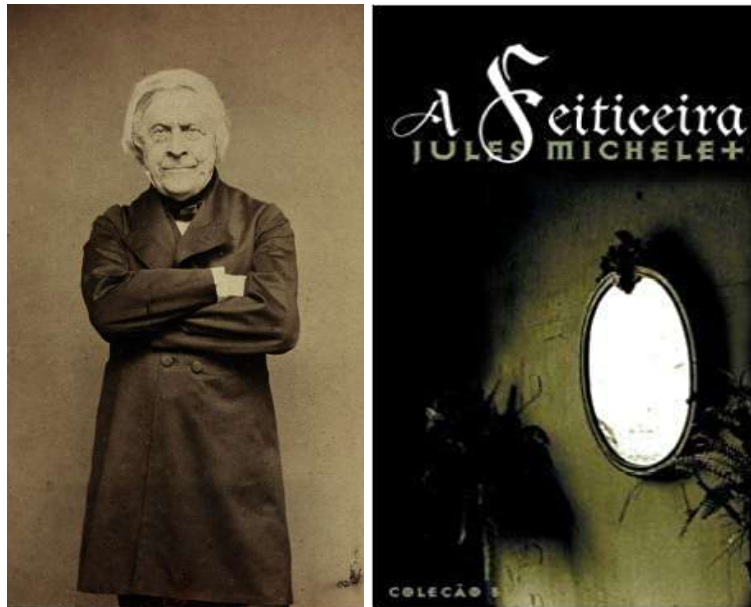
## 5.2 Publicações acadêmicas

Quando a Caça às Bruxas começou a virar objeto de interesse dos estudiosos, o assunto foi abordado sob os mais diversos pontos de vista. São três as principais correntes teóricas que se dedicaram a estudar o genocídio das bruxas na Europa: a corrente romântica, a corrente racionalista e a corrente culturalista.

Como dito anteriormente, a corrente romântica do século XIX fez renascer o interesse pela bruxaria. Em 1862, Michelet publicou o *bestseller* *A Feiticeira*, propondo uma grande novidade temática ao ser o primeiro a argumentar que a bruxaria era um movimento de resistência popular dos cultos pagãos contra a perseguição e opressão católica e burguesa. A obra de Michelet, entretanto, não tem base factual. Sem realizar uma pesquisa histórica fundamentada, Michelet projetou seu próprio ideal romântico, de abordagem poética e atitude rancorosa, para culpabilizar a Igreja Católica — instituição que já era alvo de suas críticas em trabalhos anteriores (RUSSELL; ALEXANDER, 2019). Apesar da falta de evidências,

as especulações de Michelet revertiam os valores atribuídos às bruxas até então, afastando-se daquela figura diabólica<sup>53</sup> da Idade Moderna. Esse pensamento exerceu influência extraordinária nos próximos escritos esotéricos sobre o tema.

Figura 10 — Jules Michelet e seu livro de corrente romântica *A Feiticeira*.

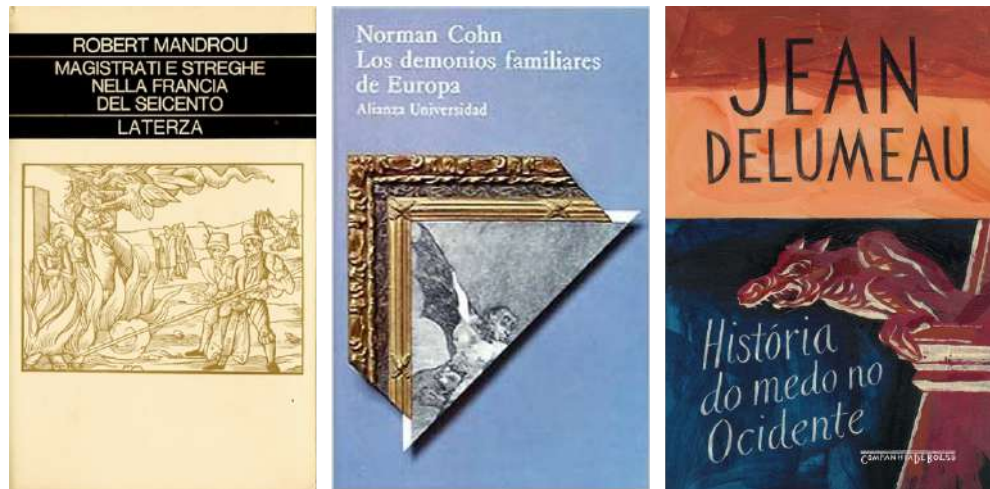


Fonte: adaptado pela autora.

Já os estudiosos da teoria racionalista defendiam que a Caça às Bruxas foi uma grande histeria coletiva. Eles olhavam com desdém para o comportamento mítico e popular, sem serem capazes de perceber os recortes de racismo e misoginia presentes nos episódios (milhares de mulheres foram mortas de verdade e não apenas no plano da fantasia). Eles justificam que a bruxaria foi uma projeção dos medos sociais; entretanto, o pânico instigado no comportamento cultural da época também foi uma estratégia de dominação para que os interesses particulares prevalecessem. Algumas das obras mais relevantes na propagação do pensamento racionalista foram: *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII* (MANDROU, 1919), *Los demonios familiares de Europa* (COHN, 1975) e *História do medo no ocidente* (DELUMEAU, 1978).

<sup>53</sup> A crença na bruxa diabólica ou satanista sofreu um declínio (especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial), sendo relegada mais ao campo da fantasia e ficção do que da realidade. Contudo, não é certo afirmar que essa prática de bruxaria desapareceu por completo. Quem pode garantir quais tradições são mantidas por grupos isolados que realizam suas práticas de forma oculta?

Figura 11 — Livros da corrente racionalista.



Fonte: adaptado pela autora.

Por fim, os autores da corrente culturalista olham para a Caça às Bruxas sem dissociar a perspectiva cultural, social, política e econômica — eles entendem que todos os aspectos caminham juntos e articulam essas questões de forma mais crítica. Carlo Ginzburg é um dos maiores autores dessa teoria, pois foi um dos primeiros a tentar encontrar a visão de mundo dos perseguidos e a relatar os eventos do ponto de vista das classes subalternas. Suas obras principais são *Os andarilhos do bem* (1966), *O queijo e os vermes* (1976) e *História noturna* (1989). Outras publicações importantes são *Religião e o Declínio da Magia* (THOMAS, 1971) e *Demon Lovers* (STEPHENS, 2002).

Figura 12 — Livros da corrente culturalista.

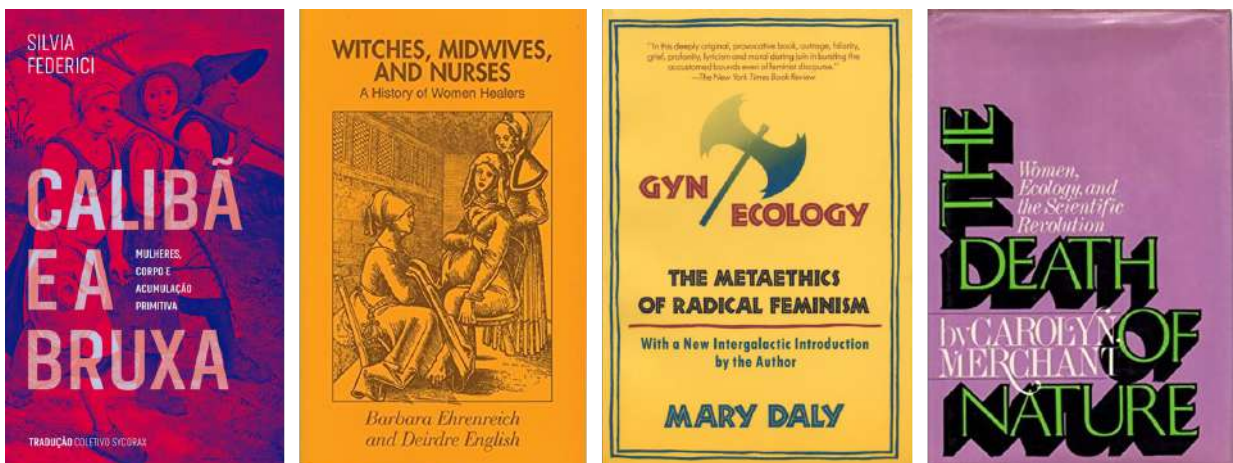


Fonte: adaptado pela autora.

Notamos que, durante muito tempo, a maioria dos estudos que conseguiram alcançar relevância eram produzidos sob uma dominação de classe e gênero<sup>54</sup>, o que traz problemas para as análises. Como cada historiador tem uma visão de mundo e toda visão de mundo é seletiva, isso irá resultar na forma como ele estudará o episódio. É grave que as mulheres conheçam a história da caça às bruxas apenas pela perspectiva de semelhantes dos seus perseguidores. E, definitivamente, não é por falta de teses produzidas por mulheres. O que acontece é que elas não recebem a devida atenção da academia e não viram livros publicados com a mesma frequência. Silvia Federici, por exemplo, escreveu *Calibã e a Bruxa* em 1998, mas a versão traduzida para o português só aconteceu em 2018, e com a ajuda de um financiamento coletivo.

Outros livros publicados por estudiosas feministas que se dedicaram a retirar a caça às bruxas do limbo histórico foram: *Witches, Midwives, and Nurses: a History of Women Healers*<sup>55</sup> (EHRENREICH; ENGLISH, 1973), *Gyn/Ecology: Metaethics of Radical Feminism*<sup>56</sup> (DALY, 1978) e *The Death of Nature: Women, Ecology, and the Scientific Revolution*<sup>57</sup> (MERCHANT, 1983).

Figura 13 — Livros de estudiosas feministas.



Fonte: adaptado pela autora.

<sup>54</sup> Em sua maioria, os autores acadêmicos eram homens brancos da elite intelectual europeia.

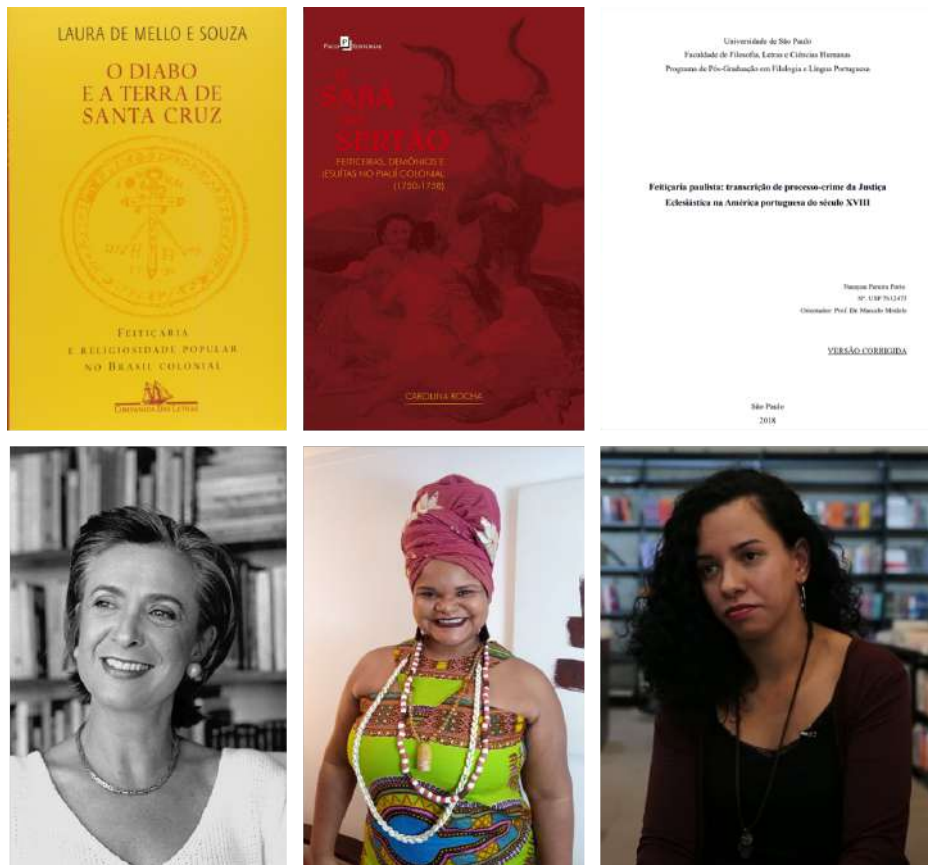
<sup>55</sup> Bruxas, parteiras e enfermeiras: uma história de mulheres curandeiras (tradução nossa).

<sup>56</sup> Gin / Ecologia: Metaética do Feminismo Radical (tradução nossa).

<sup>57</sup> A morte da natureza: mulheres, ecologia e a revolução científica (tradução nossa).

Felizmente, existem diversas autoras dedicadas a estudar o fenômeno da bruxaria dentro de recortes regionais mais específicos. Hoje a internet torna mais fácil o acesso a análises que fogem da narrativa única da Europa e olham os detalhes da configuração à perseguição da bruxa em cada país da América Latina. As autoras brasileiras que merecem destaque no estudo da bruxaria colonial são Laura de Mello e Souza, com o livro *O Diabo e a Terra de Santa Cruz* (1986); Carolina Rocha, com a dissertação de mestrado *O sabá do sertão: feitiçarias, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58)* (2013); e Narayan Pereira Porto com a tese *Feitiçaria paulista: transcrição de processo-crime da Justiça Eclesiástica na América portuguesa do século XVIII* (2018).

Figura 14 — Livros de estudiosas brasileiras.



Fonte: adaptado pela autora.

Outros dois títulos que marcam presença por sua influência e abordagem são *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* (1986), livro no qual a autora Maryse Condé retira do apagamento histórico a mulher negra que participou do episódio mais famoso de

perseguição às bruxas nos Estados Unidos em 1692; e *História da Bruxaria: feiticeiras, hereges e pagãos* (1980), o qual sua segunda edição de 2019, escrita pelo historiador Jeffrey Russell e pelo jornalista Brooks Alexander, foi uma fonte vital de informações por sua qualidade e confiabilidade, especialmente na construção desta pesquisa.

### 5.3 Publicações esotéricas

A cultura escrita e a cultura impressa foram as responsáveis pela primeira grande disseminação da existência de bruxas reais no mundo contemporâneo — assim nasceram os movimentos religiosos de bruxaria neopagã<sup>58</sup>, entre eles as diversas vertentes da Wicca. Ao seguir os rastros das principais obras esotéricas publicadas a partir do século XIX, encontramos o fio condutor dessa história.

Após Michelet, seguiu-se uma onda de escritores influenciados pelas obras uns dos outros, todas duvidosas quanto à credibilidade das informações. Cada autor foi adicionando uma nova camada de interpretações próprias aos símbolos da bruxa, distorcendo as evidências para que elas se encaixassem de forma conveniente às suas opiniões ideológicas e ignorando fontes documentais — o que fez com que historiadores e acadêmicos rejeitassem tais obras. Mas a credibilidade das informações não foi um critério para impedir que os livros publicados ficassem famosos e influíssem no pensamento e no comportamento cultural da época. Apesar da construção ser fantasiosa, os resultados desse debate foram muito reais, pois a reprodução e repercussão do assunto atingiu tantas pessoas que trouxe a bruxa de volta à vida, remodelada sob um novo estilo, o que influenciou a forma como ela era vista pela sociedade e os aspectos que sua forma assumia.

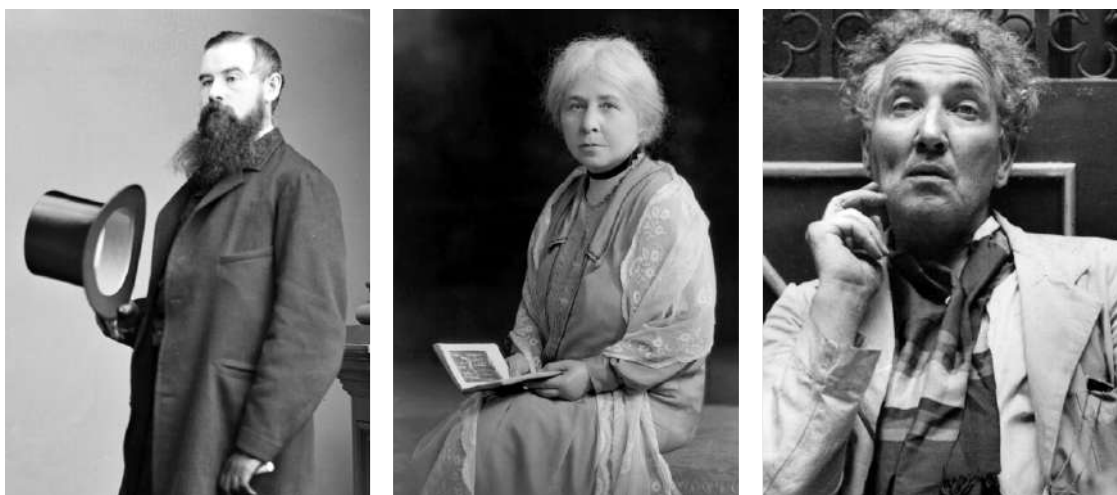
As primeiras grandes obras ainda pertenciam à corrente romântica e enfatizavam a adoração ao feminino. As mais influentes foram: *Aradia, o evangelho*

---

<sup>58</sup> “Neopaganismo é uma corrente mais ampla que engloba todas as formas de paganismo em livre circulação ou concordância: bruxaria tradicional, terapias holísticas, reconstrucionismo, Wicca e bruxaria moderna” (SILVA, 2014, p. 6). Diversos movimentos religiosos modernos são neopagãos.

das bruxas (LELAND<sup>59</sup>, 1899), *O culto das bruxas na Europa Ocidental* (MURRAY<sup>60</sup>, 1921) e *A Deusa branca: uma gramática histórica do mito poético* (GRAVES<sup>61</sup>, 1948). Junto a Michelet, esses quatro autores “são a fonte primária das ideias que definem a bruxaria neopagã” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 196).

Figura 15 — Leland, Murray e Graves, autores da corrente romântica.



Fonte: adaptado pela autora.

Quanto mais livros eram publicados sobre a bruxa e a prática de bruxaria, mais o assunto ganhava protagonismo e virava alvo de interesse de místicos, espiritualistas e ocultistas. As discordâncias existentes entre os escritores esotéricos fizeram com que eles começassem a moldar suas próprias vertentes religiosas com relação à bruxaria, suas origens, suas crenças, suas práticas ritualísticas, seus símbolos e suas regras.

A Wicca Gardneriana foi fundada por Gerald Gardner<sup>62</sup>, conhecido como o pai da bruxaria moderna. Essa vertente difundiu-se rapidamente pela Europa e Estados

<sup>59</sup> Charles Godfrey Leland (1824-1903), homem branco estadunidense. Foi um folclorista, discípulo da tese de Michelet “de que a bruxaria era uma sobrevivência do paganismo pré-cristão” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 185). O termo “Religião Antiga” foi usado pela primeira vez por Leland..

<sup>60</sup> Margaret Alice Murray (1863-1963), mulher branca britânica e feminista. Foi uma grande arqueóloga, egiptóloga, folclorista e antropóloga. Murray estabeleceu os termos “Sabbat”, “Esbat”, explicou a organização dos *covens* e escreveu o verbete “bruxaria” das edições da *Encyclopaedia Britannica* de 1929 a 1968 (ibidem).

<sup>61</sup> Robert Graves (1895-1985), homem branco britânico. Foi um poeta, romancista e ensaísta. Seu livro contribuiu com inúmeros conceitos posteriormente utilizados pela Wicca Gardneriana.

<sup>62</sup> Gerald Gardner (1884-1964), homem branco britânico. Ocultista excêntrico, integrante de ordens secretas e bruxo tradicionalista. Gardner afirma ter descoberto a Wicca, mas sua explicação é contraditória e sem comprovação. Aidan Kelly foi um autor contemporâneo a Gardner empenhado em desmenti-lo, mas reconheceu que ele era um gênio por inventar uma religião de tamanho sucesso.

Unidos, tornando-se o estilo de bruxaria dominante dentro do movimento. Após a revogação das leis contra a bruxaria<sup>63</sup>, em 1951, Gardner publicou sua primeira grande obra, *A bruxaria hoje* (1954), livro que fez sua doutrina difundir-se rapidamente pela Europa. A grande estratégia utilizada por Gardner para conquistar tantos adeptos e tornar seu estilo de bruxaria a maior e mais famosa religião dentro do movimento neopagão foi — adivinhem só — a **publicidade**. Aqui já é possível vislumbrar o que diz Santaella (2007) sobre a coexistência e a mescla entre formações culturais diferentes, constituindo “uma trama cultural hipercomplexa e híbrida” (ibidem, p. 128).

Gardner estava convencido desde o início de que a publicidade era a chave para a sobrevivência da Wicca. Também tinha plena consciência de que a publicidade era uma faca de dois gumes (considerada a reputação infame da bruxaria), com um potencial bastante concreto para provocar um sensacionalismo que lhe poderia sair pela culatra. Entretanto, como Gardner era rico e independente, acreditava que poderia ser um porta-voz altamente persuasivo e suportar as reações, permitindo aos demais, deste modo, permanecer no anonimato. (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 205)

A pressão de Gardner por mais publicidade (mesmo quando resultava em escândalos) atraiu um número cada vez maior de iniciados, mas também foi a causa do primeiro grande cisma da Wicca Gardneriana. Em 1957, Doreen Valiente<sup>64</sup> e outros membros importantes romperam com Gardner por defenderem uma postura mais discreta com relação à imprensa e a divulgação apenas de conteúdos que estivessem sob seu controle (como os livros). A saída desses membros eliminou a resistência interna no grupo. Gardner, então, renovou sua estratégia publicitária com a publicação de seu novo livro *O significado da Bruxaria* (1959) e com sua presença constante na imprensa, atraindo novos adeptos fervorosos. É importante ressaltar que a doutrina propagada por Gardner era extremamente tradicionalista, hierárquica,

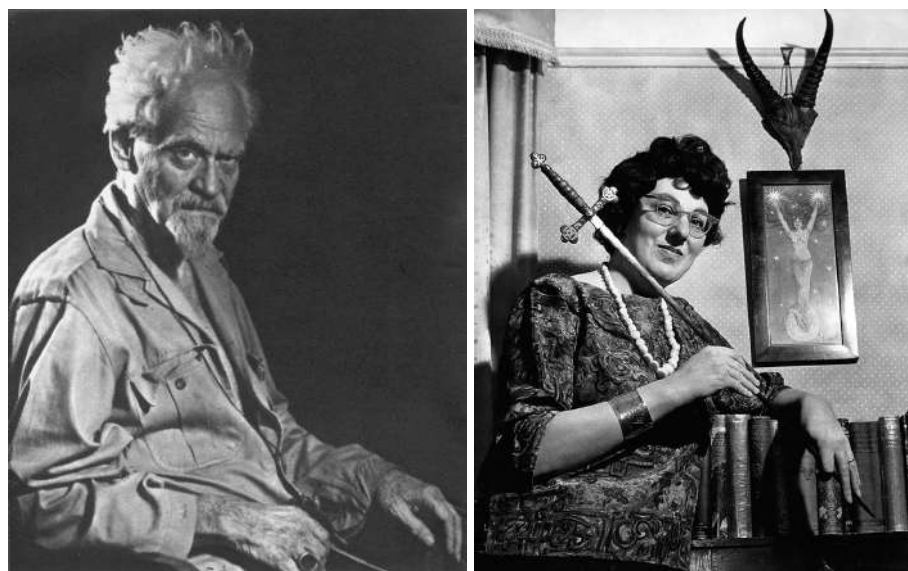
---

<sup>63</sup> A Inglaterra, Escócia e Irlanda promulgaram uma sucessão de leis conhecidas como Atos de Feitiçaria (*Witchcraft Acts*), para regular a magia e as sanções para a sua prática. Os esforços de grupos espiritualistas colaboraram para a revogação dos Atos e de suas punições em 1951.

<sup>64</sup> Doreen Valiente (1922-1999), mulher branca britânica, conhecida como “a avó da bruxaria”. Foi summa sacerdotisa do coven de Gardner e o auxiliou na formulação de rituais, mas, posteriormente, passou a discordar do uso que ele fazia de alguns materiais presentes no *Book of shadows*. Valiente reescreveu o livro de forma que o sistema de crenças e práticas fosse mais eloquente e coerente, incorporando elementos e símbolos da mitologia celta à tradição. Valiente publicou vários livros e seus escritos poéticos são recitados em cerimoniais wiccanos até hoje.

excludente e homofóbica ao defender ativamente a polaridade masculino/feminino. As mulheres, entretanto, ocupavam espaços de liderança como suma sacerdotisas.

Figura 16 — Gardner, o pai da Wicca Gardneriana, e Valiente, a avó da bruxaria.



Fonte: adaptado pela autora.

A Tradição Alexandrina, fundada em 1963 por Alex Sanders<sup>65</sup>, era uma alternativa à Wicca Gardneriana. Após alguns conflitos em *covens* gardnerianos, Sanders reeditou o *Book of Shadows* escrito por Gardner e o publicou alegando ser esse o verdadeiro *Livro das Sombras*, recebido por ele como herança familiar de sua avó bruxa. Sanders era bissexual e por isso também trabalhou em desenvolver uma doutrina mais acessível para homens homossexuais. O livro *A Bíblia das Bruxas: Manual Completo Para a Prática da Bruxaria* (1996), escrito pelo importante casal de bruxos alexandrinos Stewart Farrar e Janet Farrar, é considerado por muitos uma leitura obrigatória para quem quer aprender sobre bruxaria.

Sanders também era persuasivo, carismático e adepto à estratégia de exposição na mídia, o que lhe rendeu tanto problemas quanto avanços. Ele e os gardnerianos travaram um embate publicitário, com cada lado menosprezando o oposto e alegando que sua tradição correspondia a bruxaria genuína e autêntica.

<sup>65</sup> Alex Sanders (1926-1988), homem branco britânico bissexual. Sanders ampliou o universo de conteúdo da Wicca, mesclando conhecimentos com a Cabala, o tarot e outras formas de magia que haviam sido intencionalmente deixadas de lado por outros ramos da bruxaria. Muitos bruxos de diversas ramificações incorporaram em suas práticas as inovações elaboradas por Sanders.

Sanders, entretanto, permitia à imprensa conteúdos mais dramáticos (como fotografar os membros nus em cerimoniais), o que fez dele e de sua esposa Maxine Morris os favoritos da mídia no período da contracultura na Grã-Bretanha (final da década de 60 e início de 70). O casal foi considerado “rei e rainha dos bruxos” até 1973 (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 2013).

Figura 17 — Alex Sanders e Maxine Morris, “rei e rainha dos bruxos”.



Fonte: adaptado pela autora.

Em 1962, Raymond e Rosemary Buckland foram os responsáveis por levar a Wicca Gardneriana aos Estados Unidos, munidos de uma autorização oficial para propagar a religião naquele país. É de se imaginar que, ao chegar aos EUA, as coisas tomaram proporções gigantescas em seu crescimento, influência e no surgimento de novas ramificações. A difusão foi favorecida pelo acesso aos livros publicados por Gardner e outros bruxos — importantes fontes de aprendizado para os novos adeptos além-mar. Rapidamente, esses materiais começaram a ser mesclados com outros conhecimentos, tradições populares e pessoais, inspirando indivíduos a desenvolver e propagar suas próprias variantes. Em 1973, o próprio Raymond Buckland se afastou da Wicca Gardneriana e fundou sua própria tradição: a Saxon Wicca. Ele publicou mais de sessenta livros, muitos deles *bestsellers*, como *O livro completo de Bruxaria de Raymond Buckland* (1986). Buckland era uma das autoridades em bruxaria moderna do século XX e estava constantemente na mídia como convidado de programas.

Figura 18 — Raymond Buckland, fundador da Saxon Wicca, e Rosemary Buckland.



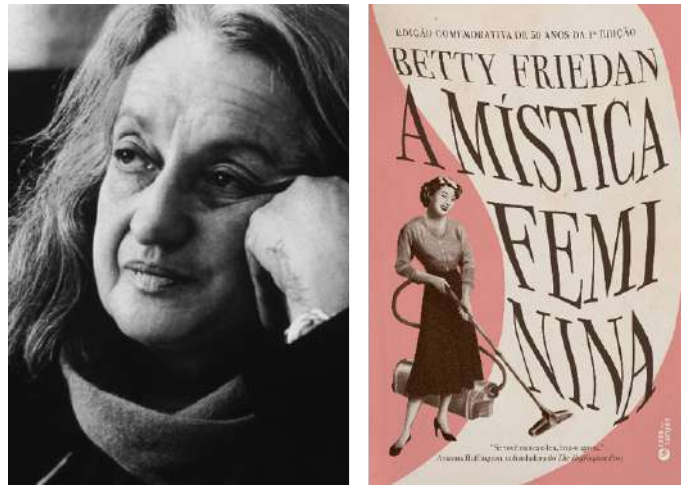
Fonte: adaptado pela autora.

O contexto social da década de 1960 deu à bruxaria norte-americana uma nova camada de aspectos praticamente inexistentes na bruxaria europeia: o aspecto político<sup>66</sup>. Os movimentos contestadores da contracultura<sup>67</sup> fizeram com que muitos optassem por crenças religiosas não dogmáticas e mais voltadas para a conexão com a natureza — a bruxaria foi vista de forma positiva, mas o tradicionalismo, a hierarquização e a exclusão presentes na Wicca Gardneriana não combinavam muito com movimento. O surgimento da pílula anticoncepcional também contribuiu para a liberdade sexual feminina, agora não mais restrita ao casamento. O *best seller* de Betty Friedan *Mística Feminina* (1963) foi a base para a segunda onda do movimento feminista no país, que já celebrava as articulações dos pensamentos de Simone de Beauvoir.

<sup>66</sup> Também foi neste período que as feministas recuperaram a bruxa como símbolo de resistência e libertação do gênero feminino, mesmo que apenas com motivações representativas e não espirituais/religiosas

<sup>67</sup> A contracultura foi um movimento juvenil pacífico com teor social, artístico, filosófico e cultural de ideologia libertária. Tinha como objetivo questionar o modelo social vigente indo contra os diversos padrões sociais dominantes e tradicionais. As principais características e expoentes da contracultura eram o amor, o respeito à natureza, a liberdade, a sexualidade, o anticonsumismo, a luta pela paz e a igualdade de maneira pacífica.

Figura 19 — Betty Friedan e sua obra *Mística Feminina*.



Fonte: adaptado pela autora.

Imersos neste cenário social, os novos adeptos ativistas passaram a fundir o paganismo às suas reivindicações políticas. Uma série de novas publicações foram feitas por autores que ajustaram a prática da bruxaria ao caráter político e social de suas ideologias, de forma a criar coerência entre ambos. A bruxaria contemporânea começou a caminhar de forma mais íntima aos interesses sociais, extrapolando as fronteiras do universo esotérico. A ativista Z Budapest<sup>68</sup> publicou centenas de artigos em jornais femininos sobre sua própria tradição, a Bruxaria Diânica — uma fusão dos ideias feministas radicais com a espiritualidade feminina, que não permitia a participação de homens e que abriu as portas para participação efetiva de lésbicas.

Figura 20 — Z Budapest, fundadora da tradição Bruxaria Diânica.

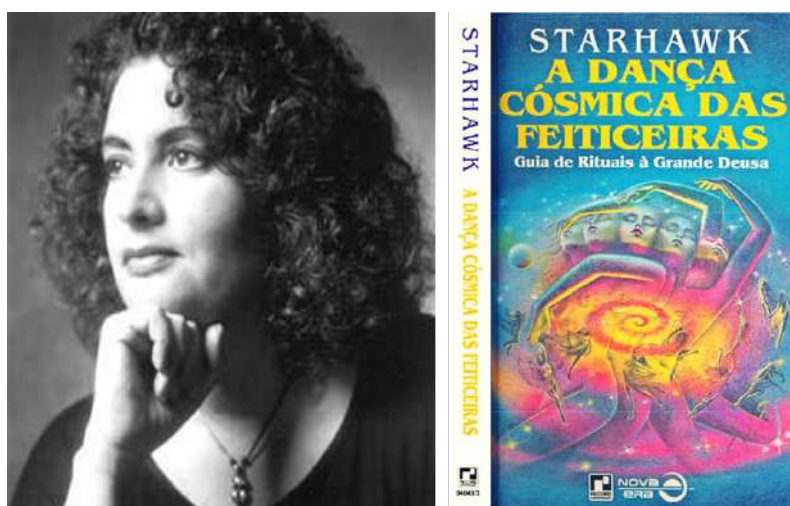


Fonte: adaptado pela autora.

<sup>68</sup> Zsuzsanna Budapest (1940), imigrante húngara. Z. Budapest uniu política feminista radical e Wicca Gardneriana, criando assim a tradição Bruxaria Diânica, também conhecida como “Espiritualidade Feminina”. Esta vertente conta com muitas participantes lésbicas por seus contornos ativistas.

Em 1983, a feminista Starhawk publicou *A dança cósmica das feiticeiras* e as vendas ultrapassaram as de todos os livros já escritos anteriormente, tornando-se a referência básica do movimento. Starhawk integrou os elementos gardnerianos ao ativismo de Z Budapest: ela manteve a aliança com o feminismo e a ênfase à natureza (discurso que encontrava eco na crescente preocupação com as questões ambientais) e interpretou a magia de forma psicológica como um lugar de libertação das mulheres, de reeducação dos homens e de exploração de relacionamentos alternativos. Ela fundou sua própria vertente, chamada *Reclaiming Tradition*.

Figura 21 — Starhawk e sua obra *A dança cósmica das feiticeiras*.



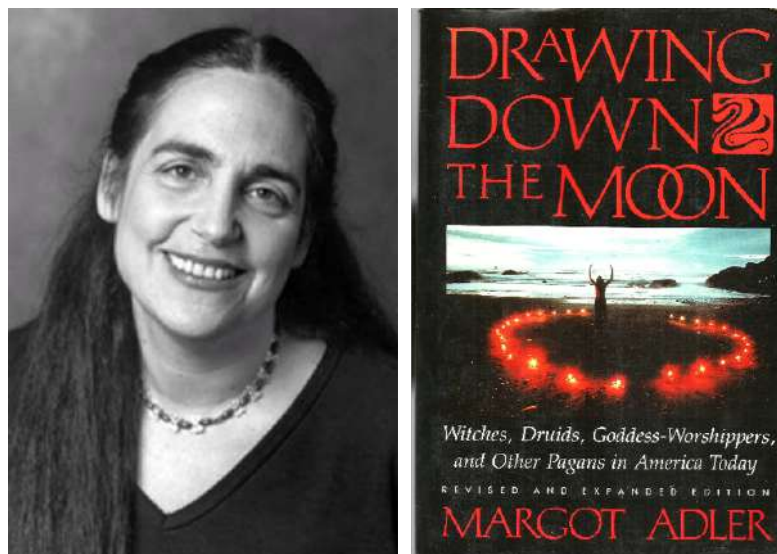
Fonte: adaptado pela autora.

Alguns anos antes, em 1979, a jornalista e sacerdotisa gardneriana Margot Adler<sup>69</sup> havia publicado a primeira edição de *Drawing down the moon: Witches, Druids, Goddess-Worshippers, and Other Pagans in America*<sup>70</sup>. O livro é um importante estudo sociológico da bruxaria neopagã contemporânea, pois Adler viajou pelo país participando de rituais e documentando relatos de pessoas, líderes e grupos envolvidos nas várias formas de expressão do movimento. O livro foi um sucesso e já foi republicado em 4 edições revisadas e ampliadas.

<sup>69</sup> Margot Adler (1946-2014), mulher branca estadunidense. Escritora, jornalista e bruxa. Foi a primeira pessoa a fornecer um retrato para o público sobre a bruxaria neopagã na atualidade.

<sup>70</sup> Desenhando a Lua: bruxas, druidas, adoradores de deusas e outros pagãos na América (tradução nossa).

Figura 22 — Margot Adler e sua obra *Drawing down the moon*.



Fonte: adaptado pela autora.

A exposição na imprensa e o fácil acesso aos conteúdos de bruxaria nos livros publicados desempenharam um papel fundamental na expansão da percepção do público geral sobre quem eram, como eram e o que faziam as bruxas. As representações da bruxa contemporânea passaram a diferir muito daquela da Idade Moderna, o que cristalizou uma nova camada de concepções ao inconsciente coletivo. Houve uma importante mudança de comportamento: a bruxa já não era mais uma criminosa proibida de práticas ocultas e degeneradas das quais ninguém tinha provas — muito pelo contrário, agora as pessoas se autodenominavam bruxas e bruxos abertamente, e a estrutura de funcionamento de suas crenças e rituais estava amplamente divulgada para qualquer um que quisesse ter acesso a tal.

A aceitação social perante as bruxas foi tão grande que a própria comunidade religiosa internacional passou a legitimar o movimento neopagão como uma minoria religiosa — graças ao ativismo inter-religioso do grupo Covenant of the Goddess<sup>71</sup> (COG), que sob muitos esforços inseriu-se em eventos ecumênicos até chegar ao centenário do Parlamento Mundial das Religiões em 1993. Nesta conferência, as grandes religiões e a mídia olharam para os neopagãos com esperança, pois o iminente colapso ambiental os fez buscar respostas nas novas espiritualidades que

<sup>71</sup> Fundado na Califórnia em 1975, a organização tem como objetivo assegurar a proteção legal da comunidade bruxa, promover educação esotérica e nutrir o diálogo e cooperação entre seus membros. Cf. COVENANT OF THE GODDESS. Disponível em: <<https://cog.org/>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

enfaticavam a ressacralização da natureza. A comunidade bruxa deixou de ser considerada um bando de excêntricos para se tornar a protagonista do evento e, a partir de então, firmar sua participação junto à comunidade ecumênica internacional.

Os iluministas nunca poderiam imaginar o amontoado de livros que cultura escrita e impressa viriam a publicar sobre as mais diversas tradições de bruxaria. São milhões de manuais e almanaques mesclando as práticas de uma bruxa a todo tipo de conhecimento esotérico — tarô, astrologia, runas, numerologia, herbalismo, cristais e por aí vai. Há também uma importante expressão de publicações atuais que integram a figura da bruxa às questões LGBTQIA+, eliminando as fronteiras excludentes e preconceituosas e tornando a prática mais democrática e acessível.

Hoje, no Brasil, existem produções editoriais totalmente voltadas para a temática das bruxas e correlatas. O Grupo Editorial Pensamento é um expoente nacional na venda e publicação de títulos dedicados ao esoterismo, assim como a Editora Alfabeto. Além disso, grandes editoras e livrarias do país, ainda que não exclusivas ao tema, contam com classificações em seu catálogo de “esoterismo”, “espiritualidade” e correlatos, onde podem ser encontrados títulos do universo bruxo.

## 6 ELAS ESTÃO NA CULTURA DE MASSA E NA CULTURA DAS MÍDIAS

A cultura de massa e a cultura de mídias, enquanto influentes produtoras de símbolos que se cristalizam no imaginário coletivo, popularizaram a representação da bruxa em narrativas fantasiosas e contribuíram com o silenciamento histórico do genocídio de mulheres reais. As produções audiovisuais do século XX são as grandes responsáveis por transformar a bruxa e a caça às bruxas em uma febre *pop* e *cult*, ignorando a tragédia e o derramamento de sangue por trás disso<sup>72</sup>.

A cultura de massa inaugurou-se entre as décadas de 50 e 60, marcando o surgimento de meios massivos de comunicação: o jornal<sup>73</sup>, a revista, o rádio, o cinema e, especialmente, a televisão (POMPEU, 2018). “Massa” aqui diz respeito à “grande quantidade de indivíduos que recebem os estímulos dos meios de comunicação de maneira mais ou menos semelhante” (ibidem, p. 118-119). Nesses meios, a informação é homogeneizada e pode ser tanto factual quanto transformada em entretenimento — um produto que visa lucro para os grandes grupos detentores dos meios (como as emissoras). De forma pedagógica, os meios de massa escolhem o que será transmitido e o que será deixado de lado<sup>74</sup>, e essa escolha é feita de acordo com os interesses capitalistas e mercadológicos dos grandes conglomerados. Os meios de massa determinam as programações, veiculando mensagens que passam a adquirir contornos de “opinião pública” e do que é amplamente aceito pela sociedade — o senso comum. O público, por sua vez, passa a conhecer o mundo através das lentes do conteúdo que lhe é transmitido, assimilando e reagindo ao que lhe foi apresentado. Trata-se de um sistema que se retro-alimenta: os grupos dominantes detentores dos meios de comunicação em massa influenciam o inconsciente coletivo e o comportamento social por meio do que decidem veicular; ao mesmo tempo, eles bebem do imaginário cultural e retiram

---

<sup>72</sup> Para entender melhor esta problemática, tomemos um exemplo comparativo: foram produzidos inúmeros filmes com a temática da Segunda Guerra Mundial, mas, independente do gênero do filme, dificilmente encontramos algum no qual o sofrimento causado pelo holocausto é invisibilizado, diminuído ou transmitido à audiência como um episódio folclórico.

<sup>73</sup> No tópico anterior sobre a cultura escrita e a cultura impressa, já vimos um pouco da participação da imprensa e de suas contribuições na disseminação da bruxaria durante o século XX.

<sup>74</sup> Este fenômeno da comunicação no qual a mídia determina quais assuntos terão um destaque maior ou menor nas conversas do público é conhecido por *Agenda Setting* — hipótese formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970.

do próprio público os insumos para construir conteúdos que ecoem no que tem despertado o interesse da maioria.

Já na década de 80, o surgimento de novas tecnologias e dispositivos começaram a “permitir a escolha e o consumo mais personalizado e individualizado das mensagens, em oposição ao consumo massivo. São justamente esses processos que constituem a cultura das mídias” (SANTAELLA, 2007, p. 125). A cultura das mídias rompe com o domínio exclusivo dos meios de massa ao permitir um consumo mais autônomo de entretenimento. Os novos suportes que integram essa lógica cultural são os canais de televisão a cabo, o videocassete (e demais aparelhos capazes de gravar vídeos), o DVD, o *walkman*, o *walktalk*, os videoclipes, os jogos de video game, a indústria de locadoras de filmes, entre outros.

Este novo ciclo cultural não aniquila a existência do ciclo anterior, mas sim intensifica e multiplica a quantidade de produções híbridas entre ambos os ciclos e suas linguagens. Além disso, a cultura das mídias funciona como uma fase de transição entre o monopólio dos emissores de massa tradicionais e a emancipação da cibercultura (ciclo seguinte), onde o consumo acontece de forma muito mais individualizada, fragmentada e dispersa (SANTAELLA, 2007; POMPEU, 2018).

Assim, os meios de comunicação tornam-se instrumentos fundamentais na fabricação, reprodução e disseminação dos significados que a bruxa assume perante a compreensão da grande audiência. A bruxa torna-se conhecida pelo que as produções de massa e da lógica das mídias decidem contar sobre ela, servindo “de veículos que alcançaram o público além de seu grupo, levando a bruxaria para outras pessoas” (OSÓRIO, 2005, p. 137).

Esta etapa irá dedicar-se a demonstrar como foram representadas as mais conhecidas personagens bruxas em filmes produzidos nos séculos XX e XXI. A escolha pelo segmento de *filmes* deu-se por três razões principais: seu alcance massivo de público ao redor do mundo, a grandeza do impacto cultural capaz de causar e pelo fato dos filmes permearem várias plataformas da cultura de massa e da cultura de mídias: o cinema, a televisão aberta, os canais à cabo, os dispositivos de gravação e o mercado de locadoras. Além disso, filmes de sucesso ganham adaptações para o videogame e para seriados de TV. Quando seus roteiros são inspirados em obras literárias ou peças teatrais, os filmes aquecem o interesse do

público geral por esses livros e espetáculos. E, se pensarmos um passo cultural à frente — na cibercultura —, os filmes também têm papel fundamental no *boom* das plataformas de *streaming*. Filmes são uma linguagem universal, compreendidos por pessoas alfabetizadas e não-alfabetizadas, consumidos amplamente por grupos de diferentes classes, idades, gêneros, raças e orientações sexuais. Sendo assim, dentro das lógicas culturais de massa e mídias, entendeu-se que os longa-metragens são o produto de maior importância para o tema deste trabalho, visto que eles têm sido decisivos para reforçar e/ou reconstruir a identidade da bruxa perante todo o coletivo.

Os meios audiovisuais têm muita influência na construção do imaginário coletivo, seja por reforçar os aspectos já postos à uma representação, por adicionar uma nova camada de significados ou, inclusive, construir uma narrativa contrária à que vinha sendo determinada até então. Segundo Nascimento (2009, p. 67), os filmes “criam e potencializam necessidades humanas que nem sempre estão explícitas ao sujeito, pois se trata de um processo de apropriação e elaboração de símbolos, signos, imagens que vão, em seguida, criar e reforçar todo um imaginário”. A capacidade de recepção pelos sentidos humanos torna os filmes uma experiência sinestésica poderosa, fornecendo estímulos e conteúdos que alimentam esse grande repositório de símbolos do inconsciente coletivo, contribuindo para a acumulação de conhecimento humano sobre determinada imagem.

Durante um certo período de décadas, o cinema foi a única maneira possível da grande massa ter contato com o mundo externo ao seu: outros países, outras sociedades, outras paisagens, seres e mitos. Independente do grau de autenticidade e se essas abordagens foram positivas ou negativas, seus jogos de identificação fixaram-se nos mecanismos da psique, passando a pressupor uma visão do que a própria realidade é (NASCIMENTO, 2009; RIBEIRO, 2021).

A cristalização de como a sociedade percebe a bruxa se dá pela repetição de aspectos físicos e comportamentais atribuídos à ela em diferentes filmes. Um terceiro elemento fundamental é a sua intenção: quais são os motivos que inspiram suas ações. Se estes forem passíveis de punição, a narrativa se encarrega de ensinar essa lição. O alcance internacional dos filmes (especialmente das produções estadunidenses) contribuiu para que esses padrões estivessem arraigados em

nossa mente. Dessa forma, em qualquer parte do mundo, existe uma estética comum criada e um padrão de comportamento e intenções sistematicamente retratados, que vão sendo culturalmente associados a esta determinada criatura e aos mitos e lendas que a acompanham. O cinema, segundo Dias e Cabreira (2019, p. 184), é “um dos responsáveis por essa disseminação de imagens e funciona tanto como perpetuador quanto modificador da relação que podemos ter com a bruxaria”.

Lembremos que a bruxa é uma figura arquetípica de um arquétipo maior — um fragmento da Grande Mãe, segundo Jung. Assim, é possível encontrar nos filmes personagens que possuem apenas alguns traços desse arquétipo enquanto “outras são essencialmente configuradas com seus elementos fundamentais” (SILVEIRA, 2015, p. 13). A presença contínua da personagem bruxa nas produções fílmicas (ainda que, às vezes, sob outros nomes) vai criando essa representatividade e explicando quem ela é para gerações e gerações, que crescem aprendendo com os próprios filmes quais são as características de uma bruxa e quais os perigos que ela representa.

Bruxa, feiticeira, mandingueira, adivinha, vidente, maga, mágica, necromante, nigromante, lâmia, xamã, sábia, sacerdotisa, pitonisa são alguns dos termos associados àquela mulher que manifestava e manifesta algum conhecimento sobre — presságios, adivinhações, benzeduras, curas através das ervas, partos e orações — cultuando um mundo invisível, mágico, misterioso e numinoso sobre o qual o conhecimento científico e racional tem muito pouco a explicar e comprovar. (DIAS; CABREIRA, 2019, p. 177)

Ao analisar as personagens bruxas mais famosas das grandes produções, o objetivo é identificar quais são as principais representações propagadas pelos filmes, quais os aspectos comuns entre a maioria dessas personagens e quais outras possíveis narrativas também foram propostas em contraponto aos estereótipos. Sendo assim, o mais importante aqui é o volume: abranger uma maior quantidade de filmes relevantes internacionalmente que também tiveram amplo alcance no Brasil (sucessos do cinema e da TV), já que a repetição é o grande indicador da construção do imaginário. Infelizmente, isso impede que seja feito um estudo profundo sobre os aspectos totais de cada uma dessas personagens neste

trabalho, e também delimita a este espaço apenas os filmes<sup>75</sup> onde a bruxa é a protagonista ou a antagonista principal. Tantas outras infinitas possibilidades de explorações são possíveis, necessárias e bem-vindas. Por ora, ficamos com esta.

## 6.1 Animações

Começa-se pelas animações porque precisamente a primeira grande aparição da bruxa como personagem fílmica foi na animação da Disney de 1937, *Branca de Neve e os Sete Anões*, uma adaptação dos contos dos irmãos Grimm. A Rainha Má é uma das vilãs mais famosas. Sob o aspecto de rainha, ela apresenta um comportamento soberbo e vaidoso ao desejar ser a mais bela de todas. Ameaçada pela beleza da Branca de Neve e sentindo ira pela frustrada tentativa de assassiná-la, a rainha performa feitiços em um caldeirão acompanhada de um corvo, velas, teias de aranha e caveiras, transformando-se em uma velha feia que irá oferecer uma maçã envenenada à donzela. A velha tem nariz pontudo com verruga, mãos que se assemelham a garras, é desdentada, tem os olhos esbugalhados, os cabelos brancos, uma risada horripilante e veste um capuz preto pontudo. A rainha disfarçada de velha assume o papel de bruxa má intencionada, movida pela inveja da beleza de outra mulher. Sua crueldade é punida pela narrativa ao ser derrotada tentando atacar os anões de cima de um precipício.

Em 1940 acontece algo curioso: a Disney lançou a animação *Fantasia*, na qual o próprio Mickey aparece como feiticeiro vestindo um chapéu pontudo azul. Apesar do ratinho ter os mesmos poderes mágicos das bruxas e feiticeiras, não lhe foi atribuída uma intenção maléfica nem sua aparência física foi deformada. Aqui observa-se o diferente tratamento dado às personagens por seu gênero: ainda que possuam os exatos mesmos talentos para realizar magia, os contornos que as representações de feiticeiro e feiticeira assumem são completamente distintos<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> No Apêndice A encontra-se uma lista cronológica de filmes famosos nos quais a bruxa ocupa um espaço central no enredo como protagonista ou antagonista principal. Os títulos dessa lista são a base da presente análise. Para facilitar a organização do raciocínio, a análise está estruturada pelas categorias dos gêneros dos filmes. Contudo, é importante conferir a ordem cronológica dos lançamentos, pois a representação utilizada por um filme influencia na construção do filme seguinte e assim sucessivamente. Na maioria dos casos, cada filme reafirma e reforça os padrões já utilizados.

<sup>76</sup> Lembrem-se da Maga Patalógica? Esta personagem aparece pela primeira vez em 1961 nos quadrinhos da Disney, representada como uma bruxa italiana muito poderosa, agressiva, insana e

Esta diferenciação de gênero fica ainda mais evidente na animação *A Espada Era a Lei* de 1963, também da Disney: o Mago Merlin e a bruxa Madame Kim são duas faces do mesmo poder mágico. Contudo, para o homem reservou-se o lugar de sábio, culto e conselheiro da realeza; para a mulher, a de perversa, desajeitada, feia e má intencionada. Madame Kim desafia Merlin para um duelo de magia, no qual o mestre vence e a tenebrosa cai doente — o bem vencendo o mal.

É verdade que as animações da Disney também retratam personagens do gênero feminino que performam magia e são concebidas com bondade e altruísmo. No entanto, estas estão agrupadas numa categoria bem definida e circunscrita de “fadas”. Com estas, não há como confundir-se ou ter dúvidas: uma fada é uma fada, diferentemente das bruxas, que muitas vezes aparecem sob outros títulos ou sem título algum, com comportamentos que inspiram suspeitas, intenções duvidosas e cercadas de incertezas. Inúmeras vezes, as fadas são apresentadas como uma dualidade mágica das bruxas: as fadas representam o bem enquanto as bruxas, feiticeiras e não nomeadas representam o mal ou um perigo desconhecido. As fadas mais famosas são a Fada Azul de *Pinóquio* (1940), a Fada Madrinha de *Cinderela* (1950), a Sininho de *Peter Pan* (1953) e as três fadas madrinhas de *A Bela Adormecida* (1959) Flora, Fauna e Primavera.

---

cruel, obcecada por roubar a primeira moeda do Tio Patinhas para derretê-la no vulcão e convertê-la em um objeto mágico que faz tudo virar ouro. Apesar da Maga Patalógica pertencer ao mesmo universo de personagens do Mickey Feiticeiro e deter poderes mágicos assim como ele, na personagem feminina os contornos atribuídos são outros.

Figura 23 — Fadas da Disney: Fada Azul, Fada Madrinha, Sininho e o trio Flora, Fauna e Primavera.



Fonte: Disney, adaptado pela autora.

Apenas uma fada foge a esta regra: Malévola, uma das vilãs mais sombrias da Disney, conhecida como “Fada das Trevas” e “Senhora de Todo Mal”. Ela é uma fada-madrinha maligna da animação *A Bela Adormecida* que, ressentida por não ter sido convidada ao batismo da princesa, amaldiçoa o bebe a uma morte inevitável como vingança. Malévola possui chifres negros e pontudos (conferindo-lhe um aspecto demoníaco), tem a pele esverdeada, usa um manto preto e roxo, tem um corvo de estimação, capangas a seu serviço e mora na macabra Montanha Proibida. No final da história, Malévola assume a forma de um dragão que cospe fogo verde e morre ao ser acertada no coração pela espada do príncipe apaixonado com a ajuda do encantamento da fadinha Flora: “Que o mal caia e o bem triunfe”.

Em 1989 conhecemos Úrsula, a bruxa do mar de *A Pequena Sereia*. Úrsula alega ser bondosa ao ajudar os demais fazendo poções que realizam seus desejos, mas ela engana e manipula a todos pois seus pagamentos não são justos. Úrsula usa vestido preto, tem tentáculos de polvo, cabelos brancos, uma verruga no queixo

e capangas que a ajudam em seus planos perversos. Ela tenta violentamente matar Ariel, Tritão e o príncipe em sua ganância por conquistar o poder dos mares, mas termina morta por um golpe do príncipe, que salva a todos.

Em 2010, a animação *Enrolados* apresentou-nos a Mamãe Gothel, uma velha bruxa obcecada em manter-se bela e jovem. Para tanto, ela sequestra a princesa (que tem propriedades mágicas em seu cabelo), tranca-a no alto de em uma torre e a cria fingindo ser sua mãe. Mamãe Gothel demonstra um sangue frio assassino, sendo capaz de qualquer tipo de loucura para manter Rapunzel isolada do mundo, garantindo que teria acesso aos poderes de rejuvenescimento de seu cabelo para sempre. Para salvar Rapunzel e derrotar Mamãe Gothel, o par romântico de Rapunzel corta seus cabelos, o que finda com seus poderes mágicos. Então, a verdadeira idade da velha bruxa aparece e Mamãe Gothel transforma-se em pó.

Figura 24 — A Rainha Má, Madame Kim, Malévola, Úrsula e Mamãe Gothel.



Fonte: Disney, adaptado pela autora.

Por que os elementos simbólicos das animações têm tanto peso cultural na psique coletiva? Assim como já comentado sobre as publicações literárias infantis, o público alvo dessas produções são as crianças, que organizam sua visão de mundo

por meio das histórias que lhe são contadas, classificando o que é bom e o que é ruim conforme assimilam os elementos simbólicos pela repetição de padrões. As animações estão carregadas de narrativas com “moral da história”: uma forma de ensinar lições do que não se deve fazer, pois quem o faz é ruim e recebe punições (executadas pelas mãos de alguém que representa o bem ou pelo próprio destino). Nas animações comentadas, estes ensinamentos são associados à representação da bruxa. É ela quem performa o mal e este é o padrão de imagens e mitos que se alimenta na mente das crianças desde muito cedo: bruxas são mulheres perigosas que fazem coisas ruins — quando, na verdade, a única história de bruxas que sabemos ser real é a da justificativa usada para o genocídio de mulheres acusadas sem prova alguma, porém esta não foi contada pelas animações famosas.

## 6.2 Fantasias infanto-juvenis e Musicais

*O Mágico de Oz* (1939) é um clássico, tanto para o cinema quanto para a consolidação da representação da bruxa. Lançado dois anos após *Branca de Neve e os Sete Anões*, *O Mágico de Oz* reforça os estigmas sociais dos padrões de beleza ao vincular a intenção da bruxa ao seu aspecto físico: a Bruxa Má do Oeste quer dominar Oz e tem a aparência carregada de características terríveis, como a pele verde, o nariz pontudo, uma verruga no queixo, unhas como garras, um chapéu preto pontudo, vestes negras e voa em uma vassoura; por outro lado, Glinda é boa, portanto responde aos padrões estéticos da época (reforçando também o mito da beleza) e usa um vestido rosa coberto de brilhos, parecendo-se muito a uma fada.

Mesmo que a bruxa já tenha, antes de Oz, uma imagem relacionada com a maldade e com a feiura, provavelmente é a partir dele que esse estereótipo tão tradicional – roupas pretas, chapéu e rosto desfigurado – toma forma no imaginário popular e se torna um ícone de fantasias de Halloween e desenhos animados. (DIAS; CABRERA, 2019, p. 185)

A Bruxa Má do Oeste é importante pois a forma como ela foi representada deixou uma forte herança simbólica, que foi abraçada e reafirmada pelas produções seguintes. Esta relação é tão direta que Glinda afirma para Dorothy no filme “Apenas

as bruxas más são feias”. Por outro lado, a fala e a própria existência de Glinda inserem a ideia de que, afinal, existem bruxas boas.

Figura 25 — A Bruxa Má do Oeste, Dorothy e Glinda em *O Mágico de Oz*.



Fonte: Disney, 1939.

Os filmes seguintes fizeram valer o legado da Bruxa Má do Oeste: *Convenção das Bruxas* (1990) e *Abracadabra* (1993) tornaram-se clássicos da fantasia infanto-juvenil. Em ambas as produções, temos bruxas com um nível de maldade no qual o objetivo principal é o de matar crianças (sacrifício de inocentes). *Convenção das Bruxas* chega a ser tenebroso pelas aparências tão demoníacas e caricatas. Já *Abracadabra* é mais leve e engraçado: as irmãs Sanderson

[...] são retratadas como as bruxas adoradoras de Satã, seu mestre, como afirmam em diversas passagens do filme, chegando a confundi-lo com um dos habitantes da cidade fantasiado para o Halloween. As irmãs são necromantes, um dos mais famosos tipos de magia, conhecido desde a antiguidade pelos oráculos que se comunicavam com os mortos. No caso delas, a necromancia está presente em seus objetos mágicos, como o livro feito de pele humana e a vela de sebo de defunto que as trouxe de volta à vida quando acesa na véspera do Dia das Bruxas. [...] as irmãs Sanderson caçam crianças, no caso, para manter sua juventude e beleza, resultando na mais icônica cena do filme no qual Sarah canta enquanto voa em sua vassoura para enfeitiçar e atrair as crianças de toda a cidade, tal qual Winnie que hipnotiza os adultos que frequentavam a festa de Halloween, com a música *I put a spell on you*. Se a música e a dança já chegaram a ser consideradas como obras do adversário (WHITMONT, 1993, p. 103), não é de se estranhar sua utilização pelas bruxas em seus rituais [...]. (DIAS; CABRERA, 2019, p. 189-190)

Recentemente, a Disney confirmou a produção de uma sequência para o clássico com a volta do elenco original 29 anos depois. Com estreia prevista para 2022 no serviço de *streaming* Disney +, em *Abracadabra 2* o trio de bruxas é invocado por adolescentes e as irmãs Sanderson voltam a causar problemas na Salém dos dias atuais. A escolha mercadológica de dar sequência a *Abracadabra* não é aleatória nem inocente, e comprova o quanto esta narrativa marcou uma geração e povoou o imaginário coletivo com suas representações.

Figura 26 — As bruxas de *Convenção das Bruxas*, *Abracadabra* e *Abracadabra 2*.



Fonte: adaptado pela autora.

Depois de 1993, as próximas produções de relevância deste gênero acontecerão apenas duas décadas mais tarde. O *live action* *Espelho, espelho meu* (2012) é uma releitura moderna da história da Branca de Neve na qual a Rainha Má não se transforma em bruxa velha, contudo ainda performa feitiços e encantamentos para destruir a vida da jovem e assegurar sua beleza suprema e seu poder.

O musical *Caminhos da Floresta* (2014), baseado em uma peça da Broadway, retoma a relação entre bondade/beleza e maldade/feiura, pois a bruxa velha e vingativa (interpretada por Meryl Streep) lança uma maldição sobre um casal, mas, ao ser retirada a maldição, ela recupera seu aspecto jovem e bonito.

Figura 27 — As bruxas de *Espelho, espelho meu* e *Caminhos da Floresta*



Fonte: adaptado pela autora.

Neste mesmo período, algumas produções famosas também ganharam remakes: *Oz: Mágico e Poderoso* (2013) e *Convenção das Bruxas* (2020) seguiram a mesma linha de representação de seus originais anteriores.

Figura 28 — Os remakes de *Oz: Mágico e Poderoso* e *Convenção das Bruxas*



Fonte: adaptado pela autora.

### 6.3 Comédias românticas

O ano de 1942 inaugura um novo estilo de representação das bruxas nos longa-metragens<sup>77</sup>: *Casei-me com uma Feiticeira* foi a primeira de diversas comédias para adultos onde as bruxas são representadas como mulheres reais que vivem integradas à sociedade comum do século XX. Esta primeira produção abandonou a aparência física horrenda e caricata de *Branca de Neve* e *O Mágico de Oz* e influenciou as produções posteriores a seguirem uma estética na qual a figura da bruxa liberta-se do aspecto satânico e assume a forma de mulheres “normais”, mas ainda a mantém atrelada a elementos simbólicos de seu mito como a vassoura, os animais familiares, o chapéu, as velas, os livros de feitiço, as poções, as maldições, os poderes mágicos e sobrenaturais, os rituais, o coven e todo um universo alegórico que continuou a ser reforçado na psique coletiva.

De forma geral, os filmes deste gênero ajudaram a desvincular a idade da maldade como uma característica inerente à qualquer bruxa. Algumas destas novas personagens nem sequer carregam a ruindade como traço comportamental<sup>78</sup>, enquanto outras seguem mal intencionadas em algum grau, mas certamente todas elas são muito mais cativantes e engraçadas do que as representações feitas pelos filmes de fantasia, animação e terror do século XX. Com aspectos mais agradáveis para o público, estas novas representações recuperam o “outro lado da bruxa”: são mulheres maduras, em sua maioria jovens, bonitas, que agem como donas de si e de suas vontades, distanciando-se do estereótipo de esposas submissas. Elas são livres, perspicazes e sensuais, capazes de conquistar amores com seus encantos e sua sedução. Lembrem-se de que esta figura não é nova, pois na Idade Moderna ela também foi extensamente culpabilizada pelo *Malleus Maleficarum*, perseguida e executada por representar o pecado e um perigo para a conduta dos homens.

---

<sup>77</sup> Estas narrativas, em sua maioria, já existiam, pois foram inspiradas em livros e séries televisivas. Contudo foi escolhido olhar para elas a partir de suas aparições no mundo dos filmes pelo maior alcance e demais motivos já esclarecidos anteriormente neste capítulo.

<sup>78</sup> Isto fortalece a ideia introduzida por Glinda de que nem toda bruxa é má, porém também a contradiz na associação da intenção da bruxa com sua aparência física, pois agora mesmo aquelas que demonstram comportamentos egoístas, vingativos ou perversos em algum grau também são bonitas (segundo a cultura estética vigente).

Outro importante traço cultural de algumas dessas produções é que as pesquisas de roteiro incluíram recriações das práticas e tradições religiosas do Paganismo e Neopaganismo: rituais caseiros com cristais, velas, misturas de ervas e outros elementos, orações e celebrações específicas, etc. A representação da bruxa dentro de uma realidade material tangível e uma sociedade conhecida pelo público (ainda que as narrativas contenham poderes mágicos) ajudou a libertar a bruxa do exílio da fantasia inconcebível e aproximou sua existência ao mundo real, pois esses filmes integraram a magia e a bruxaria como uma crença que compõe a paisagem da sociedade contemporânea.

[...] a bruxaria como religião gera uma grande base de pesquisa e composição de personagens e tramas. Essas novas mídias parecem atuar, junto à pesquisa de roteiro com base nos movimento místicos da bruxaria moderna, de forma direta tanto no campo do proselitismo, principalmente juvenil, quanto na relação do imaginário social e da aceitação da prática pela sociedade, que até outrora a condenava (Russell e Alexander, 2008). (SILVA, 2016, p. 4)

Figura 29 — As bruxas das comédias românticas: Jennifer, Gillian, o trio de Eastwick, Elvira, as irmãs Sally e Gillian, Isabel, Angelique e Elaine Parks



Fonte: adaptado pela autora.

Na figura 29, vemos as bruxas dos títulos de grande sucesso deste gênero:

- a) Jennifer de *Casei-me com uma Feiticeira* (1942), cujo o principal antagonista é seu pai, um bruxo que tenta impedir seu o relacionamento com o descendente da família que os havia condenado à fogueira por bruxaria;
- b) Gillian e seu gato familiar de *Sortilégio de Amor* (1958). Aqui a bruxa rivaliza com outra mulher pelo amor de um homem e utiliza feitiços para conquistá-lo;
- c) o trio sexy Alex, Jane e Sukie de *As bruxas de Eastwick* (1987). Em sua infelicidade amorosa e carência sexual, elas invocam o homem ideal. Ele aparece como um enviado do Diabo (extremamente machista, diga-se de passagem) e satisfaz os desejos carnis das três, o que faz a comunidade local acusá-las e persegui-las por seus prazeres pecaminosos;
- d) *Elvira, a Rainha das Trevas* (1988), uma bruxa boa que luta contra forças satânicas (aqui a maldade é representada por um bruxo homem). Elvira exala uma sexualidade luxuriosa e está rodeada de símbolos relacionados às trevas. A sociedade a exclui muito mais por ser considerada inapropriada pela moral conservadora do que por ter poderes mágicos;
- e) as irmãs bruxas Sally e Gillian em *Da Magia à sedução* (1998), filme que enfatiza o poder da amizade feminina. De boa índole, elas são criadas por suas tias entre maldições familiares, ensinamentos de feitiçaria e hostilidade dos vizinhos. Sally protege sua irmã de um relacionamento abusivo e as mulheres locais unem-se para ajudar Gillian;
- f) Isabel de *A Feiticeira* (2005), filme inspirado na famosa série televisiva transmitida em TV aberta no Brasil desde 1965 por diferentes emissoras. Isabel é uma bruxa boa que quer viver uma vida normal sem usar magia. Ao descobrir que seu amado a estava usando por motivos egoístas, ela usa seus poderes para dar-lhe uma lição;
- g) Angelique do universo mágico a lá Tim Burton de *Sombras da Noite* (2012), uma bruxa poderosa e vingativa que usa de assassinato, maldições, insanidades e sedução física para conquistar o amor do homem que ama;
- h) Elaine Parks da perturbante comédia trágica *The Love Witch* (2016), uma bela jovem feiticeira e narcisista que usa magia para fazer os homens desejá-la e amá-la ao ponto de enlouquecerem e morrerem.

Nota-se que essas produções também reforçam a ideologia do padrão de beleza feminino. Conforme bem diz Naomi Wolf (1990), a beleza feminina é moldada pela política, pela história e pelo mercado, e as escolhas do que será propagado em massa pela mídia não são inocentes. A produção cultural determina quais corpos são desejáveis e agradáveis de se ver. Ao escolherem como deveria ser retratada uma mulher bonita, poderosa e sedutora, todas as bruxas deste gênero terminaram sendo brancas, cisgêneras, magras, cada uma delas condizente ao estereótipo da moda de sua época. O peso dessa representação não é pequeno. Além disso, o fio condutor das narrativas é a busca da mulher pelo amor romântico, colocando a relação monogâmica com um homem como o objetivo final que garantirá a felicidade dessa mulher. Estas são as referências produzidas pela TV e pelo cinema, que reforçaram e acrescentaram mais camadas de símbolos e correlações perigosas no inconsciente coletivo contemporâneo.

#### **6.4 Fantasias adolescentes**

O ano de 1996 foi um marco para a trajetória das bruxas no cinema e na TV, com consequências reais para os grupos religiosos da comunidade bruxa existente. Neste ano, nasceram as primeiras produções voltadas para uma faixa etária com dom natural para o fanatismo e o entusiasmo e que, até então, havia sido pouco explorada: os adolescentes.

O primeiro lançamento foi o famoso telefilme *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira*, de sucesso tão estrondoso que rendeu uma sitcom de 7 temporadas mundialmente televisionada (1996 à 2003), mais dois filmes (*Sabrina vai à Roma* em 1998 e *Sabrina vai à Austrália* em 1999) e um *spinoff* em formato de desenho animado *A Bruxinha Sabrina* (1999 à 2001). A trama foca no cotidiano da adolescente de 16 anos Sabrina Spellman, uma meia-bruxa criada por suas tias feiticeiras Hilda e Zelda e dona de um gato preto falante chamado Salem (seu familiar). Entretanto, a personagem Sabrina Spellman já existia desde 1962, tendo sido criada pelo escritor George Gladir e pelo artista Dan DeCarlo para a Archie Comics, até que ganhou sua própria revista de 77 edições *Sabrina The Teenage Witch* (1971 a 1983). Nos anos 70, foram produzidas algumas séries com a personagem, mas a interpretação da

atriz Melissa Joan Hart nos anos 90 foi a responsável por potencializar o alcance do enredo. A grande maioria dos millennials brasileiros cresceram assistindo os filmes e séries de Sabrina na Rede Globo. Para a época, era a primeira vez que uma bruxa era apresentada como uma adolescente comum, esteticamente padronizada como bonita, com interesses e comportamentos típicos de uma garota de 16 anos, que divide seu tempo entre seus amigos e namorado mortais na escola e os aprendizados de magia com suas tias e seu gato. Esta representação aproximou a bruxa da realidade de seu público: ao apresentá-la como uma adolescente vivendo as aventuras da idade, criou-se uma conexão na qual o público se reconheceu na personagem, pois, com um toque de magia, Sabrina Spellman poderia ser qualquer uma de nós — e ela nos fazia desejar que realmente fôssemos bruxas. Em 2018, a Netflix produziu uma nova série sobre Sabrina Spellman, fazendo uma releitura muito mais sombria mas, ainda assim, adolescente<sup>79</sup>. Isso só reforça o tamanho do sucesso deste enredo, que até recentemente segue sendo explorado pela indústria cultural e obtendo resultados de sucesso.

Figura 30 — *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira*: a revista da Archie Comics, o filme com Melissa Joan Hart e a recente série da Netflix.



Fonte: adaptado pela autora.

<sup>79</sup> A série *O Mundo Sombrio de Sabrina* é imensamente rica em elementos simbólicos. Personagens, cenário, enredo, demonstrações de práticas e tradições das bruxas — tudo é construído com abundância de referências e seria necessário um único trabalho para dar conta de analisar todas os elementos que a série apresenta. É magnífico.

Outro divisor de águas de 1996 foi a produção *cult* da Sony Pictures *Jovens Bruxas*, um filme que mescla fantasia com terror adolescente e que foi “considerado um evento bem sucedido para a percepção pública da bruxaria moderna” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 226). A este aqui daremos uma atenção especial.

A premissa da história é bastante simples: Sarah, Nancy, Bonnie e Rochelle são quatro adolescentes de Los Angeles que estão vivendo os dramas da idade. Em suas famílias, cada uma têm os próprios conflitos a enfrentar. No colégio, elas são excluídas pelos colegas, que as consideram “esquisitonas” e “bruxas” por estudarem magia e ocultismo juntas. Ao praticarem os encantamentos, elas descobrem que os feitiços e rituais realmente funcionam, porém, de forma irresponsável, elas invocam uma força poderosa demais na ambição de utilizá-la para concretizar suas ganâncias pessoais. As consequências por abusarem do poder descoberto fogem do controle, causando algumas mortes e combates entre elas.

Figura 31 — *Jovens Bruxas*: Bonnie, Nancy, Sarah e Rochelle.



Fonte: Sony Pictures, adaptado pela autora.

A escolha de como seria representada a aparência das aprendizes de magia têm muita importância, pois *Jovens Bruxas* apresentou a primeira bruxa preta das grandes produções — um marco que vem cheio de contradições. Em 2020, a atriz Rachel True revelou que, inicialmente, sua personagem Rochelle sofreria de bulimia. Contudo, com a entrada de uma atriz preta para interpretar o papel (apesar dos obstáculos para que isso acontecesse), o roteiro foi alterado para problemas de

racismo sofridos na escola<sup>80</sup>. Rochelle também foi a única personagem que não ganhou sua própria subtrama familiar: todas as outras três garotas enfrentam transtornos tanto no colégio quanto em sua vida privada, mas o roteiro deu uma importância menor para Rochelle, mesmo sendo uma das protagonistas. A atriz conta que também sofreu racismo no *set* por parte dos colegas de trabalho e que, muitas vezes, foi deixada de lado nos materiais promocionais de lançamento e de coletivas do longa.

Sarah, Nancy e Bonnie são retratadas como garotas brancas, de cabelo liso e magras. Nancy, entretanto, usa roupas, acessórios e maquiagem do estilo *punk rock*, tendo uma aparência extraordinariamente mais carregada em comparação às outras protagonistas — não à toa ela é a grande vilã da história e aquela com mais problemas familiares envolvendo vícios, maus tratos e moradia, o que configura a utilização por parte do enredo de um estereótipo negativo das pessoas dessa tribo.

Uma quinta personagem muito importante é Lírio: uma mulher madura, dona de uma loja de artigos esotéricos onde as adolescentes costumam comprar (e roubar) itens e livros para seu aprendizado. Diante das atitudes e ambições questionáveis das garotas, Lírio ocupa o papel daquela que sabe mais e tenta fornecer orientações. É a ela que Sarah procura quando precisa de ajuda. Lírio colabora para a construção do entendimento que o filme quer passar sobre uma bruxa sensata, sábia e responsável, mais uma vez desvinculando a maldade como uma característica inata de uma bruxa e desfazendo-se da idual dual de “magia boa” e “magia das trevas”.

Sarah [provocação]: *O que está fazendo, Lírio? Está escondendo as crianças desaparecidas do bairro? Seria magia negra?*

Lírio: *A magia não é negra nem branca. É ambos porque a natureza é. Afetiva e cruel, tudo ao mesmo tempo. O bem ou o mal está no coração da bruxa. A vida mantém esse equilíbrio. Entenderam?*

Rochelle [deboche]: *Não muito.*

Lírio: *Então entendam isso: o que vocês lançarem, vai voltar três vezes.* (JOVENS BRUXAS, 1996)<sup>81</sup>

<sup>80</sup> Uma das lutas antirracistas no cinema é aquela que defende que artistas negros não devem ficar relegados apenas a papéis que tratem de racismo, escravidão e temas correlatos à sua cor.

<sup>81</sup> JOVENS BRUXAS (1996). **Jovens Bruxas - Cena**. 9 ago. 2018. 1 min 49 s, color. Canal 1393. Disponível em: <<https://bit.ly/30nDCcM>>. Acesso em: 25 out. 2021.

De maneira geral, o filme é carregado de simbolismos culturalmente associados ao universo das bruxas: as aprendizes formam um coven; cultuam a natureza e os quatro elementos; invocam espíritos antigos; lançam encantamentos; performam rituais com adagas, rezos específicos, pentagramas, ervas secas e um cálice contendo vinho e gotas de sangue das quatro (mistura bebida por todas)<sup>82</sup>; voam; atravessam espelhos; etc. As associações são muitas, desde a composição de itens da loja esotérica às referências autênticas de costumes da Wicca.

O grande diferencial em *Jovens Bruxas* é que houve intenção de assemelhar o que foi reproduzido nas telas com as práticas reais da bruxaria moderna, afastando-a dos estereótipos grotescos e medievais. Tal verossimilhança deve-se à consultoria dada aos produtores por uma importante bruxa da época: a Diretora Conacional de Relações Públicas da COG. Apesar da bruxaria moderna não estar representada de forma integralmente fiel às tradições (pois o filme criou elementos próprios e modificou outros tantos para que fossem convenientes ao enredo), ainda assim a “versão cinematográfica [está] substancialmente alinhada com a versão da vida real” e a bruxaria moderna “continua identificável enquanto tal” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 228). O filme acabou funcionando como propaganda sensacionalista da bruxaria moderna, um verdadeiro ímã para a audiência jovem (ibidem).

[...] a bruxaria mostrada no filme se aproxima bastante do fenômeno real, seu atrativo representado pelos poderes ocultos é interligado a uma coleção de ideias, rituais e objetos do mundo real que os adolescentes, de fato, encontrarão quando investigarem a matéria com um pouco mais de profundidade. Desse modo, os adolescentes interessados dispõem de um arcabouço preexistente de informações e de envolvimento pronto para atender à sua curiosidade. E houve muitos adolescentes curiosos saindo dos cinemas em 1996. (Ibidem, p. 228)

O poder de influência que a mídia tem sobre os adolescentes não pode nunca ser subestimado. O interesse que *Jovens Bruxas* despertou teve desdobramentos instantâneos na comunidade bruxa da época, pois os novos autoproclamados bruxinhos da cultura pop “não recebiam iniciação nem qualquer tipo de treinamento

---

<sup>82</sup> JOVENS BRUXAS (1996). *Jovens Bruxas - Cena do ritual na Floresta*. 11 ago. 2013. 4 min 23 s, color. Canal Rick Ghisio Lavigne. Disponível em: <<https://bit.ly/3DjFQIV>>. Acesso em: 25 out. 2021.

ocultista, não tinham ligação com qualquer ensinamento ou tradição; não podiam ou não queriam se unir às organizações já existentes” (ibidem, p. 232).

Essa inesperada onda de interesse adolescente sobre a bruxaria criou um problema para o movimento em mais de uma forma. Em primeiro lugar, os grupos estavam totalmente despreparados para lidar com essa onda de fascinação. A bruxaria moderna não era um movimento de jovens; pouquíssimos bruxos tinham alguma experiência em como tratar os questionamentos adolescentes, e nem um grupo tinha qualquer tipo de estratégia organizada para atingir esse público. Em segundo lugar, a perspectiva de adolescentes se “converterem” à bruxaria enquanto ainda vivessem sob o teto de seus pais correspondia a uma batata quente, para dizer pouco — não só emocionalmente, mas legalmente também. Qualquer organização de bruxaria que deliberadamente desviasse uma criança da religião de seus pais tinha uma boa possibilidade de ser processada até cair no esquecimento. Com esse perigo em mente, os grupos de bruxaria em geral assumiam uma política de não intervenção em se tratando de menores. O resultado combinado de seu despreparo e de sua cautela foi o movimento da bruxaria organizada ter perdido o controle do fenômeno da bruxaria na cultura popular. Os adolescentes que se sentiram então atraídos para a bruxaria foram forçados a confiar principalmente uns nos outros [...] Como consequência, os jovens que pretendiam ser aprendizes de feiticeiros não tiveram outra escolha senão construir seu conceito de bruxaria com base no que assistiam em filmes, em séries televisivas, nas páginas da internet ou simplesmente em suas conversas com amigos. (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 230)

Nasceu, assim, um novo ramo do movimento neopagão: a bruxaria adolescente, uma subcultura com vida própria totalmente descomprometida com os preceitos dos grupos de adultos tradicionalistas. Logo as análises de mercado se deram conta da grande oportunidade de receita vinda da alta demanda dos adolescentes por conteúdos de bruxaria — eles estavam curiosos e famintos, e a indústria cultural respondeu produzindo todo tipo de material consumível: livros<sup>83</sup>, revistas, almanaques, séries, filmes, músicas e tudo que poderia ser monetizado. Ora, ora... O mesmo capitalismo que na Idade Moderna havia manipulado crenças assustadoras sobre as bruxas para atender seus interesses estruturais agora transformava a bruxaria em um produto simplista de entretenimento popular a ser vendido aos montes devido ao sucesso de lucro previsto.

Essa mercadorização da bruxaria também fez com que os grupos tradicionais perdessem a autonomia na produção de informações sobre suas próprias origens,

---

<sup>83</sup> Escrito por Silver Ravenwolf em 1998, *Teen Witch: Wicca for a New Generation* foi um dos primeiros livros a serem publicados pelo novo gênero emergente de bruxaria adolescente.

práticas e filosofias neopagãs. Simultaneamente aos seus esforços em tentar se provar como uma religião séria perante a comunidade religiosa e ganhar seu respeito, as produções midiáticas começaram a alimentar (com conteúdos vazios) grupos de jovens autoproclamados bruxos que surgiam aos montes, fazendo da bruxaria um estilo de vida vago que seguia aquilo que bem entendessem.

O sucesso de *Jovens Bruxas* continua fazendo a máquina cultural girar: em 2020, o longa ganhou uma segunda versão intitulada *Jovens Bruxas - Nova Irmandade*. O elenco da adaptação conta com a atriz transgênero, latina e ativista Zoey Luna no papel de Lourdes, uma das bruxinhas do quarteto que também é uma garota transgênero e latina (mas esses temas não se tornam o foco absoluto do desenvolvimento do seu drama no longa). Levando em conta que muitas crenças neopagãs defendem convicções cisnormativas sobre o poder sagrado da mulher em ser a responsável por gerar vida, Lourdes é especial neste filme porque mostra que garotas trans também são mágicas do seu próprio jeito e que há espaço para todos os corpos em um coven de bruxas.

Figura 32 — *Jovens Bruxas - Nova Irmandade*: Tabby, Frankie, Lily e Lourdes.



Fonte: Sony Pictures, 2020.

*Jovens Bruxas* é um exemplo extremamente empírico de como um filme, apesar de ficcional, tem o poder de transformar materialmente a vida real devido aos impactos que sua influência causa no imaginário cultural coletivo e,

consequentemente, nas transformações de crenças, hábitos e condutas de muitas pessoas. E essa produção não foi nem de longe a maior de todas.

## 6.5 Aventuras

O ano de 2001 pariu o maior fenômeno cinematográfico de bruxaria já visto: o mundo foi apresentado ao filme que contava a história do menino bruxo com uma cicatriz de raio na testa. Ainda hoje não há absolutamente nada existente na indústria cultural sobre a temática de bruxas que se compare à magnitude da franquia de Harry Potter — em todos os sentidos: alcance, influência, rentabilidade, prolongação, construção de imaginários e geração de desdobramentos em diferentes possibilidades midiáticas.

Mas antes de viajarmos até Hogwarts, faremos uma rápida parada em Avalon, pois 2001 também foi o ano de lançamento do longa-metragem *As Brumas de Avalon*. Baseado na saga de quatro livros da escritora estadunidense Marion Zimmer Bradley, o filme reconta as lendas arturianas a partir da perspectiva das mulheres que compõem esse universo mítico. Rei Arthur, os Cavaleiros da Távola Redonda e Merlin tornam-se personagens secundários para que Morgana, Viviane (a Senhora do Lago) e outras personagens femininas conduzam o olhar dessa história lendária.

O reino de Arthur é formado por pagãos seguidores da Deusa Mãe (uma religião totalmente liderada por mulheres) e por cristãos aversos à Antiga Religião que tentam sobrepor o cristianismo a ela. Este pano de fundo permite que, através do filme, o público conheça algumas características da cultura celta (como o festival Beltane) e dos simbolismos pagãos que são base do Druidismo Matriarcal. Algumas dessas referências de antigas tradições seguem incorporadas em vertentes ativas do movimento.

Morgana, a grande protagonista, é meia-irmã de Arthur e uma poderosa sacerdotisa. Sua tia Viviane a leva ainda adolescente para viver em Avalon, ilha mágica que cultua à Grande Deusa. Lá, Morgana aprimora seus poderes com treinos e estudos até tornar-se senhora de si. É importante pontuar que, neste filme, as mulheres com poderes mágicos não se autodeclaram *bruxas* mas sim

*sacerdotisas da Deusa*. São outros personagens cristãos que as chamam de “bruxas” e “feiticeiras” num tom ácido de ofensa ou de aviso para ter-se cautela com elas. Os termos são empregados pejorativamente sempre que as atitudes das seguidoras da Deusa desagradam aos interesses pessoais das demais personagens. Por outro lado, quando seus poderes são convenientes, elas são solicitadas e respeitadas, ainda que a fonte mágica de tal poder seja a mesma.

Morgana, mais conhecida popularmente pelo nome de Fada Morgana, é uma personagem mitológica tão presente na cultura popular que diferentes livros, séries e filmes a incluem entre os protagonistas de suas próprias tramas. Em muitas adaptações da lenda, ela aparece como vilã maligna e antagonista principal de Arthur e/ou Merlin — um exemplo é o filme *O Aprendiz de Feiticeiro* (2010), onde o sucessor de Merlin deve ser treinado para impedir que Morgana Le Fay e seus seguidores destruam o mundo moderno. Dentre as inúmeras variações criadas pela indústria cultural para esta personagem, é interessante notar que a mulher dotada de poderes mágico tem a possibilidade de corromper-se e converter-se em maléfica; contudo, Merlin é inalteravelmente abordado como o maior mago de todos, o sábio e não é tratado por quase nenhuma narrativa como vilão.

Apesar de *As Brumas de Avalon* apresentar Morgana de uma perspectiva positiva, ainda assim a história termina com a grande sacerdotisa da Deusa abrigoando-se em um convento católico após o desaparecimento de Avalon e encontrando conforto na imagem da Virgem Maria, interpretando-a como uma nova forma de manifestação da Deusa. O cristianismo, por fim, suprime os pagãos.

Figura 33 — Morgana, de *As Brumas de Avalon*.



Fonte: adaptado pela autora.

Chega-se então à estreia do primeiro filme da saga de *Harry Potter* em 2001. Este não foi um lançamento qualquer, tampouco feito por acaso. A indústria cultural estava atenta ao movimento de receita e à tendência de audiência que conteúdos relacionados à bruxaria estavam alcançando. A última década do século XX já havia testemunhado uma maior frequência de produções com a temática de bruxas; a partir da virada do século, porém, não haveria mais volta atrás: os anos sem lançamentos sobre o tema seriam as pouquíssimas exceções frente a alta constância de aparição das bruxas nos longa-metragens dali em diante. A adaptação cinematográfica da série de livros de J. K. Rowling rendeu 8 filmes de absoluto sucesso produzidos por um período de 10 anos (de 2001 a 2011).

Figura 34 — Filmes da saga de *Harry Potter*.



Fonte: Warner Bros. Pictures, adaptado pela autora.

A maior herança da franquia de Harry Potter para a construção da imagem das bruxas no inconsciente coletivo é a percepção positiva da bruxa por parte do grande público — algo que alguns filmes anteriores já vinham trabalhando em seus conceitos, mas que foi coroado com a amplitude alcançada pela saga. Em Harry

Potter, a escolha entre praticar magia do bem ou do mal fica totalmente a cargo da índole do bruxo, sendo ambos os tipos de magia acessíveis a todos os feiticeiros e criaturas (DIAS; CABREIRA, 2019). Isto quer dizer que neste universo não existe a associação da bruxaria maléfica como algo inerente a um determinado gênero ou uma estética física, sendo inclusive difícil discernir de qual lado alguns personagens estão. Além disso, em Harry Potter a bruxaria não está ligada a referências religiosas: é simplesmente um ato de ser (por herança sanguínea) e praticar. Com relação ao vínculo entre maldade e feiura, Voldemort é a única exceção: seu rosto foi desfigurado devido ao seu extremo contato com criaturas e feitiços das trevas, mas esta é uma condição totalmente fora da curva que serve para reforçar como o personagem enquanto personificação do próprio mal, colocando um abismo onde torna-se incomparável a maldade de Voldemort com a de outros bruxos.

A magia deixa de ser um reduto demoníaco, se insere na sociedade pela experimentação e por sua busca direta. Do mesmo modo, a ideia do mal como aspecto intrínseco da bruxa é transferida para uma característica do ser humano, livrando as bruxas de um peso que carregam desde suas primeiras condenações. Ao contrário do que afirmava, agora vemos a representação das bruxas boas e más como opostas, tanto no cinema quanto na sociedade, colocando a responsabilidade do uso da feitiçaria naqueles que a buscam [...] não em uma força maior que controle a todos como seus servos. (Ibidem, p. 190)

Essa assimilação positiva da bruxa, entretanto, não eliminou ou substituiu os significados anteriores atribuídos a ela — não desapareceu (nem dos filmes nem do inconsciente coletivo) a imagem da bruxa enquanto mulher perigosa na figura da velha feia ou da jovem sedutora. O que acontece é que acrescenta-se mais uma camada de aspectos e significados aos já pré-existentes, que passam a coabitar o campo das representações e do imaginário popular de forma mais fixa.

No que tange à forma como foram representadas as bruxas e bruxos da franquia de Harry Potter, é necessário destacar alguns pontos:

- a) **gênero:** as mulheres desempenham papéis extremamente importantes no desenrolar de toda a narrativa. Hermione Granger, Minerva McGonagall e Belatriz Lestrange são apenas três de uma lista imensa de feiticeiras muito poderosas, corajosas e inteligentes. Não há uma circunstância do enredo que seja causada ou solucionada sem a

participação de uma ou mais mulheres, inclusive sendo elas muitas vezes a protagonizarem momentos importantes;

- b) **raça:** mesmo com uma quantidade gigantesca de personagens, a série contém pouquíssima diversidade no elenco, que é majoritariamente branco. Em 2015, o ativista Dylan Marron contabilizou<sup>84</sup> que, dos 1.207 minutos totais da saga, apenas 5 minutos e 40 segundos são de falas de pessoas pretas, amarelas e indianas. Elas somam apenas 12 personagens no total, sendo só a metade delas recorrente em mais de um filme, mas nenhuma, definitivamente, é parte do hall de protagonistas. Existe uma gigantesca falta de profundidade no desenvolvimento de personagens não-brancas, além de incoerências problemáticas na forma como foram representadas. *Cho Chang*, por exemplo, é uma garota coreana, mas o nome escolhido para ela é formado por dois apelidos coreanos e nenhum nome próprio, não sendo um nome plausível. Sua personagem desaparece por completo ao longo da história e ela também foi excluída da peça teatral cujo enredo trata sobre o momento da trama em que Cho Chang mais teve parte nos filmes. Este tratamento também foi dado a personagens indianos e pretos — aparições pontuais, nenhuma complexidade ou profundidade em suas narrativas e, eventualmente, um sumiço repentino do enredo;
- c) **comunidade LGBTQIA+:** os filmes não retratam nenhuma feiticeira ou feiticeiro que seja declaradamente parte da comunidade LGBTQIA+. J. K. Rowling afirmou em 2007 que Dumbledore era gay, porém isso nunca foi representado de forma expressa nos filmes da saga principal. Um dos *spin offs* que prometia explorar este ponto também decepcionou a maioria dos fãs. Além disso, em 2020 J. K. Rowling fez comentários transfóbicos<sup>85</sup> em suas redes sociais, deixando transparecer seus posicionamentos ideológicos cisnormativos, o que

---

<sup>84</sup> MARRON, Dylan. **Perfil de @dylanmarron no Twitter**. Publicado em 14 out. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3ni4oMN>>. Acesso em: 10 out. 2021.

<sup>85</sup> Cf. CANHISARES, Mariana. **J.K. Rowling e transfobia:** entenda a polêmica. In: OMELETE. 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3Cj1H1y>>. Acesso em: 10 out. 2021.

também pode explicar a ausência completa de diversidade entre as personagens;

- d) **deficiências:** Alastor "Olho-Tonto" Moody é uma personagem representada sem o olho esquerdo, a perna esquerda e parte do nariz. Entretanto, nenhuma de suas deficiências o impediram de executar com primor suas atividades enquanto um grande bruxo.

Figura 35 — “Armada de Dumbledore”, “Ordem da Fênix” e “Comensais da Morte”.



Fonte: Warner Bros. Pictures, 2007.

Os símbolos que compõem o universo mágico de Harry Potter contemplam todos os itens mais clichês da cultura popular sobre bruxas: vassouras para voar, varinhas para lançar feitiços, animais familiares, roupas pretas exóticas, chapéus pontudos, caldeirões de poções, trabalhos com ervas, palavras mágicas para encantamentos específicos, livros de feitiço, inúmeras criaturas fictícias, maldições, profecias, invisibilidade, teletransporte e a lista continua. Na verdade, essa associação do enredo a símbolos já conhecidos popularmente como “itens de bruxas” apenas contribui para reforçar a coerência entre o universo criado e o imaginário já pré-existente. A audiência não sente estranhamento algum ao que lhe é apresentado, pois tais representações já são parte de seu repertório.

O sucesso da franquia não passou despercebido aos interesses capitalistas. Harry Potter conquistou tantos fãs de tantas idades, nacionalidades e diferentes graus de fixação que tornou-se uma fonte inesgotável de receita para todos os tipos mercado: a produtificação foi de itens colecionáveis (como bonecos, figurinhas, varinhas dos personagens e uma infinidade de objetos) à moda e vestuário (roupas personalizadas, jóias e acessórios), papelaria, eventos, marketing de experiência em restaurantes e afins<sup>86</sup>, além de profissionais independentes que movimentam suas atividades em canais no YouTube e comunidades específicas para falar sobre curiosidades e outros inúmeros assuntos da saga.

No turismo, a Disney Orlando inaugurou em 2010 *O Mundo Mágico de Harry Potter*, que hoje já conta com 2 parques temáticos dedicados à franquia, ambos interligados pelo trem *Hogwarts Express*, uma réplica do trem expresso do filme. Em 2012, a Warner Bros. Studio transformou os estúdios de gravação da saga em uma exposição aberta ao público: *The Making of Harry Potter* contém os cenários, vestuários e diversos itens originais dos filmes, além de contar com atividades anuais temporárias — um tour especial sobre as Artes das Trevas no período de Halloween, a ambientação dos estúdios para uma decoração natalina com neve de novembro a janeiro, os ingressos para ceias de Natal no Salão Principal e as futuras sessões de transmissão do primeiro filme no Salão Principal em comemoração ao

---

<sup>86</sup> Em 2021, por exemplo, a hamburgueria artesanal Beco Hexagonal foi inaugurada na cidade de São Paulo, totalmente ambientada por referências do universo de Harry Potter. Em 19 semanas, o perfil no Instagram chegou a 184 mil seguidores. Cf. BECO HEXAGONAL. **Perfil de @becohexagona no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3otJvgR>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

20º aniversário de lançamento. A cidade de Londres também recebe fãs interessados em visitar locais onde foram gravadas cenas dos filmes. A estação de trem King 's Cross ganhou uma loja oficial *The Harry Potter Shop at Platform 9 ¾* com oferta de todos os tipos de itens relacionados à saga.

Figura 36 — Parque O Mundo Mágico de Harry Potter em Orlando.



Fonte: Walt Disney World, 2010.

Figura 37 — A exposição *The Making of Harry Potter* nos estúdios Warner.



Fonte: Warner Bros. Pictures, 2018.

A indústria cultural também continuou bebendo dessa poderosa mina de ouro: o universo bruxo de Harry rendeu a produção de mais 3 filmes para o *spin off* *Animais Fantásticos*, sendo eles *Animais Fantásticos e Onde Habitam* (2016), *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald* (2018) e *Animais Fantásticos: Os Segredos de Dumbledore* (2022); a peça teatral *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* (2016) dá continuidade à história 19 anos após os eventos finais do último livro; em 2021, a HBO anunciou<sup>87</sup> a produção de *Harry Potter: Hogwarts Tournament of Houses*, um especial comemorativo em formato de game show pelo 20º aniversário de lançamento do primeiro filme, além de lançar uma versão de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* intitulada *Filme em Modo Mágico*<sup>88</sup> com cenas excluídas, comentários do diretor e extras dos bastidores; além de jogos físicos, foram desenvolvidos em torno de 15 jogos para mobiles e 17 jogos de videogame para consoles e computadores, sendo o último RPG *Hogwarts Legacy* ainda a ser lançado em 2022.

Figura 38 — Os dois primeiros filmes do *spin off* *Animais Fantásticos*.



Fonte: Warner Bros. Pictures, adaptado pela autora.

<sup>87</sup> PINTO, Flávio. 'Harry Potter' vai ganhar especial em formato de quiz show pela HBO Max. In: OLHAR Digital. 19 mai. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3kBOICo>>. Acesso em: 25 out. 2021.

<sup>88</sup> VINICIUS, Marcos. Harry Potter e a Pedra Filosofal ganha edição especial exclusiva em comemoração aos seus 20 anos. In: CINEMARA. 17 ago. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3Dn6joN>>. Acesso em: 25 out. 2021.

A franquia de Harry Potter nada mais é do que o exemplo perfeito de produção híbrida devido à "coexistência, convivência e sincronização das culturas oral, escrita, impressa, massiva, midiática e ciber que se misturam todas elas na constituição de um tecido cultural polimorfo e intrincado" (SANTAELLA, 2007, p, 133). Existe um conteúdo central que encontrou formas de reproduzir-se em múltiplos canais midiáticos de linguagens e estruturas distintas. O avanço tecnológico do período ampliou os desdobramentos dessas interconexões.

Em *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (2005) permanece a representação fria da Feiticeira Branca enquanto um perigo à vida das crianças e à fertilidade da terra, com uma postura vingativa, assassina e sedenta de poder; *Malévola* (2014) e *Malévola: Dona do Mal* (2019), filmes nos quais o enredo visa mostrar o outro lado da fada das trevas, que tem sua imagem positivada ao ser explicada sua história pessoal, a natureza de suas intenções e ao ser demonstrado que é o amor materno de Malévola que salva a vida de Aurora (e não o do “príncipe salvador”). A antiga vilã ganha a predileção do público nesta nova versão dos fatos. Ainda que não seja uma personagem carismática e fofa, ela é indiscutivelmente mais envolvente na pele de Angelina Jolie, mesmo que permaneçam os chifres, a amargura, o corvo, a transmutação em dragão e outros tantos elementos.

Figura 39 — As personagens Feiticeira Branca e Malévola.



Fonte: Disney, adaptado pela autora.

## 6.6 Ação

Ambientado no século XIV, o filme *Caça às Bruxas* (2011) tem cenas fortes de enforcamentos impiedosos de mulheres consideradas bruxas pela Santa Inquisição. O clero considera a prática de feitiçaria culpada pela peste negra e está determinado a exterminar as bruxas. A principal suspeita de bruxaria é considerada tão perigosa que 6 homens se juntam para transportar uma única mulher até o monastério onde pretendem realizar um ritual com ela para acabar com a doença. A moça é branca, magra e com um olhar frágil: a aparência que o “senso comum” consideraria inocente. Ao decorrer do enredo, ela começa a demonstrar seus poderes malignos, mas descobre-se que, na verdade, ela estava possuída por um demônio. A moça em si não era bruxa, apenas foi usada como camuflagem por um outro tipo de mal.

A Rainha Má ganha mais uma adaptação em 2012 com *Branca de Neve e o Caçador*<sup>89</sup>. Esta versão do conto é bem mais bélica, sanguinária e sombria, mas a natureza das intenções da Rainha Má permanece a mesma: matar a Branca de Neve para tornar-se a mais bela de todas. A rainha-feiticeira é representada por uma mulher inegavelmente bela perante os “padrões de beleza” impostos pela mídia: branca, magra, alta, loira, olhos azuis, corpo com curvas, sempre muito bem vestida e ornamentada. Segundo a narrativa, ela enfeitiça os governantes com sua beleza e então toma o reino para si, trazendo chacina ao povoado e infertilidade à terra. Ela também sequestra garotas para alimentar-se de sua beleza e continuar jovem — uma referência à crença da Idade Moderna de que bruxas bebiam o sangue de crianças como fonte de juventude. Sua postura é séria e implacável, numa combinação que é ao mesmo tempo sedutora e aterrorizante. O enredo mostra um pouco de seu passado, o que nos ajuda a compreender de onde veio sua perversidade, mas não cria empatia o suficiente para fazer com que o público torça por ela, pois são muito fortes as cenas demonstrando sua frieza, impiedade e atitudes assassinas. Quando Branca de Neve finalmente derrota a Rainha Má<sup>90</sup> com

---

<sup>89</sup> Mais de uma vez vemos aqui que os contos dos irmãos Grimm comprovam-se clássicos fixados de tal forma na cultura ocidental que a indústria continua utilizando-os como matéria prima inesgotável na produção de novos conteúdos.

<sup>90</sup> Neste filme, apesar de ajudada pelo Caçador e demais guerreiros, é a própria Branca de Neve quem vence a Rainha Má. Ela não é retratada como uma donzela indefesa esperando ser salva por um homem.

uma facada, rapidamente a juventude da feiticeira se esvai de seu corpo enquanto ela morre, revelando o rosto de uma velha. O filme ganhou uma continuação em 2016: *O Caçador e a Rainha do Gelo*. A antagonista principal seguiu sendo a mesma Rainha Má do filme anterior, que agora contracena com sua irmã Freya.

Em 2013, outra fábula dos irmãos Grimm ganha uma adaptação cinematográfica de sucesso: *João e Maria: Caçadores de Bruxa* é, talvez, o filme de ação mais relevante desta categoria. O longa-metragem conta a história dos irmãos que sobreviveram à bruxa medonha da casa de doces e, 15 anos depois, tornaram-se matadores profissionais de bruxas. João e Maria são contratados por um povoado medieval onde as crianças estão sendo sequestradas pelas bruxas (um grande clichê). Estas são representadas da forma mais caricata possível: rostos desfigurados e diversos aspectos inumanos. Sua aparência física horrorosa volta a estar vinculada à sua maldade, e mesmo quando algumas vilãs apresentam-se belas, trata-se de um feitiço, pois logo sua verdadeira aparência horrenda é revelada. Aqui as bruxas são ágeis e fortes, rendendo boas cenas de lutas com muitas armas e sangue. Elas matam aqueles que se colocam em seu caminho e sua intenção com as crianças é realizar um ritual na noite de eclipse (referência pagã) para se tornarem imunes ao fogo (sua principal vulnerabilidade).

Ao chegar no vilarejo, João e Maria salvam uma moça de ser executada por bruxaria, pois, segundo eles, ela não apresenta sinais de podridão em sua aparência, portanto não pode ser uma bruxa. Mais adiante, ela revela para João que ela é realmente uma bruxa, mas sua bela aparência permanece intacta pois ela é uma bruxa de bom coração (reforçando a associação entre intenção e aparência)<sup>91</sup>. Além disso, descobre-se que João e Maria são filhos de uma Bruxa Branca (bruxas boas que não fazem mal aos humanos). Isso significa que, geneticamente, Maria também seria uma Bruxa Branca (não existem bruxos no enredo).

O termo “Bruxa Branca” repete um erro racista já cometido por outras produções: o uso da cor branca enquanto sinônimo de bondade (“magia branca”) e da cor preta enquanto símbolo de maldade (“magia negra” e “bruxa negra”). Além

---

<sup>91</sup> Em 2013 já não surpreende mais a existência de bruxas boas nas histórias, mas ainda assim é aliviante quando um filme se propõe a apresentar este o contraponto (ainda que de forma superficial) ao invés de deixar a bruxaria completamente relegada a mulheres malignas e desfiguradas, resumindo a bruxa à esses aspectos.

disso, a associação entre intenção e beleza automaticamente comunica aquilo que é considerado fisicamente belo e aquilo que não é, reforçando a imposição dos padrões estéticos no inconsciente feminino.

Por fim, *O Último Caçador de Bruxas* (2015) é um grande clichê onde o único atrativo é assistir ao Vin Diesel realizar uma performance típica de Vin Diesel. Ele é um caçador de bruxas imortal que vive na Nova York contemporânea. As bruxas são reguladas por um órgão que as proíbe de realizar o mal e Vin Diesel é o responsável por manter a ordem sempre que alguém foge às regras. Alguns bruxos se juntam para reviver a bruxa mais maléfica de todas — e adivinhem só: ela é horrorosa!!! Entre lutas, feitiços e perseguições, todas as bruxas, bruxos e demais personagens servem apenas de pano de fundo para que Vin Diesel brilhe enquanto homem com o grande fardo de ser o salvador da humanidade (contém ironia).

Figura 40 — As bruxas dos filmes *Caça às Bruxas*, *Branca de Neve e o Caçador*, *João e Maria: Caçadores de Bruxa* e *O Último Caçador de Bruxas*.



Fonte: adaptado pela autora.

## 6.7 Dramas

Este é o gênero que mais se distancia dos demais em termos de caminhos narrativos. Em sua maioria, dramas são compostos por situações tensas envolvendo

conflitos passionais a partir de uma abordagem mais séria e, inclusive, mais próxima de acontecimentos factíveis. As cores da fantasia dão lugar a um pano de fundo bem mais concreto (ainda que ficcional).

No que diz respeito à temática das bruxas, são dois os filmes que mais se destacam dentro deste gênero: *As bruxas de Salém* (1996) e *Silenciadas* (2020), ambos pertencentes ao subgênero drama histórico, no qual as narrativas têm seu retrato determinado por fatos históricos.

Adaptado de uma peça teatral, *As bruxas de Salém* (1996) é uma alegoria dos eventos ocorridos em 1692 na cidade de Salém (Massachusetts, EUA), quando um ciclo de acusações sem evidências levaram mais de 200 pessoas a julgamento pela prática de bruxaria, sendo 19 delas condenadas à morte (mulheres em sua maioria). O filme utiliza-se da caça às bruxas de Salém e dos excessos jurídicos cometidos na época para criticar o Macarthismo<sup>92</sup> e a opressão do sistema penal, que agiu baseando-se unicamente em histeria coletiva de uma comunidade impregnada de superstições e extremismo religioso.

O cerne do enredo é este: Tituba, uma escrava negra, ensina sobre vodu e magias para algumas garotas da cidade. Elas são flagradas na floresta por um homem, que as denuncia. Abigail (uma das garotas) aproveita-se da atmosfera de acusações criada para satisfazer sua sede de vingança contra John Proctor, um fazendeiro com o qual ela havia tido um caso quando trabalhava de doméstica em sua casa. A traição foi descoberta por Elizabeth, esposa de John, que despediu Abigail. John preferiu Elizabeth à Abigail, deixando de corresponder ao seu amor. Quando acusada de bruxaria junto às outras garotas, Abigail orquestrou encenações e fingimentos perante o tribunal para beneficiar-se da situação e incriminar John e Elizabeth. Os conflitos éticos cresceram como bola de neve, pois a circunstância levou muitas pessoas a acusarem umas às outras motivadas por intrigas, interesses pessoais passionais e de posse de terra.

---

<sup>92</sup> “Foi um polêmico movimento político norte-americano para tentar combater o comunismo no país nos anos 1950 – mesmo que isso significasse violar o direito civil à opinião política, previsto na Constituição. Motivado pela paranóia da Guerra Fria, entre EUA e URSS, o macarthismo foi personificado pelo senador republicano Joseph McCarthy.” BARROS, Fernando. **O que foi o macarthismo?** In: SUPERINTERESSANTE. 14 fev. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3qFCXyp>>. Acesso em: 10 out. 2021.

O filme não apresenta bruxas em si nem discute se sua existência é verdadeira ou não. Tituba, que de fato professa fé em crenças ritualísticas, tem uma participação minimizada dentro da narrativa. A história concentra-se muito mais em retratar o ambiente de desconfiança, insensatez e maluquice criado na comunidade em torno da superstição da prática de bruxaria, o que fez seus membros voltarem-se uns contra os outros. O final do filme mostra o conflito contraditório de John ao ser condenado: por um lado, ele poderia confessar a prática de bruxaria (mesmo sendo mentira) e livrar-se da forca, mas manchar seu nome ao assumir um crime social e religioso; por outro, ele poderia aceitar morrer enforcado por um crime do qual era inocente, mas com a honra de seu nome intacta. John escolheu a última opção e foi enforcado junto a sua esposa e outras personagens. A ideia que as pessoas tinham da bruxa e da prática de bruxaria era tão pavorosa que foi preferível aceitar a condenação injusta do que assumir-se enquanto tal.

Figura 41 — *As bruxas de Salém*.

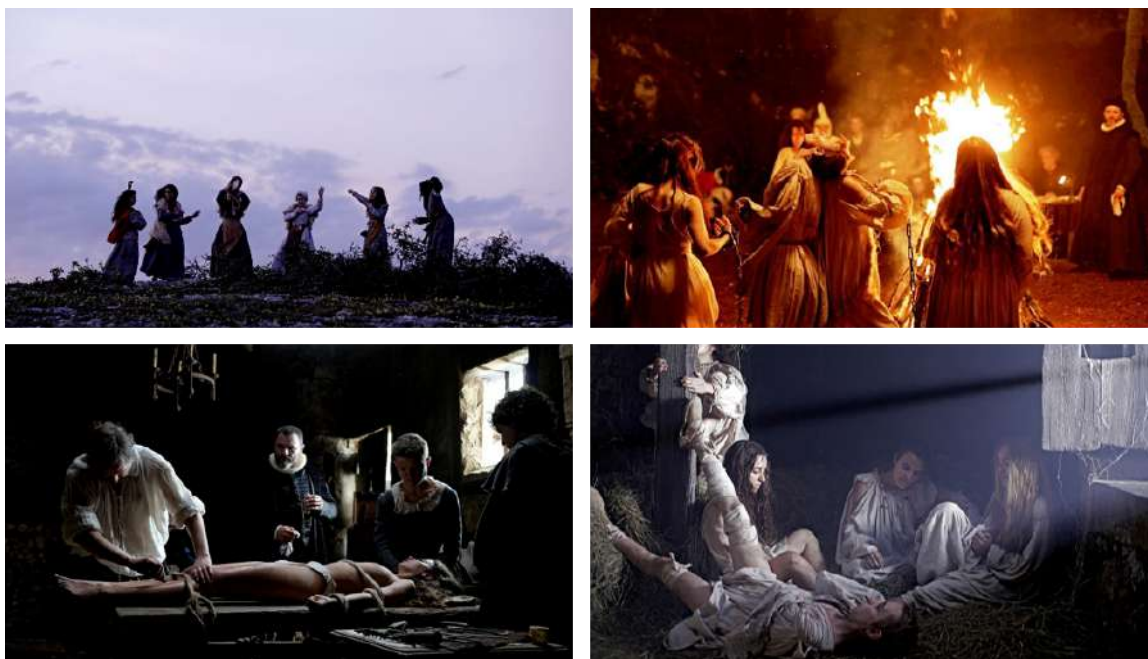


Fonte: TNT, adaptado pela autora.

O segundo filme de drama histórico é uma produção bem mais recente: *Silenciadas* (2020) é um filme independente basco que ganhou notoriedade nacional ao entrar para o catálogo brasileiro da Netflix em 2021. O longa-metragem é baseado no livro *A Feiticeira* de Jules Michelet (obra já comentada nesta pesquisa) e também retrata o momento histórico da caça às bruxas, com fortes críticas que dialogam com as discussões de gênero atuais.

A história se passa em 1609 no País Basco, quando 6 jovens são denunciadas por bruxaria após serem vistas dançando na floresta, lembrando a culpabilização das mulheres por serem amigas e se divertirem. Elas são presas a mando do rei e interrogadas uma a uma. Na cela, elas conseguem planejar uma maneira de tentar salvar suas vidas: em poucos dias, a temporada de pesca acabaria e os homens da vila voltariam para casa. Se elas conseguissem alongar os interrogatórios por tempo suficiente, seus pais e irmãos chegariam antes de suas execuções e lutariam por suas vidas.

A estratégia utilizada pelas garotas para ganhar tempo foi a de falar aquilo que o inquisidor Rostegui gostaria de ouvir: confissões detalhadas das práticas de bruxaria, do pacto sexual com Lúcifer e todo tipo de informação sórdida que o mantivesse curioso para saber mais. A protagonista Ana encena relatos persuasivos e canta músicas em seu dialeto basco, o qual os inquisidores acreditam ser uma língua demoníaca por não conhecerem o idioma. Então, Ana sugere realizar um *Sabbath* a fim de demonstrar como o ritual acontece — uma proposta de muito valor, pois a missa negra com sodomia com demônios era tida como expressão máxima da bruxaria, mas nunca alguém havia podido registrá-la. A cena do *Sabbath* é o momento de maior impacto visual do filme, pois a iluminação da fogueira na floresta é intensamente envolvente junto a outros elementos pagãos enquanto as jovens cantam, dançam e quase se divertem ao se entregarem totalmente à tentativa de encenar um ritual convincente.

Figura 42 — Cenas do filme *Silenciadas*.

Fonte: Netflix, adaptado pela autora.

Algo importante a ser ressaltado é: as garotas não são bruxas. Elas apenas utilizam dos folclores sobre bruxas dos quais elas ouviram falar para tentar salvar suas vidas. Um dos aspectos mais delicados do filme é a solidariedade existente entre elas. Seu companheirismo e camaradagem são o que as mantém vivas e dispostas a resistir. Outra personagem importante nesta construção de laços femininos é a criada mais velha. Ela representa as memórias ancestrais daquelas que sabem mais porque viveram mais, e que não se esqueceram das lutas e da importância de ser insolente e selvagem. “Os homens têm medo de mulheres destemidas” (SILENCIADAS, 2020, 1h 2min 39s) diz a senhora para Ana, afirmando que suas histórias contêm instruções que podem ajudá-la a escapar.

A figura da velha também é usada como recurso de contraste com a beleza da juventude de Ana: Rostegui compara as duas afirmando que Lúcifer utiliza-se de “mulheres encantadoras e delicadas, recém saídas da infância” para semear vícios nos homens e enfeitiçá-los até torná-los “animais vorazes, cães dedicados ao prazer” (ibidem, 1h 4min 8s). Sob tal perspectiva, a mulher perderia seu poder ao perder sua sensualidade, visto que a velhice não é culturalmente considerada atrativa.

Seguindo a lógica misógina da Idade Moderna, todo pecado do homem tem fonte de culpa na mulher. O fato de Rostegui sentir tesão por Ana é considerado prova suficiente de que ela é realmente uma feiticeira. Uma das formas de dar vazão ao desejo erótico reprimido é a tortura física. Durante os interrogatórios, as jovens são despidas, depiladas e têm seus corpos feridos em busca da marca do diabo, que pode inclusive estar presente em suas partes íntimas (conveniente, não?). A tortura também é usada como mecanismo para fazê-las confessar sob efeito da dor.

O longa-metragem é um retrato de como muitas vidas foram tomadas de forma cruel e absurda durante uma perseguição sistêmica contra mulheres (crianças inclusas). *Silenciadas* recupera o pior das crenças misóginas sobre corpo, sexualidade, comportamento e liberdade feminina que foram legitimadas pelo *Malleus Maleficarum* e nortearam o período de caça às bruxas, resultando no maior feminicídio em massa da história. *Silenciadas* conta uma história real sobre as bruxas do passado ao mesmo tempo em que dialoga com questões atuais que seguem sendo as mesmas, apenas sob uma roupagem diferente.

## 6.8 Terror

Definitivamente, este gênero é um clássico no universo cinematográfico das bruxas. Apesar da maioria das figuras escolhidas por estes filmes não trazerem representações a partir de aspectos inovadores nem contestarem significados já atribuídos popularmente à bruxa, elas realizam a tarefa importante de reforçar muitas das concepções pré existentes — e em termos de inconsciente coletivo, a repetição é um fator extremamente pertinente que contribui para a fixação de um determinada imagem da bruxa no reservatório psíquico universal.

Os terrores com bruxas somam-se uns aos outros desde a segunda metade do século XX. Os títulos mais famosos são *Bruxa: a face do Demônio* (1966)<sup>93</sup>, *O Bebê de Rosemary* (1968), *A Bruxa de Blair* (1999), *O Livro das Sombras: A Bruxa*

---

<sup>93</sup> Este filme destaca-se pelo altíssimo grau de preconceito religioso com as religiões de matrizes africanas e as religiões pagãs. A narrativa distorce o significado de artefatos e costumes de ambas as práticas para apresentá-los como malignos. O trailer é suficiente para demonstrar que o roteiro foi construído sob a ótica da intolerância e da ignorância.

de *Blair 2* (2000), *Arraste-me para o Inferno* (2009), *As Senhoras de Salem* (2012), *A Bruxa* (2015), *A Bruxa de Blair* (2016, remake) e *Não Bata Duas Vezes* (2016).

Figura 43 — Capas dos filmes de terror.



Fonte: adaptado pela autora.

Apesar das décadas entre os lançamentos, a forma que a bruxa assume nessas produções é sempre bem similar, com muitos elementos simbólicos e eventos em comum na maioria das narrativas: pessoas envolvidas com seitas satânicas, rituais com crianças e/ou sacrifício de inocentes, copulações demoníacas para dar à luz ao filho das trevas, maldições, lendas urbanas, desaparecimentos, possessões, exorcismos, visões e alucinações, vultos e criaturas horrendas perseguindo os protagonistas, alusão ao diabo chifrudo, aparição de marcas no corpo, insetos, inscrições arcaicas e tudo que o gênero de terror possa oferecer.

Nestes filmes, todas as bruxas são mulheres — ainda que algumas sejam entidades sobrenaturais sem a aparição de um rosto específico, o tratamento dado a elas é de pronome feminino “a bruxa”. Algumas agem por conta própria; outras, em função da sua relação estrita com o Diabo enquanto servas. Entre aquelas que de

fato possuem um rosto, todas são brancas e com uma aparência física aterrorizante<sup>94</sup>: descabeladas, desdentadas, emitindo grunhidos animais.

Em geral, os filmes de terror são carregados “pelo imaginário mais perverso com relação à bruxaria”, sendo “uma representação da bruxaria em seu aspecto mais horrendo” (DIAS; CABREIRA, 2019, p. 192-193). Ao mesmo tempo que suas representações foram inspiradas nas crenças coletivas sobre bruxas, elas também as inspiram e reforçam, como um sistema que se retroalimenta. Ainda que algumas pessoas não assistam a este tipo de filme, apenas o fato de saber que existem filmes nos quais a principal ameaça é uma bruxa já é o suficiente para reforçar a crença de que bruxas são inspiradoras de medo, de perigos e de morte.

Felizmente, temos uma exceção à regra. Em 2021, a Netflix produziu uma excelente trilogia numa pegada *slasher* de terror pop adolescente: *Rua do Medo: 1994 - Parte 1*, *Rua do Medo: 1978 - Parte 2* e *Rua do Medo: 1666 - Parte 3*. Adaptado da série de livros de terror infanto-juvenil do escritor R.L. Stine, os filmes contam a história de Sarah Fier, uma suposta bruxa que foi morta enforcada pelos cidadãos de Shadyside em 1666 e que, desde então, possuiu 9 moradores ao longo das gerações, transformando-os em *serial killers* na cidade para vingarem sua morte. Pelo menos é nisso que se acredita durante a maior parte do enredo.

Figura 44 — Capas da trilogia *Rua do Medo*.



Fonte: Netflix, adaptado pela autora.

<sup>94</sup> Com exceção de uma das bruxas em *A Bruxa* (2015), que é retratada sob o aspecto da luxúria e da sexualidade, corrompendo até mesmo a inocência da criança ao despertar nela o desejo carnal e beijá-la na boca.

Os dois primeiros filmes constroem uma impressão sobre as ações e motivações da bruxa que condiz com o retrato já conhecido: a trama faz parecer indiretamente que ela é cruel e vingativa, que ela tem um pacto com o diabo, que ela executa sacrifícios humanos (de crianças, inclusive) e que ela é responsável por amaldiçoar a cidade e seus moradores com infortúnios, insucessos e matança. Entretanto, o último filme preenche as lacunas de informações e dedica-se a contar diretamente a história de Sarah Fier e de sua morte. Em 1666, ela e Hanna Miller são perseguidas pelos cidadãos de Union (futura Shadyside) por estarem amorosamente envolvidas. Em um ambiente de extrema intolerância religiosa e histeria coletiva causada por fenômenos sobrenaturais, os moradores determinaram que o pecado da relação lésbica das duas havia convidado o diabo para dentro da comunidade e trazido podridão às terras férteis. Quem denunciou o beijo das garotas foi um rapaz que estava sentindo raiva por ter sido recusado por elas. O homem não soube aceitar o “não” de uma mulher e, com raiva, decidiu expô-las. Sarah e Hanna são caçadas, capturadas e condenadas por bruxaria.

Além disso, o diabo realmente andava pelas terras do condado, mas invocado por um homem e não pelo amor entre as garotas. Solomon Goode era tido como bonzinho e Sarah confiava nele como amigo íntimo. Sarah descobre que é Solomon quem está realizando rituais satânicos para trocar a vida de inocentes por sucesso pessoal e tenta derrotá-lo, mas ele a entrega ao condado em seu lugar. No momento da execução pública das garotas, Sarah tenta evitar que Hanna seja enforcada também: Sarah confessa falsamente ser uma bruxa e diz que Hanna é inocente, pois Hanna teria agido apenas pela influência de seus feitiços.

Sarah [para comunidade]: *Eu confesso. Eu andei com o diabo! Eu me deitei com ele! Eu enfeitei o bom pastor. E enfeitei... Hanna Miller. Eu a confundi. Eu a confundi. Fui eu. Fui eu! Fui só eu. Sempre fui eu. Hanna é inocente. [...]*

Sarah [para Solomon]: *A verdade vai aparecer. Pode não aparecer hoje... nem amanhã, mas vai aparecer. A verdade será sua maldição. Ela seguirá você por toda eternidade. Vou perseguir você para sempre. Vou mostrar a eles o que você fez. Eu nunca vou deixá-lo em paz.* (RUA DO MEDO: 1666, 2021, 1h 00min 46s)

A trilogia muda radicalmente a direção que era esperada para a narrativa: aqui a bruxa é humanizada ao conhecermos profundamente sua história pessoal e

suas motivações. Na verdade, é revelado que Sarah nem sequer era uma bruxa de verdade quando foi executada. Sarah confessou apenas para salvar a vida da garota que amava, mesmo que isso significasse assumir toda a culpa no lugar do homem que a entregou à morte. Ao longo das gerações seguintes, acreditou-se que ela era responsável pela maldição de Shadyside e por todas as mortes quando, na verdade, seu espírito estava tentando revelar quem era o verdadeiro culpado para que ele pagasse pelo que fez e a maldição fosse quebrada.

Figura 45 — Cenas do filme *Rua do Medo: 1666 - Parte 3*.



Fonte: Netflix, adaptado pela autora.

A produção de *Rua do Medo* não só modifica a percepção sobre a suposta bruxa clichê como também brilha em outros quesitos nas representações de gênero, corpo e afetividade, além de contar com pessoas pretas e amarelas no elenco. Logo nas cenas iniciais fica nítido o comprometimento com o protagonismo feminino ao qual a trilogia se propõe. De fato, os três filmes contam com personagens femininas fortes que são as detentoras de ações determinantes para o desenrolar da narrativa. As protagonistas Sam e Denna vivem um relacionamento lésbico que não é retratado de forma sexualizada: são apenas duas adolescentes apaixonadas enfrentando dramas da idade (como qualquer casal), com uma pitada de eventos tenebrosos à sua volta. Não é pouca coisa que duas garotas LGBTQIA+ sejam as

heroínas em um dos gêneros que mais maltrata as mulheres em suas representações.

Figura 46 — Personagens da trilogia *Rua do Medo*.



Fonte: Netflix, adaptado pela autora.

### 6.9 O que podemos aprender dos filmes?

Infelizmente, os filmes são grandes perpetuadores do pensamento capitalista — o que faz sentido, visto que eles também são produtos comerciais dentro desse sistema. Uma grande estratégia da indústria do entretenimento é o reaproveitamento de narrativas com apelo nostálgico como forma de garantia de audiência e, conseqüentemente, de receita. Esta é uma fórmula de sucesso utilizada por muitas franquias (Marvel, por exemplo), pois é mais fácil ganhar o interesse das pessoas ao apresentar algo familiar que já possui engajamento do que o risco de tentar emplacar uma nova propriedade intelectual. Com a temática das bruxas não seria diferente: isto pode ser observado desde os desdobramentos infinitos do universo de *Harry Potter* aos diversos *remakes*, releituras e sequências produzidas, seja de imediato ao original ou muitos anos depois. Isto confirma as bruxas enquanto figuras de influência na cultura pop e perpetuamente presentes no imaginário coletivo.

Apesar de haverem exceções, a maioria das personagens dos filmes são figuras que ensinam que as bruxas são incontroláveis, que elas têm ódio e fazem maldade. Das produções infantis às adultas, nossa vida inteira é permeada por esse imaginário, que pedagogicamente vai ensinando como não devemos ser e qual o preço que pagamos quando nos comportamos de tal forma — a “moral da história”.

O imaginário referente à bruxaria foi pouco modificado, apesar de haver grandes tentativas de modificação e uma maior abertura para as práticas mágicas como forma de fé. Sem dúvida, tanto o cinema quanto a TV recebem grande parte da responsabilidade sobre como esse imaginário é moldado e como a cultura absorve novas representações de um ícone já tão consolidado. A imagem da bruxa sofre diversas remodelagens quando observamos as produções audiovisuais que abordam esse tema. [...] Também há a transformação quanto à posição da feiticeira na sociedade. De exclusiva e às margens, como a tradição apontava, elas agora fazem parte da comunidade, mesmo que ainda em meio a receios quanto a suas intenções benignas ou malévolas [...]. Por fim, quanto ao eterno dualismo entre bem e mal, não há padrão entre as diversas representações das bruxas por parte do cinema e TV, embora encontremos uma tendência a separar as bruxas boas e más em gêneros diferentes, como a comédia e o terror, ainda não podemos afirmar que haja a dissociação da feiticeira com os dos lados mais sombrios do sobrenatural. (DIAS; CABREIRA, 2019, p. 194)

Existe uma disputa de imaginário sobre o conceito da bruxa: enquanto as feministas recuperam este termo de uma maneira positiva enquanto símbolo de resistência, em paralelo muitas produções culturais continuam caracterizando-a de forma pejorativa e distorcida. As narrativas coexistem e a imagem arquetípica da bruxa vai acumulando significados até mesmo contraditórios. Silvia Federici defende que este tipo de iniciativa da indústria cultural (o endossamento da imagem da bruxa-mulher enquanto má) não é inocente e não deve ser aceita, pois ela aliena nossa consciência da realidade histórica.

A coisa mais importante que uma feminista pode fazer hoje é não apenas abraçar essa imagem da bruxa, mas também aprender mais, familiarizar-se com a história das mulheres, a verdadeira história das mulheres que de fato foram acusadas, presas, perseguidas e brutalmente assassinadas. [...] As pessoas acham que as bruxas são lendas, são personagens imaginários. Elas não são. Eram mulheres de verdade que foram acusadas, presas e mortas. E precisamos conhecer essa história, que sempre foi apagada, para entendermos o que está acontecendo no presente. (FREDERICI, 2020, 3 min 43 s)<sup>95</sup>

Gerações foram criadas aprendendo quais são as características de uma bruxa por meio do senso comum da televisão. O filme *Convenção das Bruxas* tem um monólogo inicial muito simbólico, no qual uma avó alerta seu neto sobre como reconhecer uma bruxa (apesar dela mesma estar cercada de poções e velas).

---

<sup>95</sup> Cf. nota de rodapé 12.

Quando seu pai era um garoto assim como você e morava comigo aqui na Noruega eu também contei a ele sobre as bruxas para que ele sempre ficasse prevenido. Agora, a coisa mais importante[...] Escute com bastante atenção. As bruxas de verdade se vestem com roupas comuns e se parecem com mulheres comuns. Elas moram em casas comuns e têm empregos comuns. Todos os países do mundo têm bruxas. E há uma líder: a bruxa principal de cada país. E a principal de todas as bruxas é a mulher mais diabólica que existe. [...] As bruxas passam tempo planejando como matar as crianças. [...] Uma bruxa pode até morar na casa ao lado. [...] O que a torna perigosa é o fato de que ela não parece perigosa. Você nunca sabe se está olhando para uma bruxa ou para uma gentil senhora. (CONVENÇÃO DAS BRUXAS, 1990, 2 min 4 s)<sup>96</sup>

Quantos garotos cresceram assistindo essa cena nas tardes da tv aberta brasileira e foram educados a desconfiar das mulheres ainda muito jovens. Talvez eles tenham essa suspeita para o resto da vida, porque ela lhes foi introduzida muito cedo através de conteúdos culturais que pareciam inofensivos, mas que elaboravam e reforçavam crenças de gênero em seus inconscientes.

A estética comum criada pelas representações cinematográficas também perpetua o imaginário coletivo, seja no que diz respeito aos elementos que são folcloricamente associados às bruxas, seja na exclusão de narrativas de mulheres não brancas, cisgêneros e heteronormativas. A temática da bruxa nasceu emaranhada nas questões de “ser mulher”, mas onde estão as representações de bruxas lésbicas? Onde estão as histórias de bruxas trans? As bruxas pretas, as amarelas, as indígenas? Estas são uma minúscula minoria quando olhamos para a coleção de personagens deste capítulo, sendo perceptível o recorte de gênero, orientação sexual, raça e classe feito nas escolhas dos roteiros. Falar de bruxas é falar de mulheres, mas há um silenciamento estrutural daquelas que ainda não são aceitas enquanto “mulheres de verdade”. O fato de filmes e livros as excluírem das narrativas é um reflexo da própria exclusão social sofrida, mas isso não quer dizer que elas não existam — tanto na vida real quanto nas suas próprias lendas.

---

<sup>96</sup> CONVENÇÃO DAS BRUXAS (1990). **convenção de bruxas 1 parte**. 15 outl. 2015. 4 min 32 s, color. Canal Neto Petrova. Disponível em: <<https://bit.ly/3cg4gHg>>. Acesso em: 29 out. 2021.

## 7 ELAS ESTÃO NA CIBERCULTURA

A última lógica cultural proposta por Santaella (2017) é a da cibercultura. Este fenômeno comunicacional é muito mais complexo e recente, de forma que estamos tentando responder os questionamentos que ele suscita ao mesmo tempo em que protagonizamos a construção experimental e a já transformação de suas linguagens inovativas: a internet, as redes sociais, os *mobiles*, os *smartphones*, a TV digital, a *big data*, a inteligência artificial e os algoritmos.

A cibercultura está umbilicalmente ligada à mundialização em curso e às mudanças culturais, sociais e políticas induzidas por essa globalização. Ela se apóia sobre esquemas mentais, modos de apropriação social, práticas estatísticas muito diferentes das que conhecíamos até agora. A navegação abstrata em paisagens de informações e de conhecimentos, a criação de grupos de trabalho virtuais em escala mundial, as inúmeras formas de interações possíveis entre os cibercibers e seus mundos virtuais criam enorme quantidade de comportamentos inovadores cujas consequências sociais e culturais ainda não puderam ser suficientemente estudadas (Quéau, 2002, pp. 478-479). (SANTAELLA, 2017, p. 126)

No ambiente da cibercultura, o fluxo da produção e do consumo do conteúdo não é linear. A internet possibilita que esses processos ocorram de forma simultânea numa rede global virtual. Trata-se de uma lógica cultural muito mais participativa na qual não há uma separação definitiva entre os papéis de produtor e consumidor, e os veículos tradicionais perdem o monopólio na transmissão de mensagens. O alcance dessas tecnologias midiáticas também permite que esta interação (seja ela síncrona ou assíncrona) aconteça entre agentes de qualquer lugar. Forma-se uma rede interconectada, diversificada e multicultural.

A revolução digital e as tecnologias comunicacionais móveis proporcionaram uma digitalização da vida de tal forma que esses dispositivos integraram-se inteiramente ao nosso cotidiano. As pessoas passaram a ter um controle cada vez maior do processo de escolher e personalizar seu consumo de informações. Os conteúdos deixam de ser impostos massivamente e o receptor também é agente construtor e manipulador das mensagens nos meios digitais. Isso dá “início a um processo irreversível de individualização, emancipação e empoderamento do consumidor de mídia” (POMPEU, 2018, p. 119-120).

[...] tem-se cada vez mais uma troca de conhecimentos entre os agentes colaboradores, constituindo saberes de que ninguém é de fato proprietário. Esse tipo de conhecimento, o socialmente constituído, muda as pessoas que do processo participam e, ao mesmo tempo, mudam o próprio conhecimento elaborado. [...] não se consomem mais as mídias, hoje em dia, de maneira estanque, cada uma delas isoladamente. O que os indivíduos atualmente têm praticado é um consumo midiático transversal aos meios de comunicação, com conteúdos que se espalham por várias plataformas e linguagens, resultando nessa tal convergência, que, como se viu, acontece na cabeça de cada um e no compartilhamento com os outros. (POMPEU, 2018, p. 112-113)

O crescimento da complexidade midiática abriu caminho para infinitas novas possibilidades comunicacionais híbridas. Intensificaram-se as misturas entre as lógicas culturais e suas linguagens, com cada vez mais conteúdos multimodais e cruzamentos entre canais. Agora que estamos olhando para o último ciclo cultural, é mais fácil compreender como se dá o funcionamento dessas engrenagens juntas.

Apesar da coexistência e das misturas entre todas as formações culturais, as mídias mais recentes acabam por se sobressair em relação às demais. É isso que vem sucedendo com as mídias digitais que instauraram a cibercultura, cuja expressão mais visível encontra-se na internet e mais recentemente nos aparelhos móveis. Contudo, esse domínio não é suficiente para asfixiar o funcionamento das formações culturais preexistentes. É a atual convergência das mídias no mundo ciber, na coexistência com a cultura das mídias e com a cultura de massas, juntamente com as culturas precedentes, a oral, a escrita e a impressa, todas ainda vivas e ativas, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a densa rede de produção e circulação de bens simbólicos atingiu nossos dias e é uma das marcas registradas da cultura digital. (SANTAELLA, 2017, p. 130)

Os neopagãos marcaram presença na internet desde os anos iniciais da cibercultura e isso ajudou muito na construção do movimento da bruxaria moderna. A popularização gradual do uso da internet a partir de 1990 e a possibilidade de hospedar páginas online em servidores web expandiram a conversa sobre bruxaria para muito além dos muros de grupos tradicionalistas esotéricos. A internet foi um meio dos membros se comunicarem entre si e de se comunicarem com o público geral, transformando-se em ferramenta de disseminação e empoderamento da comunidade bruxa moderna; estreitando a conexão e o diálogo entre membros, interessados e curiosos; dando uma maior liberdade de expressão de pensamentos em um ambiente relativamente protegido.

A internet foi um elemento central para o desenvolvimento do movimento da bruxaria por duas razões: reforça a atitude de tipos culturalmente marginais em geral, permitindo a conexão entre pessoas que, de outro modo, permaneceriam isoladas umas das outras e, ao mesmo tempo, garantindo a privacidade e o anonimato de cada um desses indivíduos. (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 223)

Um exemplo disso foi o surpreendente crescimento do *website* witchvox.com: inaugurado em 1997 com 56 páginas de conteúdos e listas de contatos neopagãos, após um ano a lista ampliou-se para milhares de contatos categorizados por estado e país (visto que o site alcançou relevância internacional) e indicações de 976 sites pagãos, 250 lojas de artigos esotéricos e 385 círculos e eventos. Em 2006, os acessos ultrapassavam 200 milhões (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 225). A internet permitiu que bruxos solitários encontrassem uma comunidade próxima ou formassem a sua própria online.

Figura 47 — Antiga página do *website* witchvox.com.



Fonte: Crossroads Witch, 2019.

Hoje, as redes sociais são um dos principais canais pelos quais as pessoas estabelecem um primeiro contato com a prática da bruxaria (ibidem). Elas são a nova grande vitrine da bruxaria e alimentam esse fascínio por meio de todos os tipos de abordagens: no incentivo à cultura pop adolescente de “faça você mesmo”, que tem um formato facilmente viral, replicável e instantâneo; em páginas de grupos que levam a prática espiritual mais a sério; em perfis oficiais de escolas, cursos e eventos de magia e todo tipo de conhecimento que esteja relacionado à bruxaria atualmente; em páginas que reúnem reflexões acadêmicas, históricas, sociais e/ou feministas; em perfis individuais de bruxos auto-proclamados que disponibilizam algum tipo de serviço ou conteúdo místico.

Sobre estes últimos, são comuns os usuários de redes sociais que tentam promover seus serviços produzindo conteúdos que se relacionam à bruxaria de alguma forma. De fato, a inteligência algorítmica das redes colaborou para que o interesse pela bruxaria e seus variados conhecimentos correlatos se convertessem em milhares de seguidores em perfis sobre o tema e altas porcentagens de engajamento. Essa tendência de comportamento foi percebida pelo mercado, que começou a atuar junto a esses perfis injetando renda através de “recebidos”, publicidade, projetos de colaboração e afins, tornando-os ainda mais conhecidos e legítimos enquanto referências desses assuntos. Nasceram então as bruxas influenciadoras, e elas não são poucas nem se restringem a poucos assuntos.

Figura 48 — Perfis do Instagram de Bruxas influenciadoras e suas escolhas de bios.

The image displays six Instagram profiles of witch influencers, arranged in a 3x2 grid. Each profile includes a profile picture, a bio, and statistics for publications, followers, and accounts followed.

Profile Name	Publications	Followers	Following
magiadebruxa	3.870	217 mil	4.549
diariodabruxa	1.601	193 mil	2.622
_houhou_	541	178 mil	423
bellavalhosa	1.998	88,7 mil	787
temperodebruxa	1.023	84,8 mil	376
bruxasveganas	214	25,9 mil	503

**magiadebruxa**  
 Dani Petrucci . Magia de Bruxa  
 Mais de 33 anos de Bruxaria e Magia ♡Nascida em familia de Bruxas ♡Mãe ♡Sacerdotisa ♡Escorpiana  
 Escola de Bruxaria ♡Tarô e Runas ♡Cursos  
 Ver tradução  
[linktr.ee/magiadebruxa](http://linktr.ee/magiadebruxa)

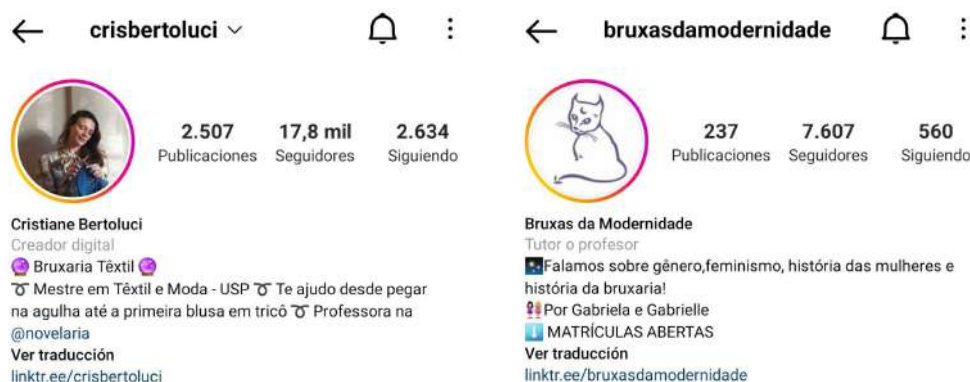
**diariodabruxa**  
 Pri Ferraz - Diário da Bruxa®  
 Periodista  
 Desperte sua Bruxa interior 🌱 Participe Gratuitamente da MasterClass - Eu, Bruxa Natural 🌱  
 Ver tradução  
[bit.ly/masterclass-eubrujanatural-ig-102](http://bit.ly/masterclass-eubrujanatural-ig-102)

**\_houhou\_**  
 ) HOUHOU ( por Verônica Alves  
 Artista  
 • Artista • Curandeira • Escritora 📺 Criadora do @oraculo.houhou  
 Lista de espera CÔSMICA!  
 Ver tradução  
[houhou.com.br/cosmica-lista](http://houhou.com.br/cosmica-lista)

**bellavalhosa**  
 Isabella Valhosa  
 Artista  
 Artista visual, bruxa e taróloga. Piauiense em São Paulo.  
 28 anos  
 @valhosa  
 Ver tradução  
[valhosa.com.br/](http://valhosa.com.br/)

**temperodebruxa**  
 Amanda Celli-Tempero de Bruxa®  
 Conectando você com a Mãe Terra através da magia das ervas e dos alimentos 🌍  
 Acesse o site e leve o meu livro de Culinária Mágica para sua cozinha 📖  
 Ver tradução  
[linktr.ee/temperodebruxa](http://linktr.ee/temperodebruxa)

**bruxasveganas**  
 bruxas veganas  
 Blog personal  
 ou mulheres cozinhando plantas  
 veganismo popular, receitas acessíveis e reflexões  
 inacabadas  
 por @mavi.beligni e @jucaterina  
 Ver tradução  
 São Paulo, Brazil



Fonte: Instagram, adaptado pela autora.

Uma segunda coisa importante que a internet permitiu foi que o retrato de quem se apresenta enquanto bruxa tornou-se um pouco mais diverso do que o que era mostrado nos filmes e livros. O formato das redes sociais viabilizou que este universo de bruxas influenciadoras também fosse composto por mulheres não cisgênero e de diferentes raças, etnias, orientações sexuais, classes, religiões e idades. A cena tornou-se mais plural, ainda que os problemas de construções sociais não tenham desaparecido desses meios, apenas se adaptado a eles.

Atualmente, bruxas influenciadoras são conhecidas tanto por sua atuação mística quanto pelo seu discurso politizado. Bruna Paludo (@br000na, conhecida por Madama Brona)<sup>97</sup> é a maior bruxa e oraculista das redes no momento. Junto dela estão Tatiane Lisbon (@papisa\_)<sup>98</sup>, Pamela Ribeiro (@abruxapreta)<sup>99</sup>, o casal Meliny Bevacqua e Lu Lentz (@meiodaterra)<sup>100</sup>, Kya Mesquita (@kyalene)<sup>101</sup> e Paula Mariá (@mysticaeselvagem)<sup>102</sup>.

<sup>97</sup> Considerada um ícone na internet, Bruna aborda o misticismo com muita diversão e usa sua visibilidade para debater questões de transformação social com muita responsabilidade.

<sup>98</sup> Usa a bruxaria como ferramenta de resistência e foi uma das primeiras mulheres negras a destacar-se na área da astrologia. Fala de racismo no meio espiritual e espiritualidade na quebrada.

<sup>99</sup> Se reconhece como feiticeira marginal e fala da bruxaria numa perspectiva favelada anticolonialista. Facilita o curso “Tarô Periférico” e debates sobre consciência erótica.


<sup>100</sup> Meliny é uma mulher transgênero e Lu é não-binária. Elas têm uma filha de 3 anos e dão aulas de Tarot, Sagrado Trans e Astrologia pós-binária. Meliny escreveu o livro *Transespírito*.

<sup>101</sup> Fundadora e professora de astrologia humanista do Instituto Solare, Kya é ativista antiproibicionista de drogas e colabora com as notícias sobre a maconha no Brasil no Cannabis Monitor.

<sup>102</sup> Cartomante intérprete do NOSOTRAS Tarot, um deck de tarô feminista que foi o primeiro no mundo a ser totalmente ilustrado com imagens de mulheres.


Figura 49 — Perfis do Instagram de Bruxas influenciadoras e politizadas.

**br000na** ✓







**408** Publicaciones **255 mil** Seguidores **3.497** Siguiendo

**Brona Palodo**  
madama brona magia, artes & afins  
Ver traducción  
[open.spotify.com/episode/2pEHnDpjbplHc6G900mN01?si=4J...](https://open.spotify.com/episode/2pEHnDpjbplHc6G900mN01?si=4J...)


 **lauriemartignago, brunouen.o y 183 personas más** siguen esta cuenta

Siguiendo ▾ Enviar men... Correo elec... ▾

 Podcast  Semanal  Horóscopo




**papisa\_** ✓




**143** Publicaciones **66,2 mil** Seguidores **1.225** Siguiendo


**A Papisa • Tatiane Lisbon**  
vivendo de magia&internet por @tatixlisbon  
Colunista @voguebrasil @universa\_uol  
Astrologia • Tarot • Numerologia  
hello@papisa.net  
Ver traducción  
[linktr.ee/papisa\\_](https://linktr.ee/papisa_)

 **br000na, papiroestelar y 102 personas más** siguen esta cuenta

Siguiendo ▾ Enviar men... Correo elec... ▾




**abruxapreta**








**439** Publicaciones **63,3 mil** Seguidores **1.292** Siguiendo

**A Bruxa Preta**  
→ Poesia, tarô, e astrologia;  
→ Facilitadora em consciência erótica;  
→ Espiritualidade e fogo no parquinho.  
Ver traducción  
[www.abruxapreta.com/atendimento](https://www.abruxapreta.com/atendimento)  
Osasco, Sao Paulo


 **naiaratomayno\_, julia.anadam y 92 personas más** siguen esta cuenta

Siguiendo ▾ Enviar men... Contactar ▾

 livros •  agendar •  consultas •  rezo




**meiodaterra**







**123** Publicaciones **56,1 mil** Seguidores **2.380** Siguiendo

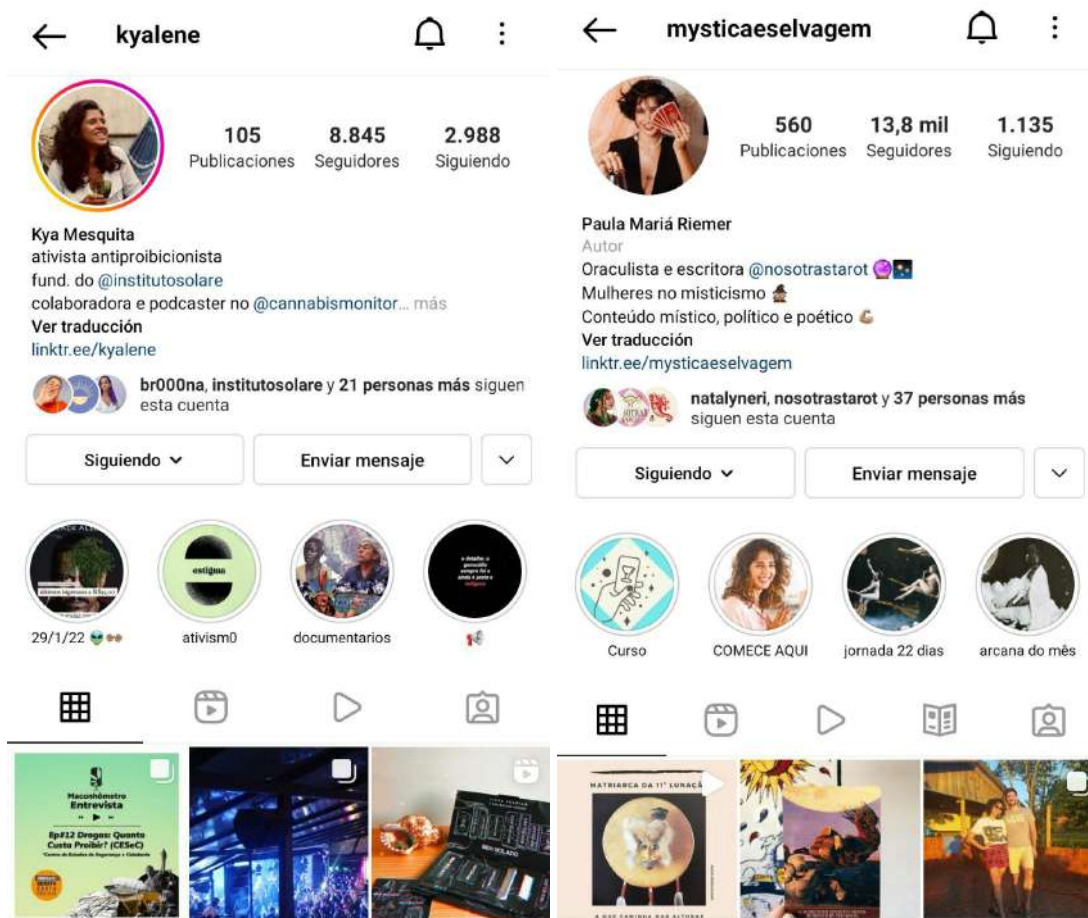
**meio da terra**  
astrologia, tarot & espiritualidade  
atendimentos e aulas via WhatsApp (link abaixo)  
Ver traducción  
[linktr.ee/meiodaterra](https://linktr.ee/meiodaterra)

 **posbinaria, melinybevacqua y 84 personas más** siguen esta cuenta

Siguiendo ▾ Enviar men... Contactar ▾

 consultas  feedbacks 





Fonte: Instagram, adaptado pela autora.

Assim como tantas bruxas da internet (e fora dela), essas influenciadoras abordam a bruxaria relacionando-a com outras áreas de conhecimento: astrologia, numerologia, cartomancia, ervas, cristais, cabala, runas, rituais mágicos e práticas espirituais de diferentes culturas. Elas partem de um princípio de “espiritualidade autônoma”, onde esses conhecimentos podem ser aprendidos, mas não devem ser tomados como leis rígidas, sendo o mais importante seguir a intuição e adaptar as práticas para a própria realidade e para o que faz mais sentido para cada um.

Mas o que realmente tornou essas influenciadoras populares (além de boas habilidades comunicacionais) foi o fato delas não desassociarem a bruxaria da realidade social e do momento político atual: elas conectam diferentes saberes esotéricos com debates atuais de gênero, raça e classe; falam de saúde mental e espiritualidade levando em conta as estruturas materiais e combatendo à conhecida “positividade tóxica”; atualizam conceitos rígidos e preconceituosos para uma linguagem mais inclusiva e consciente, especialmente devido às muitas visões

cisnormativas desse meio que se baseiam na binaridade de energias homem-mulher ou em analogias racistas de luz-sombra, claro-escuro. “Não adianta dizer para uma pessoa não branca, da favela, que se nutrir de bons sentimentos é solução para a vida. Isso só traz alívio até a página dois, porque, quando você olha pela janela, lembra da sua realidade” parafraseia Gama (2021)<sup>103</sup> em uma matéria sobre Pamela.

Apesar desse conteúdo parecer bastante denso, essas bruxas provaram-se grandes comunicadores digitais e conseguiram trazer uma visão crítica da realidade sem perder a leveza, o humor e o apelo popular. Através de muitos memes da internet, linguagens visuais modernas e conteúdos de entretenimento em formatos fáceis de serem consumidos, elas criaram um elo de ligação entre diferentes abordagens de bruxaria que antes era comum serem apresentadas separadamente: a bruxa enquanto ofício espiritual, a bruxa enquanto entretenimento da cultura pop e a bruxa enquanto símbolo político e de luta feminista. A forma como elas conectam todos esses assuntos de forma fluida em suas personas digitais transformou o “isso ou aquilo” em “isso e aquilo”. Esse diferencial funcionou tão bem que seus nomes ganharam repercussão.

Enquanto influenciadoras, elas tornaram-se tendência e um grande ímã de audiência para o mercado, especialmente a Madama Brona e a Papisa. Além do sucesso de seus perfis no Instagram, elas estão constantemente participando de projetos com marcas relevantes como Gucci<sup>104</sup>, Google<sup>105</sup>, Netflix<sup>106</sup>, Westwing<sup>107</sup> e Nestlé<sup>108</sup>; sendo matéria e/ou capa de revistas como Glamour<sup>109</sup>, Marie Claire<sup>110</sup> e

<sup>103</sup> NEVES, Betina. **Místicas e Politizadas**. In: GAMA. 31 ago. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3CEV4XM>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>104</sup> PALUDO, Bruna. **Perfil de @br000na no Instagram**. Publicado em 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nla9n7>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>105</sup> PALUDO, Bruna. **Perfil de @br000na no Instagram**. Publicado em 20 jul. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nGPkbl>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>106</sup> TOMÉ, Bruno. **Luísa Sonza e Madama Brona adivinham signos dos personagens de Elite em vídeo da Netflix**. In: OBSERVATÓRIO do Cinema. 20. set. 2019. Disponível: <<https://bit.ly/3clE1t2>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>107</sup> LISBON, Tatiane; WESTING. **Os signos do zodíaco e a decoração da casa**. 25 jun. 2020. 2 min 29 s, color. Canal Westwing Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/30SlpDF>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>108</sup> LISBON, Tatiane; FABOZZI, Lucas. **Cozinha Astral**. 18 dez. 2019. 12 vídeos, color. Canal Receitas Nestlé. Disponível em: <<https://bit.ly/3FE3alb>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>109</sup> GARGARO, Larissa. **Br000na, Isabella Mezzadri e Papisa estreiam a 2ª edição 100% digital da Glamour**. In: GLAMOUR. 13 jan. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/3cBeMsM>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>110</sup> PINHO, Flávia. **Conheça as bruxas da nova geração**. In: MARIE Claire. 31 out. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/3FBxQDK>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Gama<sup>111</sup>; são convidadas de programas como o podcast Bom dia, Obvious<sup>112</sup>, o podcast Tô na Trace<sup>113</sup>, o talkshow TransMissão<sup>114</sup> e eventos importantes sobre indústria de criadores e conteúdo digital como YOUPIX Summit<sup>115</sup>.

Contudo, ainda que os posicionamentos políticos de tais bruxas e suas escolhas conscientes de contratos tentem minimizar as contradições perante às causas que defendem, inegavelmente a dinâmica de influenciadores digitais serve à lógica capitalista, pois ela só funciona a partir do momento em que esse agente torna-se referência de algum determinado assunto perante uma determinada audiência de interesse, passando a ter o poder de legitimar discursos e marcas e influenciar a opinião dessa audiência por meio de diferentes tipos de estratégias que, na maioria das vezes, tem o propósito de converter-se em receita para um ou mais dos agentes atuantes nessa cadeia. Dito isto, fica claro que a ascensão de bruxas influenciadoras no meio digital só é possível porque, no fim do dia, essa tendência também está inserida na lógica do sistema vigente e o favorece de alguma maneira. Nada disso torna ilegítimo o ofício místico e politizado dessas mulheres, porque no fim do dia elas também são partes de uma engrenagem maior da qual é difícil escapar e precisam receber salário para sobreviver. Na verdade, é ainda mais interessante pensar que elas encontraram uma maneira de sobreviver tornando sua bruxaria uma força de trabalho reconhecida e com alta demanda tanto de clientes individuais quanto de grandes marcas.

---

<sup>111</sup> Cf. nota de rodapé 103.

<sup>112</sup> CERIBELLI, Marcela. **Bom dia, Obvious #23 / especial novos começos: detox nas relações**. 21 jan. 2020. 56 min 53 s, color. Canal Obvious+. Disponível em: <<https://bit.ly/3l03zXv>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Idem. **Bom dia, Obvious #10 / místicas viajantes**. 15 out. 2019. 40 min, color. Canal Obvious+. Disponível em: <<https://bit.ly/2Zcccq0>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>113</sup> GLOBOPLAY. **Ep 22: Astrologia é pop!** 4 nov. 2021. 41 min 58 s. Podcast Tô na Trace. Disponível em: <<https://spoti.fi/3r1U11K>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>114</sup> GLOBOPLAY. **Madama Brona**. In: TransMissão. 7 ago. 2019. 11 min, color. Disponível em: <<https://bit.ly/3CLQczY>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

<sup>115</sup> YOUPIX. **CONTEÚDO SEM TELA, O FUTURO PELA VOZ**. In: YOUPIX Summit 2019. São Paulo, 11 set. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3xb7pSp>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Tabela 1 — Retrato dos perfis de Instagram de bruxas influenciadoras

Nome	Pamela Ribeiro	Tatiane Lisbon	Bruna Paludo
<b>Usuário</b> como escolheram se identificar	<b>@abruxapreta</b>	<b>@papisa_</b>	<b>@br000na</b>
<b>Seguidores</b> até o momento	63,3 mil	66,2 mil	252 mil
<b>Bio do perfil</b> como escolheram se apresentar	→ Poesia, tarô, e astrologia; → Facilitadora em consciência erótica; → Espiritualidade e fogo no parquinho.	vivendo de magia&internet por @tatixlisbon Colunista @voguebrasil @universa_uol Astrologia • Tarot • Numerologia hello@papisa.net	madama brona magia, artes & afins
<b>Links na bio</b>	<a href="http://www.abruxapreta.com/atendimento">www.abruxapreta.com/atendimento</a>	<a href="https://linktr.ee/papisa">https://linktr.ee/papisa</a>	<a href="https://madamabrona.com.br/">https://madamabrona.com.br/</a>
<b>Destaques stories</b> o que escolheram frisar no topo	livros; agendar; consultas; rezo; cursos; telegram.	-	Podcast; Horóscopo; Colabs; Dicas.
<b>Formato e volume</b> outubro de 2021	35 publicações 13 reels 1 IGTV	4 publicações 1 IGTV	10 publicações 1 reels 1 IGTV
<b>Editorias</b> temas centrais outubro de 2021	Cartomancia, erotismo, astrologia, racismo, espiritualidade, autoconhecimento e publicidade.	Astrologia, memes, autoconhecimento, e publicidade.	Astrologia, podcast Central de Astrologia e publicidade.
<b>Publicação mais curtida</b> outubro de 2021	+5 mil likes Autoconhecimento <a href="https://bit.ly/3Cp5cnk">https://bit.ly/3Cp5cnk</a>	+10 mil likes Memes <a href="https://bit.ly/3oMK59B">https://bit.ly/3oMK59B</a>	+38 mil likes Astrologia semanal <a href="https://bit.ly/3qHqnyN">https://bit.ly/3qHqnyN</a>
<b>Relação com marcas</b> outubro de 2021	<b>Nestlé:</b> campanha #chocoastral <b>Suvinil:</b> divulgação da cor do ano	<b>Vogue:</b> colunista <b>Universa:</b> colunista <b>MTV Br:</b> participação no <i>reality</i> Rio Shore <b>Nestlé:</b> campanha #chocoastral	<b>Spotify:</b> apresentadora do podcast exclusivo <b>Elle:</b> colunista do horóscopo mensal <b>Multishow:</b> estreia <i>reality</i> Bar Aberto <b>Suvinil:</b> divulgação da cor do ano <b>Sallve:</b> lançamento de produto

Fonte: elaborado pela autora.

É importante frisar que a escolha das bruxas mencionadas enquanto influenciadoras digitais oportunas para esta análise se deu dentro de duas óticas: a primeira é que foi proposital a escolha de influenciadoras brasileiras, pois a ideia é desprender-se de referências estrangeiras demasiado distantes da cultura local e trazer a discussão sobre a representação da bruxa cada vez mais para um campo de apropriação regional; a segunda é que o recorte da vivência da própria autora influenciou essas escolhas e não é possível afirmar se essas influenciadoras são relevantes à nível nacional, pois os dados sobre as principais localizações dos seguidores das contas são privados.

Também vale ressaltar que essa tendência digital não se restringe apenas ao Instagram: existem canais no YouTube, blogs de conteúdo, perfis no Twitter, etc. No TikTok (atual febre em termos de redes sociais), a hashtag *#witchtok* é utilizada para compartilhar práticas místicas, tutoriais de feitiços ou conteúdos interativos no modelo “pense em uma pergunta” que é respondida por uma carta, pêndulo ou objeto mágico mostrado no vídeo. A maioria dessas publicações são produzidas por adolescentes e a hashtag tornou-se uma tendência digital. Ela ampliou o alcance geracional do tema “bruxaria” mais uma vez na História (assim como Jovens Bruxas havia feito em 1996), criou um senso de comunidade entre esses usuários, transformou alguns deles em referências dentro do movimento (angariando milhares de seguidores em seus perfis pessoais) e, claro, recebeu críticas de ocultistas tradicionalistas pela imaturidade do conhecimento e de religiosos dogmáticos que veem a bruxaria como um perigo. Segundo a plataforma, foram mais de 21,3 bilhões de visualizações até o momento. A hashtag *#witchtokbrasil* tem 17,7 milhões de visualizações até o momento.

Figura 50 — Hashtags #witchtok e #witchtokbrasil no TikTok.



Isso quer dizer que a bruxa segue viva na Era Contemporânea graças apenas à internet? Não, pois ela já encontrava meios de continuar sobrevivendo em nosso imaginário em tempos muito menos tecnológicos. Entretanto, é inegável o papel da comunicação digital enquanto meio que possibilitou a multiplicação de agentes envolvidos com o assunto tanto como emissores quanto receptores; na velocidade com a qual essas pessoas são impactadas; no volume de mensagens produzidas; na interação de usuários de diferentes regiões, países e culturas, cruzando as linhas dos limites geográficos. Seja pelo viés espiritual, acadêmico, político e/ou de entretenimento, a bruxa e a bruxaria voltaram a estar tão em alta nas tendências de comportamento em redes sociais que chamou a atenção de veículos, do mercado e de potenciais interessados que possivelmente não entrariam em contato com o tema por conta própria sem uma ajudinha dos algoritmos na aba “Explorar” do Instagram (por exemplo) que captaram um possível interesse via temas correlatos e instigaram essa curiosidade.

Mas um dos maiores ganhos dessa Era foi o fortalecimento do protagonismo das bruxas enquanto emissoras de sua própria narrativa. Isso porque o mais comum

de acontecer com a maioria dos grandes livros e filmes sobre bruxas é que essas obras são produzidas por pessoas que não se identificam enquanto tal em nenhuma das abordagens possíveis. Assim, essas obras não estão representando as bruxas a partir de referências da vivência mas sim de acordo com as referências culturais genéricas que seus produtores possuem. A bruxa quase nunca está falando por si mesma nem apresentando sua própria narrativa — alguém sempre está falando por ela. Essa “narrativa mediada” não é ilegítima<sup>116</sup>, mas muitas vezes pode acabar reproduzindo as marcas das relações sociais de poder e reforçando percepções problematizáveis de quem/como a bruxa é. É preciso ter consciência disso.

Esse movimento de ocupar o lugar de fala já acontecia nas lógicas culturais anteriores com os livros publicados pelas comunidades neopagãs que podiam financiar tais projetos, porém no meio digital isso se dá com um alcance muito mais rápido, abrangente, mundialmente conectado e de forma cada vez mais popular e descentralizada, pois é próprio da cibercultura uma produção de conteúdo bem mais descentralizada, com múltiplos agentes participando da criação da mensagem e dos debates gerados por ela. Como bem demonstra o êxito de bruxas influenciadoras e o volume de conteúdos em primeira pessoa criados em diferentes plataformas digitais, as bruxas (sejam elas quem e como queiram) estão falando por si só.

O conceito de bruxa torna-se cada vez mais difícil de ser delimitado, já que existem múltiplas representações acontecendo simultaneamente em milhares de plataformas de todos os ciclos culturais — coexistindo na oralidade, na escrita, nos impressos, na massa, nas mídias e no ciber universo. Em termos de figura arquetípica do nosso inconsciente coletivo, isso pode significar desde uma perpetuação de símbolos, características e comportamentos historicamente atribuídas a esta figura até o aparecimento de reinterpretações e novas narrativas que conflituam com as percepções pré-estabelecidas, aumentando o repertório de significados que a bruxa contempla na medida em que essas concepções paralelas também ganham força e tornam-se populares (como aconteceu com a releitura

---

<sup>116</sup> Não é como se só fosse permitido falar sobre bruxas apenas quem se considera uma, mas é importante consumir essas obras tendo consciência crítica do que está sendo representado, das naturalizações que não deveriam ter acontecido, da mensagem que fica nas entrelinhas sobre a bruxa e sobre a mulher enquanto papel de gênero. Muitas vezes (não sempre), ela tem a ver com a romantização e a “fabulação” de um evento histórico genocida e misógino, além de retratar faces do machismo, do patriarcado, dos padrões de beleza, do racismo, etc.

feminista da década de 70). Como bem disse Santaella (2017), os fenômenos comunicacionais e culturais acontecem conjuntamente, transformando um ao outro.

No mais, reconhecer-se enquanto bruxa tornou-se um ato de recuperar a liberdade tomada. O movimento de identificar-se com a bruxaria é um caminho para romper com a domesticação imposta pelo patriarcado, por sistemas dogmáticos restritivos, pelo controle imposto ao corpo e à sexualidade, pela restrição à vida da mulher rebelde, destemida, autônoma. É difícil categorizar como uma bruxa é ou não é para definir quem é “bruxa de verdade”, pois sendo uma denominação que recorre à liberdade em oposição à opressão de regras e padrões limitantes, quem define a autenticidade de sua própria bruxaria é unicamente a pessoa que a vivência, ainda que ela seja conceitualmente e empiricamente muito diferente da bruxa do perfil de Instagram ao lado. Quando uma mulher assume-se bruxa, ninguém tem o direito de submetê-la a um novo tribunal a fim de julgar e comprovar o quão bruxa ela é.

Assim, o termo “bruxa” compreende hoje um amplo universo heterogêneo de pessoas e narrativas, pois elas são extremamente distintas em seus recortes sociais, nas tradições pagãs que seguem e na abordagem da temática. Independente de como cada uma performe sua bruxaria e de quem acredite nelas ou não, as bruxas estão aqui: vivas, caminhando pelo mundo real, sejam elas famosas ou anônimas. Mas uma coisa permanece igual: neste presente momento cultural, o título de bruxa sempre é autoconvocado como forma de invocar poder, seja ele mágico ou não.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas é tanta raiva aqui dentro / Não dá pra ser acostumada / Herdei dos antigos e sei direitinho / A história que não foi contada // E a história é minha, porra / Eu tô cansada / Eu faço meu trampo direito / Pra macho dizer que não tô preparada // Não tenho deslumbre com nomes / Invento o meu ritual / Boto a boca no microfone / Se não me tratar de igual pra igual // Não nasci pra ter sonho pequeno / Sou vanguarda na era do pós / Tenho a força do meu pensamento / E carrego a mudança que sou porta-voz // Eu vou cantar por mim / Por minha mãe / Por minha avó / Por minha bisa // As coisas que elas um dia / Calaram / Sofreram / Lutaram / E morreram / Pra que hoje eu esteja viva. (FERRO, 2019, 1 min 53 s)

O caminho até aqui foi longo. Este é um estudo que buscou opor-se aos discursos hegemônicos históricos e sociais. O tema escolhido é um desafio por si só, pois é comum o sentimento de estranhamento inicial quando parte-se do princípio de que bruxas são reais. Para aqueles que nada de familiaridade têm com objeto, o ponto de partida já se caracteriza como um desafio de entendimento, visto que para a grande maioria a bruxa permanece exilada ao campo da fantasia.

O debate aqui proposto tenta provocar não uma rejeição a esse aspecto mítico mas sim a percepção de que a bruxa se relaciona com mais universos além desse: ela é uma personagem fictícia sim, mas ela é *também* uma denominação a mulheres reais, tenha sido esse título atribuído a elas por terceiros de forma pejorativo ou tenham elas se automeado como forma de reivindicar algum poder (espiritual, político e/ou social). Portanto, dentro daquilo que o atual repertório de conhecimento da autora dá conta de alcançar, este é um estudo de abordagem feminista, anti-capitalista e anti-dogmático, como não poderia deixar de ser.

As análises das representações da bruxa dentro das lógicas culturais propostas por Santaella priorizaram a quantidade de figuras famosas que apareceram ao longo dos anos do que a profundidade e minúcia de análise de poucas amostras. Esta escolha justifica-se no fato de que um retrato da quantidade de representações permite a observação de aspectos centrais que se repetem década após década, e a repetição é o ponto chave para a consolidação do inconsciente coletivo. Quanto mais vezes é feita a relação entre a figura arquetípica e um aspecto ou comportamento, mais isso molda o imaginário popular.

O longo inventário das representações midiáticas da bruxa também possibilita perceber o surgimento de novas narrativas contrapondo-se àquela tradicional: personagens, grupos e pessoas que propuseram humanização, inversão de papel e/ou associação a novos significados. Na medida em que essas releituras também tornam-se populares, elas ampliam o imaginário coletivo sobre as bruxas — tanto como personagens quanto como mulheres.

A comunicação tem papel protagonista na difusão dessas mensagens. Ela participa da construção, do reforço e da transformação dos sentidos da bruxa na cultura. Cada ciclo cultural contribuiu e segue contribuindo com as plataformas, canais e tecnologias comunicacionais que os cabem, e que em cada período histórico foram os responsáveis por propagar entre as sociedades a simbologia da bruxa, fosse ela negativa ou positiva. E a bruxa demonstrou-se constantemente presente nos produtos comunicacionais contemporâneos, o que demonstra a relação íntima que a humanidade tem com tal figura arquetípica.

Essa aparição frequente também não é de todo orgânica ou ingênua. O interesse das pessoas pela temática da bruxa, da bruxaria, do ocultismo e do misticismo tornou-se também uma tendência mercadológica, onde a indústria cultural e a indústria do entretenimento produzem conteúdos a partir da percepção de demanda e rentabilidade, ao passo que o interesse das pessoas nesses assuntos também é cada vez mais despertado quanto mais eles aparecem na mídia — de forma ficcional, pop ou esotérica. A comunicação mercadológica apropria-se da bruxa enquanto produto vendável, o que muitas vezes contribuiu para o esvaziamento simbólico dessa entidade e para a “fabulação” criada sobre o período de Caça às Bruxas (o que é um ótimo exemplo de como o imaginário transformou-se por influência dos meios de comunicação que reproduziram repetidamente um cenário medieval quando na verdade este evento deu-se na Idade Moderna).

Muitas pessoas que identificam-se enquanto bruxas utilizam-se dos meios de comunicação para apresentar o que ser uma bruxa significa para elas e qual história da bruxaria elas defendem. Por algumas décadas, a capacidade de movimentar comunicações impressas e de massa sobre o assunto esteve nas mãos de figuras e grupos com autoridade e poder aquisitivo para tal (assim como os grandes fundadores de vertentes da Wicca e do Neopaganismo fizeram com as publicações

de livros e o envolvimento da imprensa). Entretanto, a internet possibilitou uma participação mais plural em abordagens e no recorte social dos emissores.

Colocar as bruxas reais e populares como porta-vozes de sua história provoca uma inversão no papel narrativo, rompendo tanto com o domínio de voz de grupos tradicionalistas quanto com a abordagem da maioria dos livros e filmes famosos sobre bruxas, que quase sempre são produzidos por um terceiro que decidiu como iria representá-las sem nunca ter vivenciado a bruxaria em primeira pessoa. Esse cruzamento de narrativas intensifica-se na medida em que surgem as bruxas influenciadoras digitais. Agora que essas mulheres possuem maneiras de se comunicar de forma mais direta e conseguem ter um certo grau de autonomia quanto a sua representação, observa-se a variedade de possibilidades de sentidos e interpretações quando as mulheres são detentoras de suas próprias narrativas.

No Brasil não foi diferente. Além de consumir os conteúdos produzidos pelas grandes indústrias (como Hollywood), o imaginário local também é alimentado por personagens nacionais fictícias e por uma comunidade bruxa cada vez mais expressiva. E mais: o Brasil conta com um grupo de bruxas que são influenciadoras digitais de grande alcance e que estão extremamente conectadas aos debates políticos e sociais, relacionando o “ser bruxa” com questões atuais complexas que, num primeiro momento, podem aparentar serem distantes umas das outras, mas que, na prática, estão todas conectadas.

O debate proposto por essas mulheres coloca a bruxa num lugar muito diferente daquele fantasioso: a bruxa é parte da sociedade, do cenário urbano, e tem papel na construção da realidade material coletiva. Para elas, a bruxaria é mais do que uma tendência *pop* ou práticas espirituais “diferentonas”. Não, não é possível separar os assuntos de forma tão cirúrgica assim. Uma vez que a bruxaria é uma prática que se materializa nas atitudes da bruxa e a bruxa é uma pessoa existente com seu corpo num tempo-espaço, ela não pode desvincular-se das questões de gênero, raça, classe, sexualidade e demais aspectos que se interseccionam e interagem com o pensamento dominante de instituições políticas e religiosas.

Assim, esse grupo de bruxas militantes ocupa um espaço de debate sobre o papel político da bruxa entre suas comunidades de seguidores. Suas principais discussões e críticas são com relação ao atual desgoverno de Bolsonaro, a

elitização da prática espiritual, os ataques de intolerância religiosa e as expressões estruturais de racismo, machismo e homofobia da sociedade brasileira.

O envolvimento da bruxaria com essas questões não é algo novo se lembrarmos que foi exatamente por intermédio dessas questões que a Caça às Bruxas começou. E como sabemos que os acontecimentos da Idade Moderna realmente deixaram uma herança no nosso imaginário atual? Porque eles têm consequência na vida das mulheres hoje. A associação pejorativa da bruxa à dimensões específicas da mulher endossou séculos e séculos de naturalização da misoginia e do machismo. A forma como nossos corpos são controlados é um reflexo de como esses corpos foram controlados ao longo de todos esses anos.

A abordagem feminista corroborou para que o título de bruxa também fosse reivindicado para além do universo espiritual. Na verdade, cada uma das abordagens têm um impacto diferente em pessoas diferentes, que podem identificar-se com uma ou mais. Torna-se, então, um desafio cada vez maior conceituar tal termo, já que ele abarca um grupo tão heterogêneo de indivíduos. Essas particularidades demonstram que não faz sentido localizar a bruxa dentro de uma única representação e narrativa, pois somos muitas e diversas. Também não tem uso tentar definir categoricamente que “bruxa é isso”, “bruxa é aquilo”, pois esse passou a ser um título reivindicado por diferentes motivos. O que comprova a autenticidade de uma bruxa não é um conjunto de regras e práticas a serem seguidas, e sim seu processo individual de identificação com o termo. Ninguém tem autoridade para dizer se tal mulher é ou não bruxa, apenas ela mesma.

No mais, ficam os aprendizados e percepções colhidas do processo de tecer este trabalho acadêmico não muito convencional. Por certo, este estudo é um feitiço inacabado. O processo de pesquisa provou que as possibilidades de referenciais teóricos, metodologias e aprofundamentos de análise são infinitos — e que bom! Ainda há muito o que amadurecer nestes três aspectos, mas este estudo foi apenas um primeiro passo. Outras possibilidades são tão bem-vindas quanto necessárias: seria possível, por exemplo, investigar mais a fundo o repertório visual das personagens bruxas a partir da semiótica, ou ainda fazer recortes mais incisivos das representações no contexto brasileiro. Outros segmentos de mídias poderiam ser estudados (como a música), ou ainda partir para a pesquisa de campo, para a

interação direta com as bruxas influenciadoras e seus meios. Este sim é um sonho a ser realizado e que, infelizmente, não foi possível materializar neste momento. Coube traçar limites para esta análise e renunciar desejos para que fosse possível terminá-la. As perguntas ainda são muitas e a vontade de investigá-las também.

Então, conclui-se que este não é o fim e sim o começo. Esta pesquisa não é o ponto de chegada e sim a chave que destranca a porta que inicia o caminho. E que assim ela seja! Desejo que o que aqui foi dito ou ficou por dizer provoque, instigue e destrave muitas novas rotas, paralelas ou antagônicas — para mim mesma e para todas que assim desejarem. É isso que espero que meu trabalho tenha realizado.

• 31 de outubro: dia das bruxas •

ouvi que elas eram más e moravam nas histórias de fogueiras onde seus corpos viravam faíscas. foi o que me contaram.

um dia indefinido, elas começaram a aparecer. uma a uma.

eu chamei, e mais delas vieram.

reparei que essas mulheres cavocaram maneiras de dizer não à vida domesticada e encontraram sua ferocidade sem deixar de serem justas e gentis. elas sabiam como chamar os mais velhos de corpo e os mais velhos de alma, chamar os animais, chamar as plantas, chamar os ventos, a lua em todas suas fases, as estrelas, a chuva, o trovão, a estarem confortáveis no escuro, farejar, gozar e umedecer a via. a pular no desconhecido e a voltar para casa.

as mais sábias do que eu me contaram que magia é a alquimia das nossas intenções. ela acontece em tudo que é simples o suficiente para passar despercebido. na boca do fogão. na água do banho. no bem-te-vi que apareceu. na amiga que pediu pra te ligar. na fruta que nasceu do pé e você comeu, escorrendo caldo pelos dedos. quando você chama por ajuda, encarnada ou não.

ser bruxa tem sido um treino constante de reparar em tudo que vive, dentro e fora. prestar atenção de verdade. as instruções mais valiosas chegam por caminhos triviais, fáceis de serem ignorados. a bruxaria me fez criar um relacionamento com os 5 sentidos do meu corpo, com os 4 elementos da natureza, com os ciclos de vida-morte-vida das estações e menstruações, com saberes que busquei em diferentes tradições, religiões, livros e canções.

estou reaprendendo o caminho de volta para a vida instintiva, onde as unhas estão sempre sujas de terra e de tempero e de sangue.

convoquei esse vocativo e ele me convocou de volta.

somos muitas, tantas, todas.

seguimos chamando e sendo chamadas.

por todas as que são e sabem.

pelas que são sem saber.

e por toda criança faceira, jovem inquieta e velha sábia que ouviu uma voz e não soube como responder: nós estamos aqui.

a vela está acesa ♡<sup>117</sup>

---

<sup>117</sup> OLIVEIRA, Aline. **Perfil de @afabre\_ no Instagram**. Publicado em 3 nov. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3HMUriE>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CONTEÚDO. **Carl Gustav Jung**: conheça o fundador da psicologia analítica. In: SUPERINTERESSANTE. 26 ago. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3CHZtsM>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

ALVES, Verônica. **Perfil de @\_houhou\_ no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3lbgMqm>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

ANA. **Perfil de @naclarabruja no TikTok**. Publicado em 15 jul. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3FU2SGZ>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

ARTE Macumbeira. **Perfil de @arte.macumbeira no Instagram**. Publicado em 22 nov. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/31b1Gjj>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

AZUBEL, Larissa. **ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS | O que são? | PSICOLOGIA ANALÍTICA**. 20 abr. 2020. 12 min 11 s, color. Canal PsiCuida. Disponível em: <<https://bit.ly/3CM66KG>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BARBOSA, Leticia N. **BRUXAS MAIS MARCANTES DA HISTÓRIA: SAIBA QUEM SÃO ESSAS MULHERES**. In: FALA! Universidades. 10 jul. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nYCYvC>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

BARBOSA, Felipe. **POR QUE A CUCA É UMA BORBOLETA? O MITO DA "BRUXA DO SONO" NOS LIVROS E NA TV | CIDADE INVISÍVEL**. 9 fev. 2021. 17 min 18 s, color. Canal Felipe Barbosa. Disponível em: <<https://bit.ly/3kFi8PU>>. Acesso em: 30 out. 2021.

BARREIROS, Isabela. **Bruxaria no Brasil: 5 mulheres que foram acusadas de serem bruxas — e mortas injustamente**. In: AVENTURA na História. 24 dez. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3qGxU0U>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BARROS, Fernando. **O que foi o macarthismo?** In: SUPERINTERESSANTE. 14 fev. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3qFCXyp>>. Acesso em: 10 out. 2021.

BATEMAN, Kristen. **WitchTok**: conheça 6 bruxos modernos e entenda como esse movimento vem dominando o TikTok. In: VOGUE. 24 ago. 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/3nAtOoX>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BAZARELLO, Pablo. **‘Jovens Bruxas’ (1996) | 10 Curiosidades do neoclássico adolescente de fantasia e terror**. In: CINE Pop. 29 out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/30MDsMf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

BECO HEXAGONAL. **Perfil de @becohexagona no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3otJvgR>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BERTOLUCI, Cristiane. **Perfil de @crisbertoluci no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZxfnJd>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

BORGES, Gabriela. **“Quero outra sociedade”**. In: REVISTA Trip - Tpm. 19 nov. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3wOEQdg>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

BRUXA. Disponível em: <<https://bit.ly/3avqkWS>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BRUXA. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, Disponível em: <<https://bit.ly/3DIIQOV>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BRUXA. In: MICHAELIS On-line. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nFRzvJ>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BRUXO. In: MICHAELIS On-line. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3CHtGIK>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**, com Bill Moyers. Betty Sue Flowers (org.). São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANHISARES, Mariana. **J.K. Rowling e transfobia: entenda a polêmica**. In: OMELETE. 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3Cj1H1y>>. Acesso em: 10 out. 2021.

CATERINA, J.; BELIGNI, M. **Perfil de @bruxasvegnas no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3paO3ZS>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CELLI, Amanda. **Perfil de @temperodebruxa no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3FU2RTp>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CERIBELLI, Marcela. **Bom dia, Obvious #23 / especial novos começos: detox nas relações**. 21 jan. 2020. 56 min 53 s, color. Canal Obvious+. Disponível em: <<https://bit.ly/3l03zXv>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Bom dia, Obvious #10 / místicas viajantes**. 15 out. 2019. 40 min, color. Canal Obvious+. Disponível em: <<https://bit.ly/2Zcccq0>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CHARNIJ, Carlos. **Sim, você já assistiu esse filme**. In: SUPERINTERESSANTE. 31 out. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3r1TOGU>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CIGANA Sete Saias. **Perfil de @ciganasetesaias7a no Instagram**. Publicado em 13 nov. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3E2Jwz2>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CORDEIRO, Tiago. **Marie Laveau, a feiticeira de Nova Orleans**. In: SUPERINTERESSANTE. 14 fev. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3DLmb4z>>. Acesso em: 25 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **Mulheres que mudaram a história: Helena Blavatsky**. In: SUPERINTERESSANTE. 14 fev. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3FKybEI>>. Acesso em: 25 out. 2021.

COVENANT OF THE GODDESS. Disponível em: <<https://cog.org/>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CONVENÇÃO DAS BRUXAS (1990). **convenção de bruxas 1 parte**. 15 outl. 2015. 4 min 32 s, color. Canal Neto Petrova. Disponível em: <<https://bit.ly/3cg4gHg>>. Acesso em: 29 out. 2021.

DEUTSCHE WELLE. "**Martelo das Bruxas**" orientou séculos de perseguição às mulheres. 28 fev. 2012. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/14AMA>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DIAS, Bruno Vinicius Kutelak; CABREIRA, Regina Helena Urias. **A Imagem da Bruxa**: da Antiguidade Histórica às Representações Fílmicas Contemporâneas. Ilha do Desterro, v. 72, p. 175-197, 2019.

DIDATICS. **JUNG (2) – ARQUÉTIPOS E COMPLEXOS | SÉRIE PSICOLOGIA ANALÍTICA**. 21 mar. 2018. 18 min 08 s, color. Canal Didatics. Disponível em: <<https://bit.ly/3HIDINp>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

DIP, Andrea. **Silvia Federici**: “Espero que esse momento impulse uma forte mobilização de movimentos feministas”. In: PÚBLICA. 22 mar. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3HpBNNt>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FEDERICI, Silvia. **As feministas devem reivindicar a imagem da bruxa? | SILVIA FEDERICI**. 13 jul. 2020. 5 min 17 s, color. Canal TV Boitempo. Disponível em: <<https://bit.ly/3ccYGFJ>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. **SILVIA FEDERICI | A história oculta da fofoca**: patriarcado e silenciamento das mulheres. 15 jun. 2020. 3 min 39 s, color. Canal TV Boitempo. Disponível em: <<https://bit.ly/3cF6xMm>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **SILVIA FEDERICI | Eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado**. 29 mar. 2020. 4 min 3 s, color. Canal TV Boitempo. Disponível em: <<https://bit.ly/32k9bVP>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

FERNANDES, Cláudio. **Invenção da Imprensa**. In: MUNDO Educação. Disponível em: <<https://bit.ly/3cFekd4>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

FERRAZ, P. **Perfil de @diariodabruxa no Instagram.** Disponível em: <<https://bit.ly/3p1shaQ>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FERREIRA, Ivanir. **Bruxas paulistas:** pesquisa resgata história de mulheres acusadas de feitiçaria. In: JORNAL da USP. 16 mai. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3linocG>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

FERRO, Flaira. **Faminta.** 2019. Disponível em: <<https://spoti.fi/3CURKYE>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

FESCINA, Daniela. **O que é a pombagira?** In: SUPERINTERESSANTE. 15 abr. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3cBwtll>>. Acesso em: 25 out. 2021.

FOLLONI, Natália. **Somos as netas:** a representação da bruxa na sétima arte. In: FRANCAMENTE, Querida! 9 mai. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3rgsSZI>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

GARGARO, Larissa. **Br000na, Isabella Mezzadri e Papisa estrelam a 2ª edição 100% digital da Glamour.** In: GLAMOUR. 13 jan. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/3cBeMsM>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

GEORGIA. **Perfil de @leomoonie no TikTok.** Publicado em 10 jun. 2021 Disponível em: <<https://bit.ly/3rdkeut>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

GLOBOPLAY. **Ep 22: Astrologia é pop!** 4 nov. 2021. 41 min 58 s. Podcast Tô na Trace. Disponível em: <<https://spoti.fi/3r1U11K>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Madama Brona.** In: TransMissão. 7 ago. 2019. 11 min, color. Disponível em: <<https://bit.ly/3CLQczY>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

HERRMANN, Vanessa. **Filmes de bruxas:** 30 títulos que vão te enfeitiçar. In: DICAS de Mulher. 22 out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3F112sy>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

HERNÁNDEZ, Isabel. **Contos de fadas dos irmãos Grimm nunca foram feitos para crianças.** In: NATIONAL Geographic Brasil. 3 out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/30sOsy3>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

IGNOTA Books. **Perfil de @IgnotaBooks no Twitter.** Publicado em 29 out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/32A1wmp>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

JOVENS BRUXAS (1996). **Jovens Bruxas - Cena.** 9 ago. 2018. 1 min 49 s, color. Canal 1393. Disponível em: <<https://bit.ly/30nDCcM>>. Acesso em: 25 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **Jovens Bruxas - Cena do ritual na Floresta.** 11 ago. 2013. 4 min 23 s, color. Canal Rick Ghisio Lavigne. Disponível em: <<https://bit.ly/3DjFQIV>>. Acesso em: 25 out. 2021.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LENTZ, Lu; BEVACQUA, Meliny. **Perfil de @meiodaterra no Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/meiodaterra/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LISBON, Tatiane. **Perfil de @papisa\_ no Instagram**. Disponível em: <[https://www.instagram.com/papisa\\_/](https://www.instagram.com/papisa_/)>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LISBON, Tatiane; FABOZZI, Lucas. **Cozinha Astral**. 18 dez. 2019. 12 vídeos, color. Canal Receitas Nestlé. Disponível em: <<https://bit.ly/3FE3alb>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LISBON, Tatiane; WESTING. **Os signos do zodíaco e a decoração da casa**. 25 jun. 2020. 2 min 29 s, color. Canal Westwing Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/30SlpDF>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LUCIA Santaella. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3xe07xc>>. Acesso em: 29 de mai. 2021.

MALVA, Pamela. **ACUSADA DE BRUXARIA E MORTA NA FOGUEIRA: A SAGA DE URSULINA DE JESUS**. In: AVENTURAS na História. 26 nov. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZtBZtU>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MARRON, Dylan. **Perfil de @dylanmarron no Twitter**. Publicado em 14 out. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3ni4oMN>>. Acesso em: 10 out. 2021.

MESQUITA, Kya. **Perfil de @kyalene no Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/kyalene/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MONTER, Edward William. **Witchcraft in France and Switzerland: the Borderlands during the Reformation**. Londres e Ithaca, 1976.

MULAMBA. **P.U.T.A.** Haistudio, 2016. Disponível em: <<https://spoti.fi/32HeS0k>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

NASCIMENTO, F. M. **Cineturismo**. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 88 p.

NETFLIX. **Silenciadas**. 1 h 32 min, color. 2021.

\_\_\_\_\_. **Rua do Medo: 1666 - Parte 3**. 1 h 54 min, color. 2021.

NEVES, Betina. **Místicas e Politizadas**. In: GAMA. 31 ago. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3CEV4XM>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

NOACCO, Gabrielle; SARMENTO, Gabriela. **Perfil de @bruxasdamodernidade no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3d1DDpG>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

OLIVEIRA, Aline. **Perfil de @afabre\_ no Instagram**. Publicado em 3 nov. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3HMURiE>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas na rede virtual: a Internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes de wicca no Brasil. **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 1, 2005.

PALUDO, Bruna. **Perfil de @br000na no Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/br000na/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Perfil de @br000na no Instagram**. Publicado em 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nla9n7>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Perfil de @br000na no Instagram**. Publicado em 20 jul. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nGPkbl>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PEIXOTO, Adriana. “**A imagem da bruxa é um dos primeiros exemplos da propaganda contra mulheres**”. Aliado ao feminismo e ao TikTok, cresce o fascínio com o oculto. In: ZAP. aeiou. 7 nov 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3FgXCwT>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PENUMBRA LIVROS. **Quem Foi Dion Fortune?** 19 jul. 2017. Disponível: <<https://bit.ly/3paBIKX>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PETRUCCI, D. **Perfil de @magiadebruxa no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3o8kqJH>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PINHO, Flávia. **Conheça as bruxas da nova geração**. In: MARIE Claire. 31 out. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/3FBxQDK>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PINTO, Flávio. **‘Harry Potter’ vai ganhar especial em formato de quiz show pela HBO Max**. In: OLHAR Digital. 19 mai. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3kBOICo>>. Acesso em: 25 out. 2021.

POMPEU, Bruno. **Semiopublicidade: Inovação no Ensino-Epistemologia e Currículo da Publicidade**. 1ª ed. Curitiba:: Editora Appris, 2018.

PRESSE, France. **Contos dos irmãos Grimm são declarados patrimônio cultural da Unesco**. In: FOLHA de S. Paulo. 22 jun. 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/3Hrvk4P>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PSICOLOGICAMENTE. **JUNG - Arquétipos e o Inconsciente Coletivo! (COM EXEMPLOS)**. 18 ago. 2020. 8 min 30 s, color. Canal Psicologicamente. Disponível em: <<https://bit.ly/30NVSwi>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

REFLEXÕES da Umbanda. **Perfil de @reflexoesdaumbanda no Instagram.** Publicado em 23 nov. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3HXh04a>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

RIBEIRO, Gustavo Cruz Lucena. **Paris: as representações da cidade pelo cinema e os desejos de viagem.** 2021. 138 f. Monografia (Bacharelado de Turismo) — Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RIBEIRO, Pamela. **Perfil de @abruxapreta no Instagram.** Disponível em: <<https://www.instagram.com/abruxapreta/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

RIEMER, Paula Mariá. **Perfil de @mysticaeselvagem no Instagram.** Disponível em: <<https://www.instagram.com/mysticaeselvagem/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

RIGOBELLI, Gabriela. **Perfil de @gabriela.rigobelli no TikTok.** Publicado em 12 fev. 2021 Disponível em: <<https://bit.ly/3E51cKc>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria: feiticeiras, hereges e pagãs.** 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SANTAELLA, Lucia. Cultura das Mídias revisitada. In: **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007, p. 117-135.

SCLIAR, Muriel Carneiro. **Entre a feiticeira celta e a bruxa má: como o imaginário coletivo (trans)formou-se através do tempo.** 2010. 46 f. Dissertação (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Carolina Rocha. **As noivas de Satã: bruxaria, misoginia e demonização no Brasil colonial.** Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, v. 6, n. 11, p. 68-79, 2017.

\_\_\_\_\_. **Com quantos medos se constrói uma bruxa?** Misoginia e demonização da mulher no Brasil Colonial. Campos-Revista de Antropologia, v. 19, n. 2, p. 31-48, 2018.

\_\_\_\_\_. **O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58).** 2013. 222 f Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

\_\_\_\_\_. **Perfil de @adandarasuburbana no Instagram.** Disponível em: <<https://bit.ly/3pb85Ds>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SILVA, Dartagnan Abdias. **A bruxa moderna e a personagem ressignificada: relações entre o religioso e a mídia.** Sacrilagens, v. 13, n. 2, p. 3-22, 2016.

SILVEIRA, Danieli M. F. da. **O arquétipo da grande mãe na representação da bruxa em contos fantásticos hispânicos contemporâneos.** 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências

Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015.

SOUSA, Alana. **MARIE LAVEAU, A IMPLACÁVEL RAINHA DO VODU**. In: AVENTURAS na História. 17 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3CHVTio>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STEIL, Juliana. **Família de mulher morta após fake news luta por indenização de rede social**. In: G1. 3 mai. 2021. Disponível em: <<https://glo.bo/3F9VIDI>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

TIKTOK. **#witchtokbrasil**. Disponível em: <<https://bit.ly/3rdkyJH>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **#witchtok**. Disponível em: <<https://bit.ly/3o1YVtY>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

THOMAS, Keith. *Religion and the Decline of Magic*. Nove York: Charles Scribner's Sons, 1971.

TOMÉ, Bruno. **Luísa Sonza e Madama Brona adivinham signos dos personagens de Elite em vídeo da Netflix**. In: OBSERVATÓRIO do Cinema. 20. set. 2019. Disponível: <<https://bit.ly/3clE1t2>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

VALHOSA, Isabella. **Perfil de @bellavalhosa no Instagram**. Disponível em: <<https://bit.ly/3o17y7U>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

VAUCHEZ, André. **Ordini mendicanti e società italiana XIII-XV secoli**. Milão: Mondadori, 1990.

VERSO Books. **Perfil de @VersoBooks no Twitter**. Publicado em 15 out. 2020 Disponível em: <<https://bit.ly/3CYTFvd>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

VINICIUS, Marcos. **Harry Potter e a Pedra Filosofal ganha edição especial exclusiva em comemoração aos seus 20 anos**. In: CINEMARA. 17 ago. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3Dn6joN>>. Acesso em: 25 out. 2021.

WIKIPÉDIA. **Castelo Rá-Tim-Bum**. 20 out. 2021. Disponível: <<https://bit.ly/3r0SZ65>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

YOUPIX. **CONTEÚDO SEM TELA, O FUTURO PELA VOZ**. In: YOUPIX Summit 2019. São Paulo, 11 set. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3xb7pSp>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

ZORDAN, Paola B. M. B. G. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 331-341, 2005.

## APÊNDICE A — Lista de filmes famosos com bruxas nos papéis principais

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Gênero</b>
1937	Branca de Neve e os Sete Anões	Animação
1939	O mágico de Oz	Musical
1940	Fantasia	Animação
1942	Casei-me com uma Feiticeira	Comédia
1958	Sortilégio de Amor	Comédia
1959	A Bela Adormecida	Animação
1963	A Espada Era a Lei	Animação
1966	Bruxa — A face do Demônio	Terror
1968	O Bebê de Rosemary	Terror
1987	As Bruxas de Eastwick	Comédia
1988	Elvira, a Rainha das Trevas	Comédia
1989	Pequena Sereia	Animação
1990	Convenção das Bruxas	Comédia
1993	Abracadabra	Fantasia
1996	Matilda	Fantasia
1996	Sabrina, Aprendiz de Feiticeira	Comédia
1996	Jovens Bruxas	Fantasia
1996	As bruxas de Salém	Drama
1998	Da Magia à sedução	Comédia
1998	Sabrina vai à Roma	Comédia
1999	Sabrina vai à Austrália	Comédia
1999	A Bruxa de Blair	Terror
2000	O Livro das Sombras: A Bruxa de Blair 2	Terror
2001	As Brumas de Avalon	Fantasia
2001	Harry Potter e a Pedra Filosofal	Aventura
2002	Harry Potter e a Câmara Secreta	Aventura
2004	Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	Aventura

2005	Harry Potter e o Cálice de Fogo	Aventura
2005	A Feiticeira (série 1964 - 1972)	Comédia
2005	As Crônicas de Nárnia: o Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa	Aventura
2007	Harry Potter e a Ordem da Fênix	Aventura
2009	Harry Potter e o Enigma do Príncipe	Aventura
2009	Arraste-me para o Inferno	Terror
2010	Enrolados	Animação
2010	Harry Potter e as Relíquias da Morte (P1)	Aventura
2011	Harry Potter e as Relíquias da Morte (P2)	Aventura
2011	Caça às Bruxas	Ação
2012	Espelho, espelho meu	Fantasia
2012	Branca de neve e o caçador	Ação
2012	Sombras da Noite	Comédia
2012	As Senhoras de Salém	Terror
2013	João e Maria: Caçadores de Bruxa	Ação
2013	Oz: Mágico e Poderoso	Fantasia
2014	Caminhos da Floresta	Musical
2014	Malévola	Aventura
2015	O Último Caçador de Bruxas	Ação
2015	A Bruxa	Terror
2016	A Bruxa de Blair (remake)	Terror
2016	The Love Witch	Comédia
2016	Animais Fantásticos e Onde Habitam	Aventura
2016	Não Bata Duas Vezes	Terror
2018	A Pequena Bruxa	Fantasia
2018	Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald	Aventura
2019	Malévola: Dona do Mal	Aventura
2020	Convenção das Bruxas (remake)	Comédia
2020	Jovens Bruxas - Nova Irmandade	Fantasia
2020	Silenciadas	Drama

2021	Rua do Medo: 1994 - Parte 1	Terror
2021	Rua do Medo: 1978 - Parte 2	Terror
2021	Rua do Medo: 1666 - Parte 3	Terror
2022	Abacadabra 2	Fantasia
2022	Animais Fantásticos: Os Segredos de Dumbledore	Fantasia

Fonte: elaborado pela autora, 2021.